

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**TRABALHO VOLUNTÁRIO EM PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS:
uma análise a partir do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo/RS.**

Leandro Forell

Porto Alegre

2009

Leandro Forell

**TRABALHO VOLUNTÁRIO EM PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS:
uma análise a partir do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo/RS.**

Dissertação de Mestrado no Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento
Humano da Escola de Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador:

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Porto Alegre

2009

Leandro Forell

**TRABALHO VOLUNTÁRIO EM PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS:
uma análise a partir do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo/RS.**

Conceito final:

Aprovado em 21 de agosto de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.Fenando Mezzadri – UFPR

Prof. Dra Rosane Molina- UNISSINOS

Prof. Dra Janice Mazzo UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Marco Paulo Stigger - UFRGS

Suplente - Prof. Dr Fernando Cavichioli - UFPR

Suplente - Prof. Dr. Alex Branco Fraga - UFRGS

Dedicatória

Dedico este trabalho à **Dona Alvina** (*in memoriam*) que me iniciou no mundo do conhecimento mesmo sendo analfabeta.

À **Fabiana Forell**, pela inspiração

À minha família **Fabiana Mayboroda**, pelo apoio, **Alecsey Forell** por sua energia e **Daisy Forell** por mostrar que jamais se pode desistir da vida.

“Não faz muito sentido estudar fenômenos comunitários como se eles ocorressem em um vazio sociológico”

Norbert Elias.

Agradecimentos

Uma certa vez, em um reino não muito distante um pequeno chimpanzé teve uma ideia: precisava avançar na construção do seu conhecimento. Todas as noites ele olhava as estrelas e ficava imaginando quantas coisas maravilhosas poderiam estar atrás daquelas luzinhas brilhantes no céu.

Em alguns momentos, para sobreviver, ele comia folhas de bananeira em outros pescava alguns cupins com um pequeno graveto. Porém, ele nunca deixava de pensar nas estrelas. Nestes momentos, as histórias de sua mãe, que dentro de sua família era a macaca responsável por buscar alimento fora das fronteiras da floresta, foram fundamentais para o pequeno macaco, pois sem ela ele nunca se daria conta que existe um mundo fora da floresta.

Seu pai um chimpanzé vivido, nunca pensou muito em coisas além de sua realidade, mas com ele o pequeno chimpanzé aprendeu a se relacionar muito bem com todos os outros animais da floresta sejam eles macacos, lesmas, passarinhos ou búfalos, embora dos búfalos ele não gostasse muito.

Ainda dentro da floresta, este pequeno chimpanzé tinha uma irmã que sempre foi uma macaquinha muito invocada. Assim, ao longo dos tempos ensinou a seu irmão a importância de jamais desistir e de que não só nas estrelas existia um mundo a ser descoberto, mas que mesmo dentro de uma minúscula gota de água de orvalho podia existir um universo apaixonante a ser estudado e manipulado. Sua irmã possuía um marido, o lobo alfa d sua família tão estudiosos quanto ela porem mais tolerante e uma filha, uma arara que de tanto falar sempre falava coisas maravilhosas ao seu tio.

Também não poderiam deixar de serem lembrados a paixão da avó materna, a admiração do avô materno, a ética da avó paterna e o espectro de um certo mistério que cercavam as histórias de seu avô paterno.

Pois bem, o pequeno chimpanzé cresceu e com o passar do tempo entrou na escola dos macacos e muitos professores lhe mostraram que

existiam outros planetas e luas, que a floresta possui muitas árvores,... Todos esses professores, desde os mais próximos até os mais distantes foram fundamentais na jornada deste pequeno. Neste período aprendeu a importância de lutar coletivamente e todos os animais do Partido foram muito importantes em sua trajetória.

Entre pensamentos e sonhos o pequeno macaco gostava muito de praticar esportes, porém o esporte que ele mais se dedicou foi a natação. Logo, construiu amizades que ajudaram a consolidar seu caráter, entre elas o Golfinho Élio Becker, sempre estudioso e decidido, chegou a ser uma inspiração de paternidade para o pequeno macaquinho. O tubarão Vinicius Ghedine, companheiro de todos os momentos, a formiga atômica Pablo Silveira, pupilo que mais ensinou do que aprendeu, o morsa Zeca Engel que mostrou a possibilidade de se fazer relações entre a natação e as estrelas. Porém, entre os animais da natação, o mico Regis Barreto Correa foi uma pessoa marcante, pois com toda a sua humanidade sempre deu demonstrações de paixão pelo que se faz e ao mesmo tempo um certo desprendimento.

Depois de ter um envolvimento aquático, o macaco decidiu ter diversas experiências e no aeroclube dos animais aprendeu coisas com os outros animais de lá. Ele sempre lembra com ternura de seus dois instrutores, o albatroz albino Gerson que sempre demonstrou que um sonho é possível e mesmo quando se está na pior das situações se você continuar sonhando este sonho lhe faz voltar a voar cada vez mais alto. E o urubu Miro que ensinou que mesmo nos momentos mais críticos a única forma de conseguir se safar é mantendo a calma e a confiança.

Neste meio tempo, conheceu uma Leoa, muito forte, muito amorosa, muito decidida e com um coração do tamanho do mundo. Com ela o chimpanzé, por incrível que pareça, teve dois filhos: um cavalo indomável, inteligente, sensível e com um coração enorme. E uma pequena Fênix, que volta e meia dá alguns sustos em seus pais, mas que quando tudo parece estar perdido ela sempre ressurgiu das cinzas. Os pais da cabra também foram muito significativos para ele, o pai um urso muito sábio em sua cruzada pessoal a busca de tolerância e a sua mãe uma coruja muito estudiosa e reconhecida por todos como um exemplo de professora.

Porém, mesmo apaixonado pelo ar o que o macaco acabou se dedicando mesmo foi a Educação Física e acabou fazendo a universidade animal. Lá, encontrou muitos colegas importantes, porém alguns professores foram inesquecíveis: prof. Framil, prof. Ramon, profa. Ida Helena Then, profa. Ana Jussara Lustosa, profa. Clarisse Escot, Profa. Margarete Simeonato, prof. Gabriel Grabowski, profa Maria Tereza Cauduro, profa. Mônica Possebon e Profa Márcia Birk, Prof. José Rogério Vidal. Porém, teve uma professora que o incentivou de forma muito intensa, a profa. Mireila Menezes, que o pegou pela mão e o levou para dentro de esferas maiores.

Mas, foi aí que definitivamente o pequeno macaco decidiu que queria ir até as estrelas. Então, fez duas disciplinas com a Profa Carmen Machado, Marlene Ribeiro e Vera Peroni no PPGEDUA(Programa de pós Graduação em educação animal). No PPGCMA (Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Animal), o primeiro contato neste local foi com o secretário, um macaquinho muito animado e gremista chamado André,

Porém, o que modificou definitivamente os conceitos do chimpanzé, que a esta altura já estava bem crescido e ganhou uns bons quilos comendo leite condensado, foi o encontro com o grupo de pesquisa chefiado pelo Super Tigre. Nele, conheceu outro macaco muito gozador e que lhe ensinou que é possível estudar, ser prolixo, cuidar da família e ainda por cima ser brilhante. Conheceu uma gafanhota lutadora de karate, que lhe mostrou o quanto a amizade e o companheirismo podem ser fatores decisivos para a continuidade no processo de pesquisa, embora ela pese ao contrário sua prática é muito mais inspirada do que o Super Tigre diz que é. Passou a admirar o conhecimento aparentemente infindável de um touro argentino muito vigoroso. Com uma ovelha argentina, aprendeu que o rigor e cuidado com a escrita são fundamentais para o sucesso no mundo acadêmico. Com um cão akita, que é de origem japonesa, aprendeu a importância do companheirismo. Com outro cão, um BOXER passou a admirar a capacidade de envolvimento profundo com a área de estudo. Com uma andorinha, que vive viajando entre Rio Grande e Paraná, aprendeu a importância da organização e ratificou a necessidade de pensar teoricamente. Com outro cavalo, este de extremo conhecedor de corridas, aprendeu que as configurações da vida cotidiana são

significativas. Com o as reflexões em torno das políticas o professor curió qualificou o seu estudo.

Porém, foi com Super Tigre que o macaco aprendeu, que tão importante quanto ir até as estrelas e conhecê-las era entender que a luz e o calor que elas produzem possuem efeitos no lugar em que vivemos, e que estes efeitos são heterogêneos dependendo do tempo e do espaço ao qual elas incidem. Para o Super Tigre em primeiro lugar deveria conhecer o lugar onde se vive sabendo que o mesmo também influencia magneticamente o destino das estrelas.

O macaco agradece também a todos os colaboradores da pesquisa e assim como quem de forma indireta colaborou para que a pesquisa se concretiza-se.

Agradece, também, aos membros da Banca ao qual sem suas respectivas colaborações, este trabalho não seria o mesmo.

Resumo

TRABALHO VOLUNTÁRIO EM PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS: uma análise a partir do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo/RS.

Autor: Leandro Forell

Orientador: Marco Paulo Stigger

Neste estudo, me propus a compreender os significados do trabalho voluntário e seus desdobramentos nas políticas públicas de acesso ao esporte e lazer dentro do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo. Para isso desenvolvi uma pesquisa de caráter qualitativo onde foram utilizados os diários de campo, entrevistas semi-estruturadas e análise de documentos. As idas a campo aconteceram em quatro escolas da cidade, sendo que foram realizadas doze entrevistas. Para responder ao objetivo proposto, organizei a dissertação em sete capítulos, sendo o primeiro introdutório, o segundo metodológico, o terceiro descritivo sobre o esporte e o lazer na cidade de Novo Hamburgo e sobre os preceitos do Programa Escola Aberta, o quarto sobre as identidades de Trabalho Voluntário dentro do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo, o quinto sobre as compreensões do esporte sobre o olhar dos trabalhadores voluntários, o sexto sobre as relações de do trabalho voluntário com políticas públicas e o sétimo apresenta realizo as conclusões do trabalho. Na descrição sobre o esporte e lazer na cidade de Novo Hamburgo, procurei demonstrar a dimensão histórica da consolidação destas políticas. Com relação ao Programa Escola Aberta, procurei fazer uma descrição do funcionamento do programa na prática e sua relação com a formulação estruturante determinada pelos documentos do Ministério da Educação. No capítulo de identidades, procuro problematizar as diferentes identidades dos trabalhadores voluntários, relacionando-as às identidades locais e globais de trabalho voluntário. No capítulo que trata sobre o esporte, caracterizo as relações entre o esporte e a inclusão social, a violência, o lazer, a educação, e as multiplicidades de representações de esportes para o programa. No capítulo que trata da relação do trabalho voluntário com as políticas públicas, pontuo a fragilidade da

utilização de trabalhadores voluntários na operacionalização destas políticas, e relaciono este tipo de práticas ao pensamento político-econômico neoliberal e da terceira via, sem operar de uma forma classificatória. Demonstro ainda que ao invés de um encolhimento do estado este tipo de utilização proporciona um alargamento do alcance do estado sem levar em conta o processo de qualificação.

Palavras Chaves: Trabalho Voluntário, Programa Escola Aberta, Políticas Públicas.

Abstract

VOLUNTARY WORK IN SOCIAL SPORT PROJECTS: An analysis on the Opened School Program in Novo Hamburgo

Author: Leandro Forell

Advisor: Marco Paulo Stigger

In this study, I propose to understand the meanings of the voluntary work and its unfoldings in the public politics of access to the sport and leisure of the Opened School Program of Novo Hamburgo. For this I developed a research of qualitative character in which field diaries, half-structured interviews and document analysis had been used. Field exits happened in four schools of the city being that twelve interviews had been carried through. To answer to the considered objective I organized the thesis in seven chapters, the first one is the introductory, the second is the methodological one, the third one brings description on the sport and the leisure in Novo Hamburgo city as well as the rules of the Opened School Program, the fourth is about the identities of Voluntary Work inside of the Opened School Program in Novo Hamburgo, the fifth chapter carries on the understandings of the sport from the perceptions of the voluntary workers, the sixth one treats on the relations between the volunteer work and the public policies and in the chapter seven I present the conclusions of the work. In the description on the sport and leisure in Novo Hamburgo city I searched for demonstrating the historical dimension of the consolidation of these policies. Regarding to the Opened School Program I tried to make a description of the functioning of the program in practice and its relation with the structure formulation determined by documents of the Ministry of the Education. In the chapter related to the identities I demonstrated the different identities of the voluntary workers relating

them to the local and the global identities of voluntary work. In the chapter that treats on the sport I characterized the relations between the sport and the social inclusion, the violence, the leisure, the education, and the multiples representations of sports for the program. In the chapter that deals with the relation between voluntary work and public policies I aimed at to demonstrate the fragility of the use of voluntary workers in making public policies operational, also I related this type of practical to the neoliberal politic and economic thought and to the third way, without operating in a classificatory form. I demonstrated that in spite of the shrinking of the state this type of use provides a widening of the reach of the state without taking in account the qualification process.

Keywords: Voluntary work, Opened School Program, Public Policies.

Resumen

TRABAJO VOLUNTARIO EN PROYECTOS SOCIALES DEPORTIVOS:
una análisis a partir del Programa Escuela Abierta de Nuevo Hamburgo/RS.

Autor: Leandro Forell

Orientador: Marco Paulo Stigger

En este estudio, me propuse comprender los significados del trabajo voluntario y sus desdoblamientos en las políticas públicas de acceso al deporte y ocio dentro del Programa Escuela Abierta de Nuevo Hamburgo. Para eso desarrolle una investigación de carácter cualitativo donde fueron utilizados los diarios de campo, entrevistas semi-estructuradas y análisis de documentos. Las idas al campo sucedieron en cuatro escuelas de la ciudad siendo que fueron realizadas doce entrevistas. Para responder al objetivo propuesto organize la disertación en siete capítulos siendo el primero introductorio, el segundo metodológico, el tercero descriptivo sobre el deporte y el ocio en la ciudad de Nuevo Hamburgo y sobre los preceptos del Programa Escuela Abierta, el cuarto sobre las identidades de Trabajo Voluntario dentro del Programa Escuela Abierta de Nuevo Hamburgo, el quinto sobre las comprensiones del deporte sobre el mirar de los trabajadores voluntarios, el sexto sobre las relaciones de del trabajo voluntario con políticas públicas y el sétimo donde realizo las conclusiones del trabajo. En la descripción sobre el deporte y ocio en la ciudad de Novo Hamburgo procure demostrar la dimensión historica de la consolidación de estas políticas. Con relación al Programa Escuela abierta procure hacer una descripción del funcionamiento del programa en la práctica y su relación con la formulación estructurante determinada por los documentos del Ministerio de la Educación. En el capitulo de identidades procuro demostrar las diferentes identidades de los trabajadores voluntarios relacionándolas a identidades locales y globales de trabajo voluntario. En el capítulo que trata

sobre el deporte procuro caracterizar las relaciones entre el deporte y la inclusión social, la violencia, el ocio, la educación, y las multiplicidades de representaciones de deportes para o programa. En el capítulo que trata de la relación del trabajo voluntario con las políticas públicas procuro demostrar la fragilidad de la utilización de trabajadores voluntarios en la operacionalización de políticas públicas, bien como relaciono a este tipo de prácticas al pensamiento político-económico neoliberal y de la tercera vía, sin operar de una forma clasificatoria. Demuestre aún que al contrario de una reducción del estado este tipo de utilización proporciona una extensión del alcance del estado sin llevar en cuenta el proceso de cualificación.

Palabras Claves: Trabajo Voluntario, Programa Escuela Abierta, Políticas Públicas.

Sumário

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	12
RESUMEN	14
SUMÁRIO	16
LISTA DE TABELAS	17
1. INTRODUÇÃO.....	18
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	22
2. METODOLOGIA.....	31
3 NOVO HAMBURGO E SEU PROGRAMA ESCOLA ABERTA	39
3.1 NOVO HAMBURGO MEU LUGAR	39
3.2 O PROGRAMA ESCOLA ABERTA E A IMPLEMENTAÇÃO EM NOVO HAMBURGO.....	45
4. AS IDENTIDADES DE TRABALHO VOLUNTÁRIO DENTRO DO PROGRAMA ESCOLA ABERTA DE NOVO HAMBURGO	57
5 O ESPORTE PELO OLHAR DOS TRABALHADORES VOLUNTÁRIOS DO PROGRAMA ESCOLA ABERTA DE NOVO HAMBURGO.....	76
6 TRABALHO VOLUNTÁRIO E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE.....	95
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
9. APÊNDICES	128
10 .ANEXOS.....	153
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO	164
PROGRAMA DINHEIRO DIRETO NA ESCOLA	164
PDDE/FEFS.....	164
TERMO DE ADESÃO E COMPROMISSO.....	164

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Disposição dos colaboradores - pg. 36

1. Introdução

A ideia de fazer um estudo de mestrado, tratando das questões do trabalho voluntário, não era uma das minhas metas ao ingressar no Programa de Pós graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF da URGs. Porém, alguns eventos estranhos começaram a acontecer, quando fomos fazer o debate da dissertação de mestrado do Professor Mestre Raphael Loureiro Borges na casa do Prof. Marco Paulo Stigger e lá, meu orientador falou sobre a possibilidade de se pensar no trabalho voluntário como tema, em função de poder discutir o papel do Estado, assunto este que sempre me interessou.

A partir daquele momento, vários acontecimentos culminaram com a definição desta temática, como por exemplo a imensa quantidade de cartazes na ESEF pedindo voluntários para as mais diversas funções. As peças publicitárias que apareceram na mídia, uma acadêmica de Educação Física que se associou ao grupo de pesquisa e que fazia trabalho voluntário. Enfim parece que fatos culminaram para a escolha do tema. Porém, quando definimos este tema de pesquisa, tínhamos a consciência de que eu me configurava em uma pessoa de *dentro* do meio voluntário, ou pelo menos assim eu me considerava.

Escolhido o tema, veio o segundo desafio delimitar a temática, ou seja, qual seria o perfil de voluntários que estudaria? Tentando responder a esta pergunta me debrucei sobre as peças publicitárias e sobre os sites institucionais de organizações do *terceiro setor* que possuem a pretensão de delimitar o que é o trabalho voluntário. O grande problema é que estas definições, em muitos momentos, se constituíam como contraditórias.

O segundo movimento de delimitação da temática foi o de situar este trabalhador voluntário dentro das dinâmicas do esporte, e mais, das dinâmicas esportivas, que procuram garantir acesso da população menos favorecida economicamente. Em discussão com o grupo de pesquisa, e principalmente com

o Prof. Luis Eduardo Thomassim, conseguimos identificar três tipos de ações sociais esportivas, baseadas em projetos sociais.

A primeira, que poderíamos chamar de projetos sociais **para** o esporte, ou seja projetos esportivos sociais que possuem como seu principal objetivo desenvolver *talentos em potencial* para que as pessoas atingidas pelo projeto possam conseguir ascensão social.

O segundo tipo seria aquele que chamaríamos de projetos sociais **de** esporte. Neste caso o objeto principal é a possibilidade de utilizar-se dos benefícios inerentes ao esporte para promover uma série valores positivos como a inclusão social, a cidadania, a educação entre outros:

O reconhecimento do esporte como canal de socialização positiva ou inclusão social é revelado pelo crescente número de projetos esportivos destinados aos jovens das classes populares, financiados por instituições governamentais e privadas (VIANNA e LOVISOLO, 2005).

Um bom exemplo deste tipo de ação é o Programa Segundo Tempo do Ministério dos Esportes.

E a terceira modalidade seria a que chamamos de projetos sociais **com**¹ esporte. Neste caso, o esporte não é o centro das atividades do projeto, porém se constitui como uma das atividades existentes dentro deste contexto. As iniciativas esportivas do Programa Escola Aberta, por sua vez, se enquadram nesta possibilidade.

Então que se iniciaram as tratativas de entrada no campo, e neste momento o trabalho começou a se configurar no que ele é hoje. Aquele trabalhador voluntário que eu idealizava², não foi encontrado dentro do meio esportivo. Esta espécie de aura de *bondade* que cerca o trabalho voluntário é fortemente atravessada por outros discursos como relata Pinto: “Neste contexto, é muito comum os projetos ligados à ideia de voluntariado receberem a aura de

¹ Foi dialogando com esta problematização que fiz a escolha do título deste trabalho optando por utilizar a expressão “**social esportivo**” em detrimento de “**esportivo social**”. Por entender que o Programa Escola Aberta é antes de mais nada com programa **com** esporte.

² Este momento de pesquisa foi marcado por uma certa ingenuidade empírica e um dos movimentos que me auxiliou a deixar para traz esta visão idealista foi o momento em que abandonei a primeira introdução de meu projeto de pesquisa. Ela esta presente de forma ilustrativa nos apêndices desta dissertação.

novidade e contemporaneidade, apesar de sempre terem existido em nossa sociedade.” (2003, p.172). Neste instante inspirado por Lahire quando fala que:

Quantos estudantes de ciências sociais se lamentam por não terem selecionado, na população estudada, “operários verdadeiros”, “quadros verdadeiros”, “ou artesões verdadeiros”, acreditando que o problema é metodológico quando se fato se trata de erro de concepção de mundo social (LAHIRE, 2002, p.18).

Concluí que o problema não era a minha incapacidade de achar, no campo, algo que eu idealizava, o grande problema estava no fato de idealizar o campo.

Foi então que me deparei com toda formulação do Programa Escola Aberta, e durante algum tempo, tive insegurança em pensar naqueles trabalhadores enquanto voluntários, uma vez que recebiam uma ajuda de custo. Porém, após ver os documentos e fazer algumas conversas preliminares assumi o risco, uma vez que juridicamente e nos discursos das pessoas, o trabalho voluntário se transformava em assunto recorrente.

Então, quando defini o Programa Escola Aberta como lugar de investigação, formulei o seguinte objetivo de pesquisa: **compreender os significados do trabalho voluntário e seus desdobramentos nas políticas públicas de acesso ao esporte e lazer dentro do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo.**

Tentando responder ao objetivo proposto, organizei a dissertação em sete capítulos, sendo o primeiro introdutório, o segundo metodológico, o terceiro descritivo sobre o esporte e o lazer na cidade de Novo Hamburgo e sobre os preceitos do Programa Escola Aberta, o quarto sobre as identidades de Trabalho Voluntário dentro do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo, o quinto sobre as compreensões do esporte sobre o olhar dos trabalhadores voluntários, o sexto sobre as relações do trabalho voluntário com políticas públicas e o sétimo, onde realizo as conclusões do trabalho.

Neste capítulo introdutório, além de apresentar o objetivo de pesquisa, farei uma breve análise contextual para que, ao apresentar a pergunta de pesquisa, ela

possa dialogar com os tempos e espaços sociais no qual o fenômeno estudado se concretiza.

No capítulo metodológico, apresento a forma como foi feita a pesquisa, bem como procuro dialogar com alguns estudiosos em metodologia de pesquisa para descrever as decisões que tomei ao longo da jornada investigativa.

O terceiro capítulo, denominado Novo Hamburgo e seu Programa Escola Aberta, é dividido em dois sub-capítulos: o primeiro onde procuro apresentar para as pessoas uma breve análise da história esportiva e de lazer da cidade de Novo Hamburgo. No segundo sub-capítulo apresento o funcionamento do Programa Escola Aberta em um primeiro momento em linhas mais gerais e em seguida, relacionado esta formulação mais geral com a realidade observada nas idas a campo.

No quarto capítulo, apresento a discussão sobre as identidades de trabalho voluntário dentro do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo. Neste momento, procuro discutir alguns temas relacionados ao título do capítulo como por exemplo, as representações de trabalho voluntário, sua instituição como decreto, a perspectiva caridosa, a militante, e o novo voluntariado, as relações destas identidades com a tradição germânica, o contraste entre as culturas global e local, a utilização do Trabalho Voluntário nas demandas sociais e a possibilidade de existir trabalho voluntário dentro de um programa governamental, ao invés de ser uma iniciativa da sociedade civil.

O quinto capítulo procura compreender o esporte pelo olhar dos trabalhadores voluntários e para isso, me detenho em temáticas como a inclusão social, violência, lazer, educação, multiplicidades de representações e importância do esporte para o programa.

No sexto capítulo, apresento a discussão sobre o trabalho voluntário e as políticas públicas de garantias de direitos sociais como o esporte e o lazer. Dentre os assuntos que são tratados neste capítulo, podemos apontar as relações entre o papel do Estado e da sociedade civil na garantia de direitos sociais, as repercussões da utilização do trabalho voluntário em políticas públicas e as lógicas de controle social e de financiamento.

No sétimo capítulo teço algumas considerações finais onde procuro fazer um fechamento crítico dos conteúdos desenvolvidos e apontar algumas outras possibilidades de pesquisa.

1.1 Contextualização

A expressão trabalho voluntário vem sendo recorrente no cotidiano de muitas pessoas nos dias de hoje, seja nos meios de comunicação, nas relações laborais ou até mesmo nas práticas de lazer. Embora sua utilização seja corriqueira, muitas vezes, os significados são apreendidos de forma heterogênea pelos diferentes agentes sociais que a praticam ou que se relacionam com ela.

Embora os significados sejam produzidos pelas pessoas de forma heterogênea, é importante pontuar que este significado vem sendo utilizado ao longo da história e que as dimensões locais e étnicas também são muito importantes nesta construção.

Por outro lado, o trabalho voluntário dos dias de hoje vem sendo utilizado dentro de contexto das políticas públicas de direitos sociais, incluindo aí o direito ao acesso ao esporte e ao lazer. Estes programas, que se utilizam do trabalho, vêm cada vez mais fazendo parte do cenário urbano, principalmente dos espaços periféricos da cidade.

Porém, é importante pensar que este elemento dentro da cotidianidade deve exigir do observador mais cauteloso algumas preocupações:

Tão equivocado é identificar o cotidiano como mero espaço de dominação, de alienação, como também conceitua-lo diretamente como âmbito imaculado da emancipação e da desalienação. A esfera da cotidianidade é, substancialmente, e por sua natureza, uma permanente arena de disputa, de lutas individuais e sociais, pontuais e gerais, setoriais ou classistas, emergenciais e imediatas ou estruturais e mediatizadas (MONTANÕ, 2005, p.262).

Minha preocupação inicial foi a de tentar compreender o trabalho voluntário sem perder de vista elementos macrossociológicos e de constituição da cultura local. Como afirma Gramsci :

Grande política (alta política) - pequena política (política do dia-dia, política parlamentar, de corredor de intrigas). A grande política compreende as questões ligadas à fundação de novos Estados, à luta pela destruição, pela defesa, pela conservação de determinadas estruturas orgânicas econômico-sociais. A pequena política compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela preponderância entre as diversas frações de uma mesma classe política (GRAMSCI, 2000b. p. 21)

Um bom exercício intelectual é o de pensar em elementos cotidianos, como a fofoca, como uma forma de pequena política:

Usada contra os fortes, a fofoca é uma arma de manipulação e de proteção; usada por fracos contra fracos, ela se torna um instrumento de ataque (Fonseca, 2000. p.33).

Assim como a grande política³ exerce poder no dia a dia das pessoas, é possível perceber pela citação da referida autora que a pequena política também faz. O grande desafio, então, passa a ser compreender o local sem esquecer do global e pensar no todo, sabendo que o mesmo é muito mais do que a soma das partes e que ambos são constituídos e constituintes da história.

Quando estava refletindo sobre a possibilidade de estudar o trabalho voluntário, fiquei impressionado com a quantidade de espaço que este tema desfruta na mídia. Nas emissoras de televisão, é possível encontrar espaços nos telejornais, propagandas direcionadas e programas inteiros, reforçando positivamente o trabalho voluntário. Outro espaço midiático muito utilizado para a difusão desta atividade é o da internet. Alguns sites, como o *portal do voluntário*⁴, o *voluntários on line*⁵, o *seja um voluntário*⁶ o *portal dos parceiros voluntários*⁷ são verdadeiros catalisadores de informações sobre uma perspectiva de trabalho voluntário que é o que Landim (2001) chama de novo voluntariado⁸.

³ Utilizo o termo Economia Política por compreender, assim como Woods, que não se pode pensar nas duas dimensões do termo de forma fragmenta.

⁴ Disponível em: <http://www.portaldovoluntario.org.br> em 25/05/2009.

⁵ Disponível em <http://www.voluntariosonline.org.br> em 25/05/2009.

⁶ Disponível em <http://www.voluntarios.com.br> em 25/05/2009.

⁷ Disponível em <http://parceirosvoluntarios.org.br> em 25/05/2009.

⁸ Para a autora as novas iniciativas de voluntariado são ligadas ao terceiro setor e sua interação com o poder público (LAMDIN, 2001).

Esta última instituição, a Parceiros Voluntários⁹, em seu site institucional se caracteriza da seguinte forma:

A Parceiros Voluntários é uma Organização Não-Governamental, sem fins lucrativos, apartidária, criada em janeiro de 1997 por iniciativa do empresariado do Rio Grande do Sul, com a Missão de estimular, captar, qualificar e encaminhar voluntários à comunidade gaúcha, para promover a cultura do voluntariado organizado. Partindo da crença de que toda pessoa é solidária e um voluntário em potencial, a Parceiros Voluntários está presente no Rio Grande do Sul, multiplicando, através de milhares de voluntários, seus conceitos e seus conhecimentos em benefício das comunidades onde atua (Site Parceiros Voluntários 25/05/2009).

Esta entidade, é sem dúvida, capaz de utilizar de forma mais significativa os meios de comunicação e utilizando o *slogan* “você quer ajudar, a gente sabe como”. Outro elemento significativo é o perfil das pessoas que compõem a sua diretoria¹⁰, onde é muito forte a adesão do setor empresarial e praticamente imperceptível a representação das classes menos favorecidas da sociedade. A referida entidade assume uma postura de *liderança* da sociedade, promovendo o trabalho voluntário com a seguinte *Visão, Missão e Crença de Valores*:

Visão: Desenvolver a cultura do trabalho voluntário organizado.

Missão: Promover, ampliar e qualificar o atendimento às demandas sociais pelo trabalho voluntário, visando a melhoria da qualidade de vida no Rio Grande do Sul.

Crenças e Valores

⁹ A ONG Parceiros Voluntários vê tendo destacada atuação no estado do Rio Grande do Sul, conseguindo ter uma boa interlocução com empresas, meios de comunicação, Instituição de Ensino Superior e outras organizações da Sociedade Civil.

¹⁰ Humberto Luiz Ruga, Bolivar Baldisserotto Moura (Empresário), Carlos Rivacci Sperotto(FARSUL- Federação da Agricultura do Estado do RS), Daniel Santoro (Empresário), Francisco Cirne Lima (Empresário), Geraldo Bemfica Teixeira(Advogado), Jayme Sirotsky(RBS - Rede Brasil Sul), João Polanczyk(Médico), Jorge Gerdau Johannpeter(GERDAU S/A), Jorge Luis Logemann(GRUPO SLC), José Osvaldo Noronha Leivas (Wal-Mart Brasil), José Paulo Dornelles Cairolli (FEDERASUL - Federação das Associações Comerciais e de Serviços do RS), Leocadio de Almeida Antunes Filho(EMPRESA DE PETRÓLEO IPIRANGA S/A), Leonardo Meneghetti(Grupo Bandeirantes de Comunicação), Luis Henrique Ferreira Pinto(RGE - Rio Grande Energia), Marcelo Lyra do Amaral(BRASKEM S/A), Mari Helem Rech Rodrigues(Médica), Paulo Tigre(FIERGS - Federação das Indústrias do Estado do RS), Pe. Marcelo F. de Aquino(UNISINOS), Roberto Pandolfo(Empresário), Sílvio Pedro Machado(BANCO BRADESCO S/A), Zildo de Marchi(FECOMERCIO),Wrana Maria Panizzi(Educadora)

- Toda pessoa é solidária e um voluntário em potencial
- A filantropia e o exercício da cidadania, pela prática do voluntariado, são indispensáveis para a transformação da realidade social.
- O voluntariado organizado é a base do desenvolvimento do Terceiro Setor.
- Todo trabalho voluntário traz retorno para a comunidade e para as pessoas que o realizam.
- A prática do princípio da subsidiariedade é indispensável à autonomia das comunidades para seu desenvolvimento.

O desenvolvimento sustentado é alcançado pela interação entre os sistemas econômico, ambiental e social (Site Parceiros Voluntários 25/05/2009).

Os princípios norteadores desta entidade são muito alinhados à noção da terceira via, uma vez que a relação entre a entidade e a formulação do terceiro setor¹¹ é explícita, pois o Estado repassa as responsabilidades sociais para a sociedade civil. Isso se diferencia do que propõe o neoliberalismo, já que, mesmo que a visão neoliberal e a da terceira via considerem que o culpado da crise é o estado, elas vêm a superação de forma diferente:

(...) enquanto o Neoliberalismo defende a privatização, A Terceira Via DEFENDE o Terceiro Setor. mas, em ambos, o Estado se desobriga da execução das políticas sociais: “um repassa para o mercado e o outro para a chamada sociedade civil sem fins lucrativos (PERONI, 2008, p. 2).

Porém, há de se ter um cuidado, quando afirmamos que determinado país é neoliberal ou da terceira via, pois: “é evidente que o neoliberalismo na versão forte de Hayek, Von Mises, Friedman etc. não existe em lugar algum” (FERNANDES, 1995, p.157). É possível afirmar que estas teorias atravessam a política e a economia de um país, porém sua implementação se dá na negociação destes novos conceitos, com a realidade histórica e local, constituído uma realidade particular que não é, nem a teoria mecanicamente implementada, nem algo alheio a estas correntes de pensamento que se consolidam sob a forma de ideologia.

¹¹ Denominação de Origem Norte-Americana o Terceiro Setor tem sido anunciado como um espaço de relações sociais distinto do estado e do mercado, por ser privado e realizar atividades de caráter público.(FERNANDES, 1994).

Nesse contexto, é possível afirmar que o trabalho voluntário se constitui em um discurso recorrente nas emissoras televisivas hegemônicas no Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul. A rede Bandeirantes, por exemplo, possui um comercial que é vinculado durante toda a programação que se chama “cidadão legal”. Neste comercial apresentam-se casos de voluntários “bem sucedidos” que, de alguma forma ou outra, modificam a realidade social com a qual eles se relacionam. Este quadro possui o aval da ONG Parceiros Voluntários e é veiculado pelo menos três vezes ao dia.

Já a rede Globo de televisão, que possui como colaboradora no Rio Grande do Sul, a RBS TV, além de possuir aparições sistemáticas em diversos telejornais, apoia o Programa Amigos da Escola, onde o ator Tony Ramos apresenta “casos” de sucesso. A mesma emissora possui um programa semanal, de alcance nacional, apresentado pelo Serginho Groisman que se chama “Ação”. O programa “Ação” é vinculado todos os sábados pela manhã das 7h e 30min às 8h, onde a mesma lógica de exposição de exemplos “vencedores” é reiterada, porém com a diferença de que é destinado muito tempo de exposição. Em cada programa, de duração de meia hora, alguns casos são apresentados, sendo motivo de debates e reflexões, sempre a partir de entrevistas com os protagonistas de determinada “ação social”. No decorrer do programa, os entrevistados realizam o ato simbólico de deixar sua assinatura em um grande painel onde todas as pessoas que concedem entrevista se consolidam como uma grande *rede* de colaboração em função da melhoria das demandas sociais através da sociedade civil¹².

Acredito que a lógica da história do beija-flor¹³, onde cada um fazendo a sua parte, seja paradigmática para entender esta forma de olhar para este fenômeno. A perspectiva de compreensão da realidade tendo como de partida a

¹² Segundo Bobbio (1987) existem ao longo da história da filosofia vários entendimentos para o termo sociedade civil, porém para o entendimento deste trabalho, utilizo-me da perspectiva gramsciana onde seria: “todo o conjunto de relações ideológico-culturais” (p.33). Neste sentido, a sociedade civil, se diferencia da sociedade política como o não estatal organizado.

¹³ A história do beija-flor é recorrente em situações em que se busca refletir sobre voluntariado e doações. a versão que segue foi extraída da dissertação de mestrado de Andréa Silva e narra “*ouve um incêndio na floresta e enquanto todos os bichos corriam apavorados, um pequeno beija-flor ia do rio para o incêndio levando gotinhas de água em seu bico. O leão, vendo aquilo, perguntou para o beija-flor:- “Ô beija-flor, você acha que vai conseguir apagar o incêndio sozinho?” E o beija-flor respondeu:- “Eu não sei se vou conseguir, mas estou fazendo a minha parte”* (SILVA, 2006).

perspectiva individual, está muito relacionada a perspectivas liberais que procuram compreender as lógicas econômicas pela perspectiva do indivíduo. Colaborando com este pensamento, é possível se referenciar em Minayo (1995), que estabelece a relação entre a perspectiva sociológica de Weber, tendo como ponto de partida à lógica individual. Assim, é possível compreender as dinâmicas de referendação do trabalho voluntário midiático fortemente atravessadas pela interferência de uma sociologia liberal, e que em função disso, não é de se estranhar que as campanhas procurem mobilizar indivíduos e a mensuração de sucesso do programa se dê na capacidade de se compreender os desdobramentos da referida ação para os indivíduos.

O pensamento liberal coloca que todos os indivíduos são livres para poder usufruir de seus direitos e que o estado ao proporcionar o acesso de parte da população estaria privando a liberdade das pessoas de igual possibilidade de acesso, porém como diz Keynes:

os principais defeitos da sociedade econômica em que vivemos¹⁴ são a sua incapacidade para proporcionar pleno emprego e sua arbitrária desigualdade de distribuição de riqueza e das rendas, a relação da teoria anteriormente exposta (1985,p.253).

Para Keynes não se pode garantir liberdade de sem a garantia de pleno emprego e para isso:

(...) uma socialização ampla dos investimentos será o único meio de assegurar uma situação aproximada do pleno emprego, embora isso não implique a necessidade de excluir ajustes e formulas de toda a espécie que permitam o estado cooperar com a iniciativa privada. Mas, fora disso, não se vê nenhuma razão evidente que justifique um socialismo de estado abrangendo a maior parte da vida econômica da nação....Por isso, enquanto a ampliação das funções do governo, que supõe a tarefa de ajustar a propensão a consumir com o incentivo de investir, poderia parecer a um publicista do século XIX ou a um financista americano contemporâneo uma terrível transgressão do individualismo, eu defendo, ao contrário, como único meio exequível de evitar a destruição total das instituições econômicas atuais (1985. p.256-257).

¹⁴ Keynes publicou a primeira edição de sua clássica obra " A teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda em 1930, momento histórico marcado pelo grande depressão causada pelo crack da bolsa de valores de 1929 e pela emergência dos pensamentos clássicos e neoclássicos da economia.

O que o referido autor coloca em discussão é algo muito significativo para se refletir sobre trabalho voluntário nos dias de hoje: qual a função do Estado? Para ele, e outros autores produtivistas¹⁵, o Estado tem o dever de fomentar a economia, garantindo serviços e a produção de bens que acarretaria uma maior taxa de emprego e assim uma melhor garantia dos direitos individuais¹⁶.

Para Marx e outros autores desta mesma tradição, o papel do estado é prover as pessoas de seus direitos. Para os keynesianos o papel é fomentar a economia através de investimentos e para os liberais e neoliberais¹⁷ o papel do estado é garantir a liberdade de todos através da não intervenção¹⁸. Estes posicionamentos teóricos auxiliam a compreender as diferentes dinâmicas históricas do trabalho voluntário.

O advento da utilização de parte da doutrina econômica neoliberal por alguns países, como o Brasil na década de 1990, acarretou uma série de demandas sociais, pois ao retirar do estado esta obrigação as medidas obrigam os indivíduos a disputar pela lógica do mercado a possibilidade de acesso a estes direitos. Como a condição de competição não é igualitária para todos os indivíduos¹⁹, a tendência é um acentuado aumento das desigualdades e dificuldades destes indivíduos em garantir seus direitos. A atual formulação de trabalho voluntário deslocaria para a sociedade civil a responsabilidade de suprir estas demandas.

¹⁵ No Brasil, existem dois grupos de teóricos econômicos: os produtivistas e os financistas. Os produtivistas pregam um controle maior do Estado, fazem a crítica ao processo de subordinação ao processo de globalização e divisão internacional do trabalho, apontando para uma maior valorização do mercado interno, sustentando que o país pode ser mais autônomo. Já os financistas apostam na liquidez do mercado internacional, apóiam a abertura comercial total, apoiando-se na globalização financeira, desregulamentação do mercado de trabalho¹⁵ e a passagem do Estado da função de empreendedor para a de regulado das lógicas econômicas (POCHMANN, 2007).

¹⁶ Cabe lembrar que a ruptura proposta por Keynes foi utilizada como base teórica no pós segunda guerra mundial na recuperação da economia dos países atingidos pelo referido evento. Porém cabe a reflexão que não é a existência de um pensamento econômico que garanta a concretização da teoria com o qual ele se relaciona.

¹⁷ Cabe ressaltar que o pensamento neoliberal passou a ser hegemônico na orientação das economias ocidentais à partir da década de 1970 (PAULANI, 2007).

¹⁸ Embora todos estes pensamentos teóricos atravessem as políticas econômicas de um país em determinado tempo e espaço não é possível identificar.

¹⁹ Isso se dá em função das diferentes condições materiais e simbólicas de existência.

Estudar a atual formulação hegemônica do trabalho voluntário nos levaria a compreender de que forma a sociedade civil vem dando conta de suprir as necessidades dos mais carentes. E a configuração de programas, como o Programa Escola Aberta são bons exemplos dos atuais arranjos constituídos politicamente nos dias de hoje.

Porém, não é só este voluntariado difundido pelos meios de comunicação e vinculados a iniciativas pessoais e/ou organizacionais da sociedade civil que existe nos dias de hoje. o Estado Brasileiro tem fomentado ações de políticas públicas, estimulando a população a aderir em torno destas demandas sociais, a partir do seu trabalho voluntário. Dentre esses, programas como o Escola Aberta e o Mais Educação utilizam-se do *aporte jurídico* instaurado pela lei do voluntariado para operar ações governamentais através de utilização de conceitos até então operados pela sociedade civil.

O Programa Escola Aberta, espaço onde ocorreu a pesquisa, se constitui uma das maiores iniciativas públicas de descentralização de práticas de lazer. Este fato ocorre principalmente em locais desprovidos de aparelhos públicos destinados ao lazer esportivo. Este espaço de relação se constitui como um lugar onde o *novo* voluntariado se consolida, delimitando assim um complexo e ricos espaço para compreender as configurações de voluntariado nos dias de hoje, sendo estes permeados por uma série de dinâmicas locais e peculiares apresentados nesta dissertação no contexto da cidade de Novo Hamburgo.

Assim, ao se deparar com a literatura acadêmica a respeito do trabalho voluntário e ao procurar iniciativas concretas do voluntariado no esporte, que é o lugar de onde olho para o fenômeno, foi possível identificar ligeiramente que este discurso propagado pelos meios de comunicação era plausível de uma problematização mais profunda e que a pretensão deste novo voluntariado poderia ter alguns desdobramentos que mereciam ser estudados de forma acadêmica. Para dar vazão a estas necessidades, formulei o seguinte problema de pesquisa:

“quais os significados do Trabalho voluntário e seus desdobramentos nas políticas públicas de acesso ao esporte dentro do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo?”

Para dar conta deste problema formulei as seguintes perguntas de pesquisa que auxiliaram a compreender o fenômeno suscitado pelo problema supracitado.

- O que é e como se implementou o Programa Escola Aberta em Novo Hamburgo?
- De que forma é constituída a identidade de Trabalho Voluntário no Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo e como ele se materializa?
- Como é tratado o esporte e o lazer pelos trabalhadores voluntários envolvidos no Programa Escola Aberta?
- Como se Insere o Trabalho Voluntário no contexto da implementação de políticas publicas de esporte e lazer?

Com estas perguntas de pesquisa se estabeleceram os seguintes objetivos específicos de pesquisa:

- Caracterizar o funcionamento do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo;
- Compreender as identidades de Trabalho Voluntário e a sua materialização no Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo;
- Identificar e problematizar as representações de esporte pelos trabalhadores voluntários do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo;
- Compreender as relações entre o Trabalho Voluntário e as políticas públicas de esporte e lazer.

2. Metodologia

Após definir a pergunta de pesquisa, o trabalho metodológico se deu no sentido de conseguir encontrar um método que desse conta de responder ao questionamento e que, ao mesmo tempo, fosse possível de se concretizar com os limitadores de tempo e de recursos materiais disponíveis para a pesquisa.

Após a matrícula em algumas disciplinas de Metodologia de Pesquisa e da leitura de autores que tratam sobre o tema, cheguei a conclusão de que os procedimentos adotados deveriam dar conta de responder a necessidades de uma descrição densa (GEERTZ 1989) da realidade estudada e ao mesmo tempo que pudesse fazer uma abordagem *por dentro* do espaço pesquisado.

Para conseguir registrar estas informações que seriam úteis futuramente, pautei meu foco de interação na necessidade de saber estar, saber ver, saber ouvir (WINKIN, 1998), mobilizando assim algumas faculdades cognitivas como olhar, ouvir e escrever (OLIVEIRA, 1996).

Para seguir no processo investigativo, outras necessidades foram sendo agregadas a bagagem de conhecimentos que foram sendo acumulados e utilizados no decorrer da pesquisa. Uma delas é o de transformar o familiar em exótico (DAMATTA, 1987), ou seja, fazer um esforço de conseguir reconhecer nos acontecimentos que parecem rotineiros um conjunto de significados particulares “à primeira vista por estarem tão fortemente inseridos em nossas vidas, costumamos considerar quase que parte de nossa natureza” (STIGGER, 2007, p.33).

Logo o que interessava era saber o que pensavam as pessoas comuns que ajudam a manter o Programa Escola Aberta funcionando no dia a dia, pautado pela heterogeneidade que se constitui a cotidianidade²⁰ dando voz a estas

²⁰ Todos os estudos sobre a vida cotidiana indicam a complexidade, contraditoriedade e ambiguidade de seu conteúdo. E o que é mais importante, a vida de todos os dias não pode ser recusada ou negada como fonte de conhecimento e de prática social (CARVALHO, 1996 p.15).

pessoas, estaria conseguindo dar conta da intenção inicial de olhar por dentro, captando os significados de trabalho voluntário.

No segundo termo da pergunta de pesquisa deveria retomar a necessidade de diálogo dos discursos e prática relacionados com as discussões sobre políticas públicas de esporte. Para tal se constituía como necessário dialogar com a produção acadêmica sobre o tema.

Após fazer algumas definições sobre os princípios que norteariam o processo de pesquisa, se fazia necessário fazer as primeiras aproximações do objeto de estudo pretendido. Para tal, procurava voluntários do esporte que desenvolvessem suas atividades de forma sistemática para que se pudesse ter o tempo de se fazer uma abordagem por dentro, realizando vínculos com os participantes.

Realizei várias tentativas de encontrar voluntários com este perfil, pois, quando escolhi o tema Trabalho Voluntário, acreditava que seria uma temática fácil de encontrar pessoas dispostas a colaborar, com a pesquisa seria algo que não ofereceria dificuldades. Talvez por estar envolvido no contexto de estudos e excessivamente “familiarizado”²¹ com a temática, tenha sido o que me levou a considerar que seria fácil encontrar voluntários *em ação*.

Encontrei vários voluntários envolvidos no esporte de forma eventual, ou seja, que realizavam o voluntariado com uma frequência muito irregular. Por outro lado, os voluntários regulares que encontrei não se dedicavam às práticas esportivas; foi o que ocorreu em reunião realizada no dia 27 de outubro de 2008, em que eu fiz uma visita a uma Organização Não Governamental da cidade que possui um reconhecimento público no trabalho com voluntários:

Sentei-me junto da mesa e começamos a reunião. Coloquei que estava procurando trabalhadores voluntários ligados ao esporte. E ela disse: “Se você procura voluntários veio ao lugar certo, aqui temos muitos voluntários e a instituição sobrevive muito em torno do trabalho voluntário”. Retomei minha preocupação em demonstrar a delimitação de minha pesquisa, que é o de encontrar o trabalho voluntário ligado ao esporte. Ela colocou a mão no queixo, refletiu, e respondeu: “é realmente voluntário no esporte nós não temos, nós temos um professor que é remunerado e que

²¹ Talvez eu até estivesse “pautado” pela força dos meios de comunicação.

atua em oficinas esportivas, mas não temos ninguém que se disponha a vir aqui dar aulas”. Pensando um pouco mais ela falou: “ tem um menino de 18 anos que deve começar esta semana, mas não tive retorno dele” coloquei que um dos critério para o estudo seria de que este voluntariado tivesse uma certa continuidade e um dos grandes problemas do trabalho voluntário é o fato de que existe muita rotatividade. Foi quando ela falou que nas quartas feiras um grupo de jovens vinha auxiliar o professor nas aulas com as crianças pequenas, fiquei um pouco interessado e perguntei mais. Foi então que ela chamou o professor de ed. Física, Rodolfo, ele disse que existiam sim alunos mais velhos da horta que o ajudavam nas aulas com os menores, mas que tinha um rapaz chamado Ribamar que tinha 22 anos e que o auxiliava nas aulas, e que também era voluntário no escola aberta em fins de semana. Me interessei pelo caso e marquei de ligar quinta feira pela manhã para ter o paradeiro do Ribamar (DC 02 27/10/2008)²²

Embora esta visita tivesse sido negativa, ela me abriu os olhos para o fato de que para aquela instituição, o rapaz denominado Ribamar era considerado voluntário dentro do Programa Escola Aberta. Até aquele momento, não considerava o Programa Escola Aberta um local de voluntariado, pois sabia da remuneração dos oficineiros. Foi após este encontro que fui pesquisar sobre o marco legal do referido programa. Deparei-me com a realidade, de que do ponto de vista jurídico, todas as pessoas enquadradas no Escola Aberta são consideradas voluntárias. E como não encontrei aquele voluntário que aparece na televisão, pelo menos, não no esporte, fiz a opção de estudar os voluntários, a partir dos significados do campo e não através de um prejulgamento pessoal.

Quando fiz a opção por estudar o trabalho voluntário no Programa Escola Aberta, pensava, entre outras coisas, na provável facilidade de encontrar oficineiros dispostos a colaborar com a pesquisa. Conhecia algumas pessoas que poderiam abrir as portas dentro do programa e esta relação antecipada poderia ser uma forma facilitada de inserção no campo.

Porém alguns fatores atrapalharam minha inserção. A concomitância de parte da pesquisa com o período de eleição atrasou em muito minha entrada em campo. Isso aconteceu pelo fato da administração municipal ter perdido a eleição,

²²Este diário de campo foi confeccionado na visita à Horta Comunitária Joanna de Angelis, uma ONG que está ligada fortemente ao discurso do terceiro setor e que em uma destas manhãs de sábado já foi motivo de matéria do programa Ação.

levando as pessoas ligadas ao programa a ficarem muito arredias com relação a entrevistas e observações de pessoas *de fora*. Com a mudança de administração em janeiro de 2009, tive facilidade de negociação, pois o novo secretário de educação é um agente político com do qual tive total apoio e interesse de que a pesquisa se concretizasse.

Porém, outras coisas dificultaram a minha prática de pesquisa: aquelas pessoas que eu conhecia e diziam ser oficinairos do Programa Escola Aberta não estavam mais atuando no programa; e a pessoa que se mantinha atuando, era oficinaira de culinária. Foi então que decidi visitar algumas escolas tendo o critério de que fossem de bairros pobres da cidade. Depois de duas tentativas mal sucedidas²³, foi numa terceira escola que consegui efetivar contato e a possibilidade de realizar a investigação. Nessa terceira escola, eu conhecia a professora comunitária²⁴ e foi ela que me abriu as portas para realizar as minhas entrevistas e fazer as minhas observações. Quando fiz o convite para ela me conceder uma entrevista, as outras pessoas da escola ficaram interessadas e também se dispuseram a colaborar.

Embora já tivesse conseguido alguma inserção, outra ação que tive foi a de participar de uma reunião de diretoras de escolas que possuíam o Programa Escola Aberta para falar da pesquisa e da possibilidade de eu visitar as escolas para dar prosseguimento ao estudo. Após esta ação, as coisas ficaram mais fáceis, pois as diretoras divulgaram a existência da pesquisa para os trabalhadores do Programa Escola Aberta e sempre que eu chegava à escola e falava do propósito da minha visita, eu era bem recebido.

Porém, nunca mais entrei na escola procurando diretamente o oficinairo de esporte. Geralmente, a primeira pessoa a ser contatada e entrevistada foi o coordenador escolar. Embora estas pessoas não fossem diretamente envolvidos na prática esportiva, ficou muito claro que sua atuação é fundamental no processo

²³ Acredito que esta dificuldade tenha se dado em função de entrar na escola e ir procurar diretamente o oficinairo (ver nota 24) de esporte, que geralmente esta envolvido em atividades durante o período de execução do programa.

²⁴ Professor comunitário é um professor da escola regular responsável por fazer a ligação entre a escola da semana e a escola do fim de semana, os outros agentes envolvidos formalmente no programa são o coordenador escolar responsável pela escola, e o oficinairo responsável pelas oficinas temáticas entre elas a de esporte. Estas funções e formato de funcionamento serão melhor explicitados no próximo capítulo.

de significação da prática esportiva nestes locais, bem como seu envolvimento com as práticas esportivas são mais rotineiros do que eu presumia anteriormente.

Por fim, é importante relatar que em função da chancela da atual administração, a minha pesquisa auxiliou muito a possibilidade de entrevistar os coordenadores municipais e a diretora da escola.

Concomitante ao processo de negociação para a entrada em campo foram se construindo os instrumentos que, mais tarde, me auxiliariam a produzir as informações necessárias para responder o problema de pesquisa e para dar conta da necessidade de produzir dados descritivos que pudessem proporcionar compreensão dos significados.

Para isso, utilizei de diários de campo, entrevistas semi-estruturadas e a análise dos documentos que norteiam a elaboração teórica do Programa Escola Aberta. Os diários de campo foram organizados de acordo com a orientação de

A análise dos documentos se deu na fase preliminar à entrada em campo, tendo como principais referenciais as informações contidas no site institucional do Ministério da Educação, o livro de orientação desenvolvido em convênio com a UNESCO e alguns relatórios municipais que tive oportunidade, por ocasião da entrevista com o primeiro coordenador municipal do programa. Este movimento se mostrou muito útil (GIL, 1999) pois através dele se evidenciaram dados que posteriormente foram contrastados com a prática. Foi a partir deles, que também, se criaram diferentes enfoques durante as entrevistas e que chamaram atenção para aspectos relatados nos diários de campo.(LÜDQUE e ANDRÉ, 1986).

As entrevistas semi-estruturadas foram importantes instrumentos de produção de dados, uma vez que Bogdan e Biklen elas são “utilizadas para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (1994, p.134). Outro fator que influenciou foi a escolha é a possibilidade de uma maior flexibilidade(TRIVIÑOS, 1987) deste tipo de entrevista, uma vez que é possibilitado ao entrevistador fazer alterações no roteiro de entrevista, em função de aspectos que o mesmo percebe durante a entrevistas. Outra característica importante deste tipo de entrevista é que as mesmas se desenvolvem em forma de conversa, proporcionando aos informantes uma maior informalidade entre entrevistador e informante.

Foram realizadas um total de 12 entrevistas, sendo que as mesmas foram gravadas com a utilização de um microfone conectado a um computador portátil, sendo o gravador de voz do sistema operacional Windows Vista, e posteriormente transcritas, sendo as mesmas retornadas aos informantes, onde os mesmos tiveram a oportunidade de suprimir ou alterar as declarações de acordo com sua vontade. Estas gravações foram distribuídas da seguinte forma:

Tabela 1 - Disposição dos colaboradores

Local de atuação	Função	Nome fictício
Coordenação	Coordenador 1	Marcelo
	Coordenador 2	Eduarda
Escola 1	Coordenador Escolar 1	Jacinta
	Oficineiro 1	Marcio
	Professor Comunitário 1	Simone
Escola 2	Coordenador Escolar 2	Cezar
	Oficineiro 2	Carolina
Escola 3	Coordenador Escolar 3	Vinicius
	Oficineiro 3	Juliano
Escola 4	Professor Comunitário 2	Tereza
	Oficineiro 4	Caio
	Oficineiro 5	Mateus
	Diretora de Escola 1	Ana

Foi garantido a todos os informantes, através do termo consentimento livre e esclarecido (apêndice), a confidencialidade, ou seja, os nomes creditados às respectivas falas contidas nesta entrevista e posteriores publicações que se utilizarem destes dados, serão mantidos em sigilo. Por este motivo, a tabela acima situa os informantes em seus respectivos espaços de atuação, alterando o nome dos informantes, no decorrer do trabalho estes nomes serão utilizados para identificar os informantes. Outra convenção que estabeleci ao trazer os dados de entrevistas para o trabalho foi o de utilizar a letra “E” para simbolizar a fala do

entrevistador e a letra “I” pra a simbolizar a fala do informante. Foi priorizado não utilizar este procedimento, em função da valorização da fala dos informantes e não do entrevistador, porém em alguns momentos, para fazer sentido a resposta foi necessário resgatar também o dialogo que o entrevistador estabeleceu com sua fonte.

Outro instrumento de produção de dados que utilizei durante o processo de pesquisa, foi o da utilização de diários de campo. Estes diários de campo continham informações registradas por min, narrando fatos e colocando impressões pessoais sobre os fatos com os quais me relacionei (BOGDAN E BIKLEN 1994. TRIVIÑOS, 1987. LÜDQUE e ANDRÉ, 1986). Durante muitos momentos, os diários de campo conseguiam cumprir com o papel de se fazer uma descrição mais profunda dos ambientes encontrados.

Estes diários de campo foram redigidos sempre que voltava do campo ou de alguma atividade de negociação para a execução do processo de pesquisa. Em alguns momentos, durante as idas a campo registrava em um pequeno bloco de rascunho itens que, mais tarde, descreveria ao chegar em casa. Estão registrados ao longo do texto sempre identificados com as datas.

Os participantes da pesquisa são pessoas envolvidas no Programa Escola Aberta na cidade de Novo Hamburgo, dentre eles: oficineiros, coordenadores escolares, professores comunitários, diretores de escola, coordenadores municipais do programa. Vale ressaltar que durante o processo o coordenador municipal foi trocado em função da troca de administração, sendo que foi possível entrevistar estes dois, agentes enquanto os mesmos estavam na titularidade do cargo. Com relação aos demais entrevistados, sempre procurava entrevistar todos os agentes envolvidos nas escolas em que selecionei. Porém algumas funções se mostraram mais resistência para conceder entrevista. Por exemplo, das quatro escolas que pesquisei, em apenas uma delas, a diretora se dispôs a conceder entrevista. Nas demais, problemas de agenda e de cancelamentos aconteceram, impossibilitando a realização das entrevistas. Por outro lado, os coordenadores escolares sempre tiveram muito orgulho em prestar depoimento sobre seu trabalho, abrindo as portas da escola para a realização do estudo.

Com relação às escolas selecionadas para a realização das entrevistas, foram escolhidas escolas de dois bairros periféricos, um deles com a população já

estabelecida há mais tempo na cidade e outro, fruto de um conjunto habitacional constituído por migrantes da década de 1980. Porém o que se pode afirmar é que são bairros onde a condição de pobreza e de violência se configuram como uma das mazelas destes locais.

Após a produção das informações, através dos instrumentos já referidos, foram estipuladas categorias de análise que buscam dialogar com os objetivos de pesquisa e com a frequência e significância que estes elementos e informações apareciam no decorrer da sua organização e catalogação.

Após este processo, surgiram quatro categorias de análise, sendo a primeira descritiva, contextualizando a cidade e sua trajetória esportiva, para posteriormente tratar do funcionamento do Programa Escola Aberta. A segunda categoria procura dar conta das questões de identidade voluntária. A terceira categoria trata das noções de esporte pelo olhar dos agentes do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo. E na quarta categoria abordo a discussão entre o trabalho voluntário do Programa Escola Aberta e as políticas públicas.

Realizei a problematização destas categorias, procurando confrontar os dados produzidos entre si e também a luz das teorias que julguei procedente dialogar.

3 Novo Hamburgo e seu Programa Escola Aberta

3.1 Novo Hamburgo meu lugar²⁵

Novo Hamburgo é uma cidade localizada no Vale dos Sinos, na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul que teve seu processo de colonização marcada por imigrantes alemães, desde o início do século XIX. Durante este período, é possível apontar que a região era marcada por uma lógica social mais ou menos homogênea. Existiam vilarejos, que hoje se transformaram em cidades, todos dentro de um município maior que era o de São Leopoldo, aponta a fonte²⁶ da tese de doutorado de Schemes:

Até a chegada do trem, em 1876, o que existia era somente a vila de Hamburgo Velho. Esta desenvolvera-se a partir do entroncamento de duas estradas onde se situavam as duas igrejas. A católica [...] ficava numa parte mais alta do morro. A evangélica um pouco abaixo. A malha urbana da vila imbricava-se entre si, formando um labirinto por entre as construções. Como os trilhos ferroviários não alcançaram a vila, uma vez que as obras foram paralisadas dois quilômetros antes, em torno da estação batizada de New Hamburg foram sendo feitas novas construções que passaram a abrigar os depósitos, hotéis, casas comerciais e residências.[...] Assim como na vila de Hamburgo Velho, a igreja não fora foco principal para o desenvolvimento urbano. Em Novo Hamburgo o epicentro foi a estação do trem. [...](2006,p.314)

Do ponto de vista da produção econômica da cidade, embora existam iniciativas na diversificação de produtos, podemos afirmar que falar do desenvolvimento econômico da cidade é falar do setor coureiro calçadista. Schneider (1994) divide este desenvolvimento em quatro grandes períodos: o

²⁵ A expressão faz menção ao hino de Novo Hamburgo que em seu refrão por diversas vezes usa esta expressão

²⁶ Utilizo-me esta fonte desta forma, pois se trata de um relato de história oral contida da referida tese

primeiro de 1890 a 1930, o segundo de 1930 à 1970, o terceiro de 1970 à 1980 e o quarto de 1990 a 2000. Segundo Carabajal:

A primeira forma de regulação se caracteriza pela instauração do trabalho através dos operários “antigos”, trabalhadores estes, que mantêm uma forte identidade étnica cultural como os proprietários das empresas. É o momento de transcrição do trabalho realizado em pequenas empresas artesanais para o surgimento das empresas (2005, p. 53).

É neste período que a vinda do trem se articula com a possibilidade de se relacionar com outros hábitos étnicos e com novas tecnologias. Nesta época Novo Hamburgo ainda era ligado politicamente a São Leopoldo.

A vida econômica se baseava principalmente na agricultura familiar e as relações sociais eram construídas dentro dos espaços comuns de socialização, a igreja, as Sociedades²⁷ como aponta Schemes:

Em relação ao lazer, a cidade pouco tinha a oferecer ao cidadão comum, ou seja, aquele que não participasse de algum clube (2006, p. 327).

O segundo período que vai de 1930 a 1970, é marcado por uma forte intervenção estatal na economia, é neste espaço de tempo que surgem as primeiras contratações e as primeiras relações patrão empregado na produção de sapato: “ Nesse período, inicia-se o processo de fragmentação das etapas do processo produtivo, desde a concepção até a execução, com a separação entre trabalho e gestão” (CARABAJAL, 2005 P.54).

Embora a cidade comece a se desenvolver sob esta lógica. os hábitos de vida cotidiana e de lazer ainda são muito semelhantes aos hábitos dos primeiros imigrantes do século XIX. A maioria das sociedades fundadas no período anterior²⁸ ainda continuava sendo o grande espaço de interação social. Neste

²⁷ A estrutura social conhecida como clube esportivo e/ou recreativo é geralmente denominada Sociedade de acordo com a tradição germânica-hamburguesa.

²⁸ Relação das sociedades e anos de fundação em Novo Hamburgo. Sociedade Frohsin 1888, Sociedade de Atiradores 1892, Sociedade Gymnastica 1894, Sociedade Gymnastica de Hamburgo Velho 1896, Sociedade de Atiradores de Hamburgo Velho 1896, SportClub Novo Hamburgo 1911, FootballClub Esperança 1914, Tiro de Guerra no. 251 1916 SportClub, Olympio 1919, Sociedade de Canto, Música e Teatro Palestrina 1919, SportClub Progresso 1921, Grêmio

período ainda iniciam-se as primeiras manifestações esportivas dentro dos sindicatos de trabalhadores, porém, deve-se levar em conta que sob a tutela dos donos das fábricas. Outro fato marcante do período é a formação de times de futebol na cidade. este fato é marcante porque o futebol não é um esporte germânico, porém a relação dos filhos de imigrantes com o novo mundo os colocou em contato com o esporte hegemônico do lugar onde eles passaram a viver.

O terceiro período entre 1970 e 1980 é de crescimento, porém um crescimento relacionado ao momento econômico ao qual o mundo passava:

No final dos anos 1960 (1968 -1969) a industria calçadista sofreu uma estagnação e até um decréscimo na produção (-3%) por causa do reduzido poder aquisitivo dos salários, o que afetou o mercado interno, e pelas dificuldades de acesso ao mercado externo, entre elas: a desigualdade entre a evolução do dólar e dos custos internos de produção, exigências do mercado externo, disputas com outros produtores (Itália e Espanha), entaves burocráticos, barreiras fiscais e problemas de transporte. Para superar estes entaves ao desenvolvimento do setor, o Estado iniciou um programa de subsídios e incentivos às exportações de calçados, que foi institucionalizada em 1971 através do decreto lei nº 1.189, que regulamenta incentivos à exportação (CARABAJAL 2005 p. 54).

Neste período, as exportações começaram a aumentar e o modelo de produção taylorista passou a ser protagonista nos processos de produção de calçado: “A partir daí, o Brasil passava a exportar calçados femininos – em grandes lotes padronizados e com pouca variação de cores e modelos – para países capitalistas desenvolvidos, principalmente os EUA” (CARABAJAL, 2005, p.55).

da Mocidade Bailante 1921, SportClub Guarany 1925, SportClub Canudense 1925, Sociedade Recreativa Rio Branco 1926, Club União Juvenil 1916, Sociedade de Canto Bruderbund 1917, Sociedade Recreativa MaennerClub São João 1921, SportClub Victoria 1923, Sociedade de Canto Frisch Auf 1924, SportClub Palmeira 1924, Grêmio S. Hamburguez de Football a Atletismo 1927, SportClub Municipal 1927, SportClub Ypiranga 1927 A quantidade de sociedades recreativas e esportivas existentes na cidade na década de 1920, mostrava a importância dada ao esporte e ao lazer no município. Também lembramos que o associativismo, comum na Europa, tornou-se uma característica do imigrante alemão, que “contrabalançou o trabalho na solidão do lote rural, ao longo da semana, com recreação em grupo aos domingos, e era também uma forma de viabilizar problemas comuns referentes à vida comunitária, como religião, escola, recreação, saúde.” (SChEMES 2006, p.339)

Outro fenômeno importante deste período foi o processo de migração²⁹ de trabalhadores rurais para a região à procura de emprego.

Durante este período, as empresas do setor se inserem no mercado externo iniciando um processo de alteração da base tecnológica, inicialmente através da introdução de “trilhos” de transporte de sapatos e logo com as linhas de montagem (esteiras). Esta nova inserção demandou um maior número de trabalhadores que esgotou rapidamente o contingente de força de trabalho disponível na região. Conforme registra, neste mesmo período acontecia no Alto Uruguai, nas Missões e na Grande Santa Rosa, uma crise na agricultura familiar, decorrente da modernização da agricultura, expulsando os colonos do campo, assim como os filhos de pequenos agricultores, parceiros meeiros e sem-terras. Estes agricultores são os primeiros migrantes que virão procurar emprego na região coureiro-calçadista, sendo que este processo possibilitou a absorção de trabalhadores sem qualificação no mercado de trabalho calçadista, fazendo da região dos Vales do Sinos e Paranhama um pólo de atração na procura de emprego. É o momento da indústria calçadista, que recém tinha implantado processos produtivos taylorizados, absorver esta força de trabalho oriunda da agricultura (CARABAJAL 2005, p.54-55).

Com o processo migratório, novos hábitos de lazer passaram a fazer parte do cenário urbano. É possível identificar neste período dois movimentos a manutenção dos hábitos germânicos e o de consolidação de novos hábitos com a chegada de pessoas de outros lugares com outros costumes. Havia guetos nas regiões periféricas da cidade e mesmo os pobres antigos não gostavam de se “misturar³⁰” com esta gente nova. Porém a cidade absorvia bem esta nova situação étnica.

O quarto período marcado entre 1980 a 1990, foi o período de maior pujança da indústria da cidade em decorrência de uma série de fatores macroeconômicos favoráveis às fábricas de sapato passaram a empregar um número muito grande de pessoas e deu-se o início o processo de favelização da

²⁹ Um estudo que faz reflexões sobre impactos do processo de migração germânica, porém em outra realidade é o de Mello 2006

³⁰ Por mais que seja antietnológico coloco esta expressão em minha dissertação como uma homenagem a minha avó dona Alvina, que era uma destas pessoas pobres e antigas na cidade, esta expressão escutei muitas vezes da sua boca ao se referir aos migrantes da fronteira com a Argentina.

periferia da cidade. O local onde estas pessoas de fora passavam a morar eram precários e temporários.

Esta nova população que habitava regiões distantes das sociedades e clubes da cidade tinham demandas sociais tais como saúde, educação, lazer e esporte e poder público municipal, à sua forma, foi realizando ações na tentativa de sanar estas demandas. Com relação ao esporte e lazer, foi neste período que se construíram aproximadamente 20 campos de várzea entregues a associações comunitárias.

Estes hábitos de lazer distintos se desestruturaram com o passar dos anos. Se antes tínhamos os ricos descendentes de alemães nas sociedades e os pobres migrantes trabalhadores nos campos de várzea da periferia agora temos uma infinidade de possibilidades com o empobrecimento de muitos decentes de alemães e com a ascensão econômica de alguns migrantes. Embora alguns historiadores tentem escrever uma história da cidade sob o olhar do imigrante e não do migrante, esta história elitizada não consegue dialogar com a realidade, pois os hábitos da cidade e das pessoas que vieram morar aqui nunca mais foram os mesmos, a relação entre diferentes formas de viver reinventa novas formas de viver cotidianamente.

No fim da década de 1980, iniciam-se novas mudanças nas formas de produção da cadeia coureiro calçadista:

No Brasil, e também no setor coureiro calçadista, as fábricas começaram a introduzir novas formas de gestão e de organização dos processos de trabalho (TQC, Just-in-Time, Kanban, Ilhas ou Grupos de produção) para adaptar-se às demandas de consumo, que eram principalmente maior qualidade e produtividade. Conjuntamente, aumenta o fenômeno da tercerização com maior difusão dos ateliês de calçado (prestadores de serviço), do trabalho domiciliar e mais no fim da década das cooperativas de produção (CARABAJAL p.56).

Outro processo marcante neste período é o de interiorização das empresas calçadistas, ou seja:

da criação de filiais e subunidades em pequenas cidades vizinhas. Isto trouxe como consequência um outro processo, que é o de uma relação salarial onde passam a ser

contratados trabalhadores no meio rural, surgindo nessas localidades um novo tipo de trabalhador o “colon-operário” (CARABAJAL. 2005, p.57).

Neste quarto período da cadeia coureiro-calçadista, as indústrias saem de dentro da cidade, porém as pessoas e as demandas sociais continuam. Este quadro se agrava ainda mais, quando no início da década de 1990, inicia-se o processo de utilização de elementos do neoliberalismo na política econômica nacional. A abertura do mercado interno para as importações somada a competitividade do calçado de países orientais destruíram a indústria calçadista da região. Somente algumas empresas já adaptadas às novas formas de produção, é que conseguiram se manter dentro deste processo.

Com o advento da interiorização da produção, a cidade de Novo Hamburgo passou a ter um papel fundante no comércio da região. Embora a produção não estivesse mais com o peso dentro da cidade, é notório que toda a riqueza produzida na região passava, e passa, por ali.

Com relação ao lazer e ao esporte este período, da década de 1990, foi traumático para a cidade, pois os campos de várzea se desestruturaram com o apoio cada vez mais escasso do poder público e com as sociedades se desestruturando e muitas delas vendendo o seu patrimônio construído ao longo dos tempos.

Outra característica interessante deste período é que embora se tenha registrado áreas institucionais e de lazer nos novos loteamentos, praticamente inexistem praças os espaços públicos para a prática de esporte construídos neste período.

É neste espaço de tempo que os meios de comunicação oferecem cada vez mais práticas esportivas desvinculadas da dinâmica local e que o lazer se consolida cada vez mais sob a ótica individualista e de produto, contrariando o associativismo germânico e dos migrantes. Nesta década fábricas abandonadas viraram quadras de futebol indoor, pistas de kart e locais de Paint Ball, sempre que um cidadão se deparava com suas demandas de lazer precisava pagar para isso e contava cada vez menos com o acesso aos aparelhos públicos ou frutos do associativismo seja ele germânico ou migratório.

3.2 O Programa Escola Aberta e a implementação em Novo Hamburgo

O Programa Escola Aberta surgiu no Brasil no início da década de 2000, se constitui em uma parceria entre o MEC e a UNESCO, de onde são repassados recursos a instituições ligadas a escolas e estas administram a execução do programa em conjunto com a comunidade escolar dentro deste espaço institucional.

A construção do Programa Escola Aberta é uma das ações da UNESCO nesta década, outro programa muito difundido no início deste período foi o Programa Amigos da Escola:

uma iniciativa que vem proporcionando uma maior divulgação do trabalho voluntário é o Projeto Amigos da Escola, que apresenta a visão de relação indivíduos e coletividade, atuando na área educacional no sentido de preencher lacunas deixadas pelo Estado, afirmando que procura fortalecer a educação pública brasileira, ao buscar a melhoria da qualidade do ensino utilizando, para a execução de suas ações, o voluntariado (FIGUEIREDO, 2003, p.23).

Assim, é possível identificar a UNESCO como uma entidade que vem se articulando politicamente na consolidação de políticas de apoio à lógica da terceira via, ou seja, que desobrigam o estado de responsabilidades, mas que procuram suprir estas necessidades com estímulo para que a sociedade civil assuma este papel.

Já o MEC se consolidou como agente operacional do programa, pois utilizando-se de financiamentos da UNESCO repassa pelo PDDE(Programa Dinheiro Direto na Escola) os recursos que são utilizados pelas associações ligadas às escolas para gerir o andamento do Programa Escola Aberta.

O início dos repasses se iniciou em 2004. No Rio Grande do Sul as primeiras escolas que foram conveniadas foram escolas da rede estadual, sendo que Novo Hamburgo passou a aderir o programa em meados de 2005:

o programa escola aberta começa no Brasil em 2004, chega em Nova Hamburgo em 2005, em setembro de 2005, e de imediato eu começo a trabalhar no programa, e faz três anos que ele está implantado no município (Marcelo).

É interessante pensar que a UNESCO em outros momentos já havia planejado utilizar o espaço escolar como espaço de difusão de políticas e ideologias, começando com o Programa Amigos da Escola. Atualmente operando através do Programa Escola Aberta a referida entidade consegue ter uma inserção muito grande nas populações mais carentes do país, pois a escola, embora muitas vezes sucateada, é com certeza a instituição social mais presente no cotidiano das pessoas.

Com relação aos objetivos do Programa Escola Aberta em sua formulação teórica é relatado da seguinte forma:

Objetivo geral:

- Contribuir para a melhoria da qualidade da educação, a inclusão social e a construção de uma cultura de paz.

Objetivos específicos:

- Promover e ampliar a integração entre escola e comunidade
- Ampliar as oportunidades de acesso a espaços de promoção da cidadania
- Contribuir para a redução das violências na comunidade Escolar (BRASIL, MEC, Programa Escola Aberta, p.14).

Um elemento marcante no objetivo geral é a forma como ele opera com constructos de interpretação subjetiva, porém embora estes conceitos sejam subjetivos o MEC não deixa de pontuá-los como elementos fundantes do objetivo conceituando. O documento oficial define o termo qualidade da educação da seguinte forma:

Quanto à expressão “qualidade da educação”, entende-se aqui não como aumento da maturidade intelectual desenvolvida a partir da aprendizagem de conhecimentos específicos – científicos. A qualidade de educação aqui será entendida de forma mais ampla, como formação para a cidadania, encontrando respaldo na literatura científica e legislação. (BRASIL, MEC, Programa Escola Aberta, p.15).

Com relação à inclusão social, o documento posiciona-se assim:

O conceito de inclusão social relaciona-se ao acesso de todos aos benefícios que a sociedade puder oferecer.

Baseia-se no respeito às diferenças, no exercício da cidadania e na dignidade humana. Portanto, refere-se a questões como igualdade de acesso a bens, tecnologias, informações e serviços existentes na sociedade, bem como valorização das expressões culturais das comunidades, liberdade de credo religioso, respeito à diversidade de etnia, gênero e orientação sexual. É a partir do princípio do respeito à diversidade que se firma o conceito de inclusão social. (BRASIL, MEC, Programa Escola Aberta, p.15).

Já com relação à cultura da paz, o documento não possui uma definição categórica, mas opera com o conceito da seguinte forma:

A Declaração Universal dos Direitos Humanos preconiza, em seu artigo XXVI, que “A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.” (BRASIL, MEC, Programa Escola Aberta , p.23).

A reflexão que se pode fazer com relação aos objetivos do Programa Escola Aberta é a de que seus objetivos são bastante amplos e de que a compreensão dos agentes em relação a estes objetivos às vezes demonstra ser um pouco distante.

As dinâmicas do Programa Escola Aberta se organizam em torno de espaços temáticos denominados oficinas. Estas oficinas são de responsabilidade dosicineiros, que por sua vez, possuem algum tipo de conhecimento a respeito do assunto em questão. Em algumas oficinas, observei uma lógica parecida, com uma aula existindo horário de início e término bem como uma intervenção diretiva por parte dosicineiros. Em outros espaços, foi evidenciada uma maior liberdade oportunizando as pessoas circularem por várias oficinas em um curto espaço de tempo. Nestas oficinas, oicineiro deixa de ser uma espécie de professor e passa a ser um facilitador, auxiliando com os matérias e organizando os tempos e espaços de vivencias.

Com relação aos tipos de oficinas, o Programa Escola Aberta define duas grandes modalidades:

Definiram-se, para a consecução dos objetivos, os tipos de oficinas abaixo explicitados em linhas gerais:

1. Oficinas planejadas a partir da pesquisa que o coordenador escolar realizará na comunidade, identificando os interesses e necessidades dos moradores. As oficinas podem ser de diversas áreas como cultura/artes, esporte e lazer, comunicação, saúde, informática, trabalho e outras (reforço escolar, idiomas, conteúdos variados).
2. Oficinas fomentadas pelo MEC, com o objetivo de contribuir para o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural nacional, o enfrentamento da discriminação e do preconceito, o desenvolvimento da cidadania e do protagonismo juvenil. Serão realizadas, entre outras e sempre que possível, oficinas de direitos humanos e cidadania, diversidade e leitura. (BRASIL, MEC, Programa Escola Aberta, p 16).

Embora o segundo tipo de oficina dialogue de uma forma muito harmônica com todo o referencial filosófico-ideológico da formulação do programa, durante o período de inserção no campo em nenhuma das escolas, eu presenciei a existência de uma oficina.

Porém, para estes objetivos e oficinas se concretizarem o Programa Escola Aberta prevê conteúdos, que são elementos aos quais devem ser balizadores dos planejamentos das atividades do programa:

Vinculados estreitamente a esses eixos e a partir da proposta de transversalidade, propõem-se os seguintes princípios a serem observados no planejamento das oficinas e nas abordagens dos seus conteúdos:

- Solidariedade (ética da cooperação)
- Respeito à diversidade: cultural, étnica, lingüística, religiosa, de orientação sexual, de classe social
- O trabalho como meio de transformação do homem e da sociedade
- Preservação do meio ambiente (patrimônio natural e construído)
- Autonomia
- O lazer como direito social e como tempo e espaço de organização (BRASIL, MEC, Programa Escola Aberta, p 31).

Embora, seja possível se observar estes conteúdos em diversas situações, o conteúdo relacionado à discussão sobre o lazer possui uma maior significância no discursos dos agentes e nas práticas observadas. É comum encontrarmos pessoas discutindo durante as oficinas sobre a importância daquele lugar, enquanto espaço de lazer para a comunidade.

A formulação teórica do Programa Escola Aberta também procura fazer apontamentos sobre os conceitos de lazer com as quais opera, apresentando os mesmos da seguinte forma:

O **Programa Escola Aberta** fomenta esse direito em suas oficinas, nas mais variadas áreas uma vez que estimula as comunidades a repensarem: suas práticas culturais e a utilização de seu tempo disponível de forma criativa e autônoma. O programa possibilita o exercício do que Marcellino (2002) cunhou de “duplo aspecto educativo do lazer”, ou melhor, é possível nos educar pelo lazer e para o lazer. (BRASIL, MEC, Programa Escola Aberta, p. 44).

Com relação a esta discussão de lazer e educação Stigger (2009) aponta para possibilidades educativas do lazer, porém relativiza este discurso ao demonstrar que não é possível reduzir o lazer somente à esfera educativa.

Os convênios são celebrados entre as APEMENS³¹ e o MEC através do PDDE, os valores repassados são definidos por resolução específica e definidos anualmente, em 2009 a resolução que define as normatizações é a resolução do FNDE 04/2009³² que ao nomear a expressão abertura da escola em finais de semana trata das normatizações do Programa Escola Aberta.

O recurso é repassado para uma conta específica da UEx (Unidade executora que no caso de Novo Hamburgo são as APEMENS das escolas) que faz a utilização destes recursos, conforme a resolução e que periodicamente presta contas ao MEC, esta prestação de contas é acompanhada pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto.

A escola, por sua vez, realiza as compras de materiais e os pagamentos dos ressarcimentos, a título de ajuda de custo, dos voluntários é feito mensalmente de acordo com a função e com a carga horária em que eles se envolveram com o programa. Como o pagamento é feito pela APEMEN, quem assina o cheque, todos os pagamentos são feitos por esta modalidade, de ressarcimento, é o presidente da APEMEN e a diretora(or)³³ da escola.

³¹ Associação de Pais e Mestres, vinculadas às escolas

³² Em anexo

³³ Privilegio o gênero feminino para caracterizar esta função pois das vinte e cinco escolas que possuem Programa Escola Aberta em Novo Hamburgo apenas duas possuem diretores do sexo masculino, sendo que a pesquisa não se relacionou com nenhuma delas

O valor repassado varia de acordo com a função e a carga horária que cada um dos agentes desempenha dentro do programa. Existem quatro cargos que recebem ressarcimento a título de ajuda de custo: o oficineiro, o coordenador escolar, o professor comunitário e o supervisor da secretaria de educação.

O oficineiro é a pessoa responsável por levar a diante as atividades nas oficinas que são temáticas. Cada um deles pode atuar no máximo 8 horas por escola, tendo como teto quatro horas diárias. No final de um mês, cada agente que trabalha oito horas por fim de semana, consegue acumular o rendimento de R\$240,00. Um mesmo oficineiro pode trabalhar em mais de uma escola por fim de semana, podendo acumular até R\$ 480,00. O entendimento do Programa Escola Aberta é que estas pessoas, que são consideradas trabalhadoras voluntárias, sejam preferencialmente uma pessoa da comunidade e que tenha um bom grau de instrução, sugerindo inclusive que graduandos das mais diversas áreas sejam preferencialmente inseridos no programa.

O coordenador escolar é um membro da comunidade, em Novo Hamburgo geralmente membro da APEMEN da escola, e que é responsável por abrir e fechar a escola e de controlar a entrada de pessoas. Para esta função não é sugerida nenhuma formação, e o que se observou foi a ocupação desta função por pessoas de origem pobre e que o ressarcimento era muito significativo na renda destas pessoas. O ressarcimento para esta função é de R\$240,00;

O professor comunitário é a pessoa responsável por fazer a ligação da escola do dia de semana com a escola do fim de semana. A princípio, a grande função deste agente é o de divulgação, porém em algumas escolas é ele que responde pela organização do espaço e em, outras a função é desempenhada pela diretora da escola. O fato da diretora da escola responder como professora comunitária é controverso, pois segundo depoimentos não é considerado muito ético pelos coordenadores municipais do programa, uma vez que ao ser diretora e professora comunitária ao mesmo tempo, no momento do pagamento a diretora precisa assinar um cheque nominal a ela mesma. O ressarcimento para esta função é de R\$ 240,00 mensais.

O supervisor é agente ligado à secretaria de educação e é ele quem faz o controle sistêmico do programa, sendo o responsável por visitar a escola e comprovar o funcionamento das oficinas. Para receber o ressarcimento o

supervisor deve ir pelo menos duas vezes por mês na escola. Para realizar estas atividades, a escola paga a ele R\$ 24,00 por visita. É limitado à ele supervisionar cinco escolas.

o máximo que um supervisor pode ganhar é ao final de um mês é 240 reais, no caso os supervisores aqui ganham 192 reais, então no final de um mês se forem no mínimo duas vezes por escola. Ele vai na escola assina um recibo e no final de um mês ele ganha 192. Este recibo ele assina na escola é a escola que paga para ele. Depois, cada escola tem a função do coordenador escolar, este que abre a escola, este recebe 240 reais, no final do mês. E o professor comunitário, da escola também, é ele que faz a ligação da escola do fim de semana com a escola do meio da semana, 240 reais também. E aí os oficinairos, estes ganham 24 reais por dia de ressarcimento, sendo que ficou estabelecido pelo MEC que eles podem atuar aos fins de semana no máximo 8 horas, por questões de não gerar vínculo empregatício, enfim, 8 horas pro fim de semana então 8 horas por fim de semana vezes 24 reais dá 192 reais também. E este dinheiro é pago a título de ressarcimento de transporte e alimentação (Marcelo).

Com relação à gestão dos recursos, embora possa se ter a ideia de que, ao repassar valores a uma entidade da sociedade civil, se estaria tirando a gestão do poder público, porém a influência que as diretoras de escola possuem, administrativa e politicamente, desconfigura esta situação em Novo Hamburgo. Isso porque é a diretora que concentra o poder de decisão sobre os recursos:

Então esta comunicação existe entre eu e os oficinairos, e quando eu preciso de algum material eu entro em comunicação com a diretora da escola e ela **permite** [grifo meu] que eu vá então dentro das necessidades que precisam, conforme vem a verba eu faço as compras pra que não falte nenhum material no final de semana (Simone).

Foi possível constatar que alguns procedimentos decisórios não passam por uma ampla discussão da comunidade:

te dou um exemplo, em várias escolas que eu chego, e vejo como é o processo de pagamento de uma compra simples, o talão de cheque está assinado pelo presidente da APEMEM, porque o PDDE, que o programa de dinheiro

direto na escola especificamente do Programa Escola Aberta o programa de dinheiro direto na escola aos fins de semana, é na conta da APEMEM. Quem assina a conta da APEMEM? Presidente da APEMEM e a diretora. Com quem fica o talão de cheque? Com a diretora com todos os talões assinados. Então ela compra o que quiser como ela bem entender e no final do mês em uma prestação de contas (Marcelo).

Esta intervenção da diretora da escola estabelece um controle da administração pública municipal sobre o programa, uma vez que estas agentes recebem Adicional de Dedicção Plena (ADP) para se responsabilizarem pela administração da escola

O início do Programa Escola Aberta em Novo Hamburgo se deu no segundo semestre de 2005, sendo que o tramite de implementação não se deu em função de um pleito da prefeitura, mas sim por iniciativa do MEC e da UNESCO:

bom, infelizmente como tudo que tem acontecido no Brasil, em termos de políticas públicas chega em cima da hora, quando o prazo está estourando, de hoje para amanhã você tem que se inscrever, tem que se matricular, tem que aderir, sem conhecer profundamente a proposta, sem conseguir fazer os contatos necessários. E foi assim que aconteceu com a escola aberta, também. Fomos chamados em uma reunião em Porto Alegre, da UNESCO, com os municípios e com os diretores de escola das escolas que se enquadravam no perfil das escolas que poderiam ser enquadradas no programa, que eram escolas que possuíam séries finais. E voltando de lá tínhamos que responder no dia seguinte sobre a adesão. Então foi uma divulgação muito rápida e nunca se tinha ouvido falar nisso né, abrir a escola nos fins de semana, os diretores ficaram apavorados. E esta pessoa e eu então começamos um trabalho de formiguinha chamando eles, chamando diretores que não tinham ido na reunião em Porto Alegre, num processo de convencimento a aderir (Marcelo).

Já nas escolas, a repercussão do início das atividades do programa teve outros desdobramentos, tais como:

Então veio o convite pra diretora da escola se ela gostaria de abrir a escola aos finais de semanas seria o Escola Aberta, funcionaria ao sábado e a domingo com atividades...esporte, lazer, a princípio era crianças assim

com risco né, que ficavam nas ruas sem ter o que fazer. A gente teve uma reunião daí com a supervisora que era lá da SMED mesmo, que ela veio e explicou como funcionava. A diretora da escola resolveu aceitar né, fez uma reunião com os membros da APEMEM com todas escolas que a princípio assim havia aquele medo que quebrassem as coisas né, vidros, essas coisas (Jacinta).

no primeiro momento então foi com a antiga diretora né e numa reunião de professores foi colocado que Novo Hamburgo então iniciaria a adesão do processo federal né, que vem do governo federal a proposta primeira né e o quê que o grupo pensava disso né, então em função da troca de diretores que viria logo em seguida, achou-se melhor que a escola não aderisse né, então ficou um tempo, acho que uns 6 meses, 5 meses. (...) o maior argumento era justamente na questão de administrar uma verba né, porque a questão financeira pesou bastante, é uma verba bastante grande né e que daqui a pouco uma outra pessoa não gostaria de se envolver com essa quantia no caso, esse era o grande medo, digamos assim, de se posicionar e no caso falando por outra pessoa que viria ficar depois, porque a diretora antiga da escola sairia por vontade própria né, ela não iria permanecer de nenhuma forma né, então o argumento maior era esse (Ana).

Ainda sobre o processo de convencimento, podemos apontar mais elementos significativos:

Levou um certo tempo, assim, pra que se aceitasse, mas no todo, assim, um ano depois dois anos depois, nós o grupo de professores e os próprios pais, perceberam que valia a pena, muitas coisas boas reverteram, para os alunos, principalmente nos materiais, olha melhorou muito mesmo, por este lado na escola, tu vê assim ó, os alunos tem mais material para a educação física, porque tendo oficina de esportes tu pode comprar material, então teve muito mais material. Então a goleira, não sei o nome, a aquela coisa ali pra basquete, isso tu vê não tinha antes da escola aberta. materiais de artes melhorou e enriqueceu muito mais no dia a dia em função de ter aí tu tem o material. E nos foi dado bem claro que, no momento que se adquiria o material para a escola aberta, e com aquela oficina funcionando, durante a semana também, conforme a necessidade das professoras e dos alunos, este material também poderia ser usufruído. Então com o passar do tempo se observou as melhoras que a escola fez, teve em função da escola aberta (Simone).

Assim, é possível perceber que a remuneração para a escola foi e em alguns casos, e ainda é um elemento decisivo para a adesão da escola. A forma como o Programa Escola Aberta consegue *abrir espaços*³⁴

Com relação às atividades encontradas na implementação Hamburguesa do Programa Escola Aberta, é possível afirmar que o esporte se apresenta como atividade hegemônica, embora seja observado em todas as escolas outros tipos de oficinas como de artesanato, culinária ou manicure. Porém a diário de campo que segue narra em parte o clima presente no dia a dia de um das escolas estudadas:

ao entrar na escola”, estava procurando pelo coordenador escolar que é uma pessoa muito referenciada em outras escolas, observei quatro adolescentes jogando basquete em um dos poucos cantos com piso de concreto da escola, quando fui à outra direção observei uns 15 garotos jogando futebol de goleirinhos em um campinho de areia bem molhado, quatro casais de aproximadamente 40 anos tomando chimarrão embaixo de umas árvores com seus filhos brincando na pracinha da escola, e mais um grupo de jovens adultos, entre 20 e 30 anos, jogando futsal na quadra da escola, mais umas crianças jogando ping-pong e fla-flu. Depois de muito perguntar encontrei o coordenador escolar. Ele estava concertando um pequeno taco para jogo de taco-bola, e foi quando começamos a conversar. Perguntei a ele que oficinas estavam acontecendo naquele momento e ele respondeu: “a de esporte e a de artesanato”. Fomos à sala que estava acontecendo à oficina de artesanato e a oficina estava sozinha produzindo peças para vender na feirinha da cidade, naquele momento não estava fazendo nenhum atendimento. Quando perguntei sobre quem estava dando oficina de esporte ele respondeu: “está ali enchendo a bola para a gurizadinha menor”. Perguntei qual era a função deste oficinairo e o coordenador respondeu: “cuidar do material para que todos utilizem sem estragar” (Diário de campo 20/02/2009).

Como demonstram os diários de campo, a participação da comunidade nas atividades do Programa Escola Aberta é muito significativa. As escolas que foram visitadas contavam sempre com um número significativo de pessoas em suas

³⁴ “Abrindo Espaços” é o nome do vídeo onde é apresentado o Programa Escola Aberta no momento do convencimento para a adesão de novas escolas.

atividades, e em muitas vezes, estas pessoas procuram este espaço como lugar de convívio social sem necessariamente participar de nenhuma oficina.

A importância do esporte para o programa se consolida através de vários depoimentos:

O esporte é o que mais tráz as crianças aqui pra dentro né. Elas tem pouco interesse nas atividades que nós temos. Nos temos os esportes e o artesanato né, no nosso caso. Então como a maioria dos nossos participantes aqui são meninos, normalmente eles voltam pro lado do esporte (Marcio).

Já a oficina de esportes, por exemplo, é uma oficina que eu acho que nunca vai se esgotar de forma alguma, muito pelo contrário, a tendência é cada vez aumentar mais né! (Ana).

Eu acho que é uma oficina no Escola Aberta mais procurada, se tu não tiver esporte não precisa nem abrir a escola. Tu fazer uma pesquisa com os jovens “qual as oficinas que eles mais gostariam que tivesse?” primeiro lugar o esporte, futebol em primeiro depois vai volei, basquete, handebol né. Mas eu acho que na verdade assim todo mundo um pouco de esporte gosta de fazer, algum tipo de esporte, a maioria das pessoas pelo menos (Jacinta).

O esporte é o carro chefe em Novo Hamburgo e no Brasil, tem relatórios já feitos pela UNESCO devido ao tempo que já tem o programa, o esporte é o carro chefe (Marcelo).

Assim, se justifica a compreensão do fenômeno esportivo dentro deste espaço, pois ele une dois elementos importantes a adesão da comunidade à esta iniciativa e o fortalecimento do esporte. Esta discussão fomenta uma das categorias de análise que apresento do decorrer da dissertação.

A condição voluntária dos trabalhadores que atuam no programa se consolida como um elemento importantíssimo para compreender o modo de funcionamento do programa e para refletir sobre a condição de trabalhador voluntário, nos dias de hoje, em nossa realidade.

A formatação do Programa Escola Aberta utiliza-se da legislação pertinente ao trabalho voluntário, porém esta nomenclatura gera, nas pessoas que atuam nesta condição jurídica, um certo desencontro de identidades. Este desencontro, constituído pela imposição do termo, pode ser ao mesmo tempo

compreendido como constituinte do se entende por trabalho voluntário em determinada realidade.

Estas identidades, arbitrariedades, representações acabam constituindo significados sociais da noção de trabalhadores voluntários, é a essa dimensão que do universo empírico que procurarei tratar nos próximos capítulos tentando fazer não só a reflexão sobre noções de trabalho voluntário como as possíveis relações que esta ação humana possa estabelece com as políticas públicas de esporte e lazer.

4. As identidades de Trabalho Voluntário dentro do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo

Embora possa se encontrar diversos conceitos, do que seja o trabalho voluntário, é necessário pontuar que o mesmo não é uma categoria ontológica, ou seja uma categoria *a priori*, ele é um constructo que em diferentes tempos e espaços possui seu significado imbricado às culturas com os quais o termo se relaciona.

Pode-se reconhecer a utilização do termo em alguns momentos da história ocidental:

Pois, no que diz respeito aos voluntários, que, por curiosidade ou vontade de aprender, pudesse se oferecer para o ajudar, além de geralmente apresentarem mais promessas do que resultados e de fazerem apenas belas propostas das quais nenhuma nunca obtém sucesso, desejariam inevitavelmente ser pagos pela explicação de algumas dificuldades, ou ao menos por cumprimentos e conversas estéreis, que lhe custariam sempre algum tempo, por pouco que fosse(Descarte s/d).

E tentando fazer uma síntese histórica do trabalho voluntário é que o portal do voluntariado³⁵ traça a seguinte ordem cronológica:

1543 - Fundação da Santa Casa de Misericórdia

1863 - Criação da Cruz Vermelha

1908 - A Cruz Vermelha chega ao Brasil

1910 - Normas do Escotismo

³⁵ Site da internet que tem por objetivo difundir a prática do voluntariado. “Lançado em 5 de dezembro de 2000, o Portal do Voluntário surgiu como plataforma de continuidade do Programa Voluntários, da Comunidade Solidária. Criado em parceria com a Rede Globo, a Globo.com e a IBM Brasil, hoje, o Portal desenvolve ferramentas de gestão de voluntariado empresarial para diversas empresas.

1935 - Promulgada a Lei de Declaração de Utilidade Pública
1942 - Getúlio Vargas cria a Legião Brasileira de Assistência
1945 - A Fundação Dorina Nowill Para Cegos
1950/1960 - Era Damista
1954 - Surge a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
1962 - Criação do Centro de Valorização da Vida - CVV
1967 - Criação do Projeto Rondon
1970 - Surgimento de ONG's
1983 - Criação da Pastoral da Criança
1990 - Começa a busca por parcerias
1993 - Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria e pela vida
1995 - Criação do Conselho da Comunidade Solidária
1996 - Lançamento do Programa Voluntário
1997 - Criação dos primeiros Centros de Voluntariado do Brasil
1998 - Promulgada a Lei do Voluntariado
1999 - Promulgada a Lei das OSCIPs
2000 – Criação do portal do voluntariado
2001 – Ano internacional do voluntariado
2001/2002 - Pastoral da Criança é indicada ao Prêmio Nobel
2003 - Portal do Voluntário lança o primeiro site corporativo de sua trajetória
2004 - Reformulação do Portal do Voluntário e introdução do V2V
2006 – Lançamento do V2V Network (PORTAL DO VOLUNTARIADO, 2009).

O grande risco de se traçar este tipo de cronologia é o de se simplificar as possibilidades representacionais deste termos, ou seja, querer dizer, por exemplo, que os motivos e os métodos do Trabalho voluntário da Santa Casa em 1543 são

os mesmos que fundamentam o portal do voluntariado que conhecemos atualmente.

Acredito que estas simplificações tenham como pano de fundo a necessidade de associar tais ações, compreendidas pelo senso comum como positivas, à ideia de trabalho voluntário buscando uma credibilidade pautada pela distinção histórica. Esta estratégia é pautada por uma série de estereótipos dos diferentes entendimentos sociais do trabalho voluntário, para Selli:

A leitura que a sociedade brasileira faz da atividade voluntária ainda está plena de estereótipos e preconceitos ligados a representações sociais que foram construídas ao longo do tempo e fazem parte de nossa cultura política (SELLI, 2006, p. 256).

Porém é importante frisar que embora sejam atribuídos fonemas idênticos, as ações e os significados que rondam o trabalho voluntário possuem muito pouca convergência.

A expressão que norteia este trabalho, possui linguisticamente elementos muito ricos a serem estudados, o que proporciona alguns questionamentos como: quais as ações que são significadas como voluntárias? E quais os significados que são dados a ações que são arbitrariamente referendadas como voluntárias?

Embora a noção de trabalho voluntário venha sendo apropriada e ressignificada ao longo da história de formas diferentes, em 1998 o Estado Brasileiro normatizou através de lei o que é ser trabalhador voluntário. Esta regulamentação se estabeleceu no sentido de não enquadrar o trabalho voluntário dentro da lei trabalhista. Assim, quando a pessoa assina o termo de compromisso, está abrindo mão de todos os seus direitos enquanto empregado.

As ações das pessoas que fazem o Programa Escola Aberta acontecer são consideradas voluntárias, por um termo que todos assinam ao ingressar no programa que após a identificação do sujeito impõe o seguinte texto:

pelo presente instrumento, formaliza adesão e compromisso em prestar, a contento, *serviço voluntário*, nos termos da Lei nº 9.608, 18 de janeiro de 1988, que tem por objeto a () **execução** () **organização** () **coordenação** () **supervisão** de atividades educativas e recreativas nos finais de semana em escolas públicas definidas em Resolução do

Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, que dispõe, anualmente, sobre os processos de adesão e habilitação e as formas de execução e prestação de contas do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), cômico de que fará jus ao ressarcimento das despesas com transporte e alimentação decorrentes da prestação do referenciado serviço e que tal serviço não será remunerado e não gerará vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim (BRASIL, FNDE, 2009).

A compreensão de que aquele trabalho é voluntário é bem clara para estas pessoas:

como eu disse antes “é uma ajuda de custos pra esse oficinairo” porque na essência eles são todos voluntários né, o ressarcimento é como uma ajuda de custos, só que é uma ajuda de custos que pra muitos se torna uma renda né (Ana).

Depois de um tempo, assim, ela me convidou para ser professora comunitária, então ela me explicou o que eu faria e eu acabei concordando, assim, justamente aceitando, justamente porque era m trabalho voluntário (Simone).

Porque é legal tu fazer o trabalho é um trabalho voluntário ser um oficinairo né. Tu ganha só uma bolsa auxílio né, mas eu acho que poderia ser um pouco mais valorizado assim o trabalho do oficinairo e ser melhor recompensado (Juliano).

Fica evidente o conhecimento por partes dos voluntários de sua condição de regime jurídico de trabalho. Porém, do ponto de vista da representação, a condição de voluntário é em alguns momentos contestada:

É meio confuso né, porque é um trabalho voluntário que ao mesmo tempo tu recebe uma ajuda de custo. Fica meio confuso pra ti explicar isso, mas como eu te falei antes, se tu mora perto, se tu não tem gastos o retorno que vem é lucro pra ti né (Jacinta).

E: Pela documentação do Escola Aberta, todas as pessoas que fazem parte do programa são juridicamente consideradas voluntárias, a pergunta que eu lhe faço: existem pessoas voluntárias no programa?

I: Voluntários, penso que não existem voluntários, o nosso trabalho antes que eu falei, o projeto era voluntário né, então eu abriria mão e faria, lógico com redução de horas, mas faria ainda um projeto voluntário, eu faria.

E: Mas a senhora acha que não existe trabalho voluntário no escola aberta ou existe?

I: Bom...eu pelo que eu sei, pelo que eu vejo não (Carolina).

Este voluntariado, que possui uma certa dificuldade em reconhecer-se como tal, é identificado em outras pesquisas, Silva (2006) observou cinco categorias motivacionais para a adesão de pessoas ao trabalho voluntário dentro do mesmo local de atuação: 1) motivações que indicam preocupações com a coletividade 2) motivação externa, sem vínculos com credos ou valores do voluntariado 3) benefício indireto à participação das atividades 4) Motivação Religiosa e 5) busca pela cidadania.

Assim como no estudo de Silva as motivações encontradas nos agentes voluntários do escola aberta de Novo Hamburgo não são únicos:

mas que é gratificante, durante a semana mesmo tu encontrar eles e eles te reconhecem né. Eu mesmo as vezes era sábado de manhã que eu tava atrasada, tem uns guris que moram ali perto da minha casa que vão lá chamar sabe.."vamo lá abrir a escola, a escola não vai abrir?", "calma não tá na hora", sabe daí tu encontra eles durante a semana que eles são teus amigos, as vezes até algum menino problemático né que...Eu mesmo assim fiz amizade com um que ele costumava vim aqui na escola roubar as coisas dia de semana, lâmpadas e coisas e eu a princípio briguei com ele assim né, enfrentei ele, depois eu vi que não era por aquele caminho alí ne'. Tu tem que ser amiga deles pra tu ir ganhando a confiança deles, não aprontam e ainda te ajudam a cuidar até da tua casa durante a semana né (Jacinta).

Eu financeiramente não tenho assim um retorno muito, como se diz, digno pelo horário que eu trabalho aqui né, pelo tempo também que eu disponho. Eu ganho uma ajuda de custo né que se refere 240 reais. Mas o que me ajuda é o conhecimento, eu com essa Escola Aberta eu, nesse colégio em 2001 completei meu primeiro grau aqui, fiz em fim de dezembro de 2006 um curso de informática[...]Então tenho conhecimento e tenho, como se diz assim, um reconhecimento também, não só pelos pai mas por muitas crianças né, que hoje é mais fácil eles identificarem a gente do que a gente identificar eles.

E: E como é que o senhor se sente com esse reconhecimento?

I: Ah eu me sinto, como se diz assim, uma pessoa realizada. Se i passando, por exemplo em uma rua, e uma criança lá de cinco ano me chamá pelo nome “o seu Vinicius”, muito me chamam de professor “o professor”, mesmo eu não sendo um professor né, mas pelo convívio aqui no colégio, pra eles criança me consideram e eu me sinto muito gratificante por isso (Vinicius).

O que fica claro nas duas declarações anteriores é a relação de troca simbólica que os dois coordenadores escolares possuem com o reconhecimento comunitário de sua ação dentro do Programa Escola Aberta. Bourdieu (1997 e 2001) aponta que as pessoas se relacionam e que as trocas simbólicas relativas aos processos de socialização acontecem, muitas vezes, envolvendo ou não valores monetários.

É possível, assim, apontar que embora os valores recebidos a título de ajuda sejam importantes, é imperioso relacionar a mudança de status para estes moradores a partir do momento que eles possuem a chave da escola e naquele momento, são a autoridade máxima dentro da escola. São responsáveis por mediar os conflitos dentro da escola e até chamar a repressão policial para resolver os problemas de violência. Há também o fato de que

vários participantes, a partir do trabalho voluntário, acabaram tendo oportunidade profissionais que nunca teriam se não tivessem participado daquela experiência.[...] outro ganho observado foi a aquisição de novas habilidades para aqueles que se comprometeram com os projetos realizados” (PINTO, 2003, p. 180).

Outra motivação muito presente foi a possibilidade de se tornar útil, de poder ajudar as outras pessoas de forma caridosa:

Um vez aconteceu de vim um menino, isso aconteceu mais vezes também com outros, mas aquele me marcou bastante...época que eu dava só basquete aqui na escola, que fazia oficina só de basquete. Ele veio, um menino que fazia oficina aqui...ele veio um dia com um priminho dele ou um parente dele e foi ensina o menino a fazer sabe e, ensinou direitinho, quer dizer que ele aprendeu também da maneira certa e fazia os movimento, acertava a cesta sabe e ele passou aquilo pra outros meninos né. E achei aquilo

muito gratificante, porque tu vê que o teu trabalho conseguiu fazer alguma coisa por alguém né, conseguiu mostrar aquilo pra alguém e ela levou com ela pra vida dela né (Marcio).

bah! Olha! Aí eu vou ser bem realista, eu vou te dizer que é bem o trabalho voluntário, sério, eu vou falar de coração. É a resposta de ver durante a semana das crianças te perguntando assim: “professora vai ter aquela oficina?”, “tu fez isso aqui no sábado”, é um retorno, assim, todo este carinho que as pessoas tem de estar aqui na escola, de saber que realmente está dando certo, com algumas dificuldades mas está dando certo. Aí! De ser útil sabe, eu me sinto útil, eu venho de uma outra cidade pra cá, mas eu me sinto útil pois como eu estou há muito tempo aqui na escola, é quase que como uma segunda casa, então tu veste a camiseta, é um pouco amor a camiseta, mesmo tu pensando as vezes” a hoje eu não vou, mas é um compromisso, e é bom tu vir, é compreensível lá na minha vida particular o entendimento de porque eu venho (Simone).

Bom, eu acho gratificante assim muito, porque o cara conhece muita gente e isso aí cria muita amizade. Tem muita gente boa aí dentro e vem aí pra se divertir, pra brincar, pra jogar bola.. e eu acho que pra mim a gratificação é isso... muita gente, se cria um vínculo de amizade muito legal sabe, todo mundo começa a se respeitar. No começo não tinha muita intimidade um com o outro né, mas daí todo mundo começa a pegar uma amizade, um respeito, até mesmo um carinho um com o outro, uma preocupação (Caio).

Embora quando perguntado, os informantes apontem valores maiores como a gratificação, o reconhecimento comunitário, a melhoria de vida das pessoas, quando tocado na importância da ajuda de custo existe um grande consenso a respeito do papel deste auxílio na continuidade de sua inserção no programa:

ela é significativa, confesso que é. Assim, como eu te disse antes ela não vem em primeiro lugar, mas eu acredito nisso também, esse retorno, por mínimo que seja financeiro, ele multiplica e bah! Ele faz bastante diferença, no meu orçamento lá na minha vida particular assim, ele ajuda (Simone).

pra mim no meu orçamento me ajuda mas é pouco, só porém eu gosto também de vim sabe, se não fosse pra receber nada, se fosse totalmente voluntário eu viria, mas

não final de semana todo, né umas duas horas se eu tivesse tempo eu me prontificava em vim (Jacinta).

Ela é, ela encaixa, o meu orçamento é feito, meus cálculos é tudo feito contando também com esse dinheiro. Tenho meu outro salário da minha outra profissão fora, mas a bolsa auxílio do escola aberta ela é encaixada dentro do orçamento mensal, tipo, é contado com aquele dinheiro no mês. Porque se eu não tivesse aqui, certamente eu arranjaría outro trabalho pra poder colocar aquilo alí dentro do orçamento mensal. Então é um dinheiro que é contado dentro do orçamento. É importante, é claro (Juliano).

Antes, quando eu estava desemprega, ela até me ajudava um pouco mais era mais significativa assim até, mas hoje graças a Deus com o emprego que eu tenho ela não tem essa importância assim tanto mais, que é uma coisa que eu até posso dizer uma coisa extra (Carolina).

Se existe trabalhadores voluntários...olha, praticamente eles são voluntários, eles tão lá tão trabalhando, tem trabalhos maravilhosos e belíssimos e eles são voluntários porque eles não tem um vínculo, vamos dizer assim né, não tem um vínculo empregatício. É isso? E esse vinculo eles podem...como eu vou dizer assim....eles podem entrar e sair. Mas é só esse vínculo de trabalho que eles não têm, eles tem um vínculo muito maior que é em relação a responsabilidade. Eu acho que supera, passa por cima de todo papel, passa em cima de tudo aquilo, é o vínculo que eles tem uma responsabilidade social. É isso que os nossos oficineiros já conseguiram, a maioria vamos dizer assim, já conseguiu pegar que eles são muito importante pra aquela comunidade que tá ali.(...)Trabalho voluntário é quando tu de doa sem pensar em receber alguma coisa em troca (Eduarda).

A existência da ajuda de custo dentro da dinâmica do voluntariado do Programa Escola Aberta abre precedente para uma série de discussões a respeito do enquadramento destas ações como voluntárias. Para alguns agentes sociais envolvidos no programa, as atividades desenvolvidas não podem ser consideradas voluntárias:

E: existem trabalhadores voluntários no Programa Escola Aberta?

I: nenhum

E: o que tu entende por trabalho voluntário?

I: trabalho voluntário para mim é algo que não tivesse nenhum retorno financeiro. E que a pessoa fosse desenvolver o trabalho porque ela gostava (Tereza).

Voluntários, penso que não existem voluntários, o nosso trabalho antes que eu falei, o projeto era voluntário né, então eu abriria mão e faria, lógico com redução de horas, mas faria ainda um projeto voluntário, eu faria.

E: Mas a senhora acha que não existe trabalho voluntário no escola aberta ou existe?

I: Bom...eu pelo que eu sei, pelo que eu vejo não (Carolina).

Por outro lado, existem as pessoas que possuem convicção de sua condição de trabalhadores voluntários:

Voluntários? Eu acredito...eu por mim..eu sou voluntário, não dependo daquilo que é ganho sabe. Então pra mim até mesmo eu nem sabia quando eu comecei aqui, quando eu falei pra Irani..."oh posso ser voluntário, posso vir aí, ajudar aí", eu nem sabia que ganhava alguma coisa...não sabia. Depois que eu fiquei sabendo (Caio).

vou dizer minha opinião, que o voluntário é aquele que vai lá e faz, o que gosta, e não exige um retorno principalmente financeiro, eu entendo isso, acredito nisso, mas eu vou dizer que não é pra qualquer um, tu tem que gostar muito, então tu sendo voluntário e tendo esta ajuda de custo acaba tendo lá no fundo é uma coisa que incentiva bastante, permanecer no programa e estar vindo assim (Simone).

Embora possa parecer uma questão de simples classificação (ou seja, se há ajuda de custo não se trata de voluntariado), a relação entre ajuda de custo e representação de voluntariado não se dá de forma tão mecânica. Existe uma diversidade de entendimento dentro dos depoimentos e observações produzidos ao longo da pesquisa. Porém, o Programa Escola Aberta é permeado por características de emprego formal, como o pagamento feito de forma mensal e proporcional aos dias em que houve trabalho. O pagamento sendo realizado por hora trabalhada. A relação de chefia da direção da escola no gerenciamento das atividades.

A pesquisadora Leilah Landim aponta para três dimensões de trabalho voluntário, o caridoso, o militante e o novo voluntariado. Partindo deste olhar teórico, é possível afirmar que existem fragmentos destas perspectivas dentro do Programa Escola Aberta em Novo Hamburgo.

A utilização do Trabalho voluntário dentro da perspectiva da caridade é talvez a mais remota das representações deste tipo de ação. Para Landim este tipo de trabalho voluntário se caracteriza da seguinte forma:

Atravessamos frequentemente fronteiras pouco nítidas entre o religioso e o secular, entre o público e o privado. Através dessa temática, caímos necessariamente no vasto terreno de práticas abaixo da linha d'água, nas formas de sociabilidade, marcadas pela pessoalização, nos laços de solidariedade e variadas redes comunicativas e de reciprocidade às quais correspondem obrigações diversas – como se disse, terrenos especialmente significativos na composição do tecido social, nessas sociedades, e particularmente frágeis quanto a componentes cívicos. São relações que contam não apenas em termos simbólicos e culturais, moldando valores e mentalidades, mas nas próprias estratégias de sobrevivência material de amplas camadas das populações (LANDIM, 2001).

Nesta modalidade de voluntariado, é possível pontuar que as mesmas se constituem de ações individuais, tentando dar conta de problemas individuais, a relação entre este tipo de pensamento com a ideologia liberal é um elemento muito forte.

As temáticas relacionadas a autonomia, solidariedade e auto-responsabilidade têm sido proclamadas para que esse sujeito seja considerado um cidadão “livre” com capacidades de fazer escolhas. Argumento sobre as formas como a educação e a pedagogia estão envolvidas na constituição desse sujeito considerado crítico, mas que, ao mesmo tempo, tem sido almejado pela racionalidade neoliberal (Klein, 2005. p.13).

O ponto de partida e de chegada para se compreender a sociedade são os indivíduos, e é notória uma certa despreocupação com o todo. É neste contexto que a parábola do beija flor³⁶ passa a fazer sentido e de que o Estado não é responsável pelo provimento de direitos e necessidades da população. Podemos encontrar fragmentos deste tipo de pensamento em algumas entrevistas:

³⁶ Descrita anteriormente

E: tu acreditas que a utilização do voluntariado é uma boa maneira de resolver os problemas sociais?

I: eu acredito...eu acredito... eu acredito que o trabalho voluntário realmente, um ajudando o outro, sinceramente eu acredito nisso. Eu acredito que cada um fazendo a sua parte e até eu vou te dizer parece utopia táh!, mas fazendo um pouquinho do outro, porque hoje em dia parece que a gente ta cada vez mais egoísta. Eu acredito que eu faça um trabalho voluntário, se me faz bem e eu to ajudando alguém, então se cada um fizesse um pouquinho, se doasse um pouquinho neh! do seu tempo que seja sabe, que fosse um pouquinho que fosse vir aqui, sentar ali pra bater papo com outra pessoa, sabe se doasse um pouquinho... eu acredito... posso ter um pensamento muito utópico, mas acredito sim que faz a diferença, pra melhor (Simone).

Porém, esta não é a única perspectiva de trabalho voluntário presente nos discursos acadêmicos envolvendo o Trabalho Voluntário. Este tipo de trabalho voluntário é conceituado da seguinte forma:

Nos últimos 30 anos, um lugar está reservado na história dessas sociedades para os movimentos sociais e organizações não governamentais que se construíram de forma autônoma (com relação aos pactos populistas) e contribuíram para a queda dos regimes autoritários, para a construção da sociedade civil e do espaço público, da democratização, da defesa de direitos específicos e difusos etc. De Chiapas ao Movimento dos Sem Terra, de organizações ambientalistas a feministas, da questão da violência à de crianças e adolescentes, um vasto campo de agentes - profissionalizados e militantes - e instituições têm atuado no sentido de promover consciência cívica e participação, de propor, cobrar, controlar, co-gestionar ou executar políticas públicas, de criar experiências participativas e exemplares. (...). As distinções entre o "voluntário" e o "militante" marcam-se, para seus agentes e para o senso comum, a partir de uma história específica do campo das variadas ações sociais, ao menos até bem recentemente (LANDIM, 2001).

Nesta perspectiva de trabalho voluntário, existe uma relação coletiva entre os agentes e os beneficiários. São organizações coletivas, ou seja, os agentes, quando se organizam, buscam a melhoria de um grupo de pessoas. Estas ações podem ser diretas ou indiretas (como por exemplo pressionar o poder público para que tenha políticas públicas para determinadas demandas).

Embora exista toda uma preocupação, nos discursos circulantes, com a “comunidade”, os grandes movimentos giram em torno do atendimento aos indivíduos; por outro lado, a relação de pagamento por produção/horas trabalhadas, individualiza as ações. Não é possível identificar nos discursos e práticas observados um tipo de voluntariado que possa ser identificado com a perspectiva trabalho voluntário militante.

Outra perspectiva de trabalho voluntário encontrado na literatura é o “novo voluntariado” definido por Leilah Landim da seguinte forma:

Nesses projetos envolvem-se fortemente iniciativas oficiais - como a ONU, ou programas governamentais, como é o caso do Brasil o que contribui particularmente para sua visibilidade e legitimação. Surgem também novos personagens em canais internacionalizados por onde eles são criados e disseminados, contando-se com uma marca mais intensa de fundações norte-americanas. Atores que surgem nos anos 90 com peso na área da ação social nas sociedades latino-americanas, como a filantropia de origem empresarial, também se empenham de forma acentuada nesses projetos atuais de incentivo à doação de tempo e dinheiro. Em segundo lugar - e através desses canais - espalham-se pela cena da ação social latino-americana, novas concepções. Esquemáticamente, essas aparecem quando se associa "voluntariado" a idéias como qualidade da ação, competência, eficiência, resultados, escolha individual autônoma, talento, assim como a civismo. Propõe-se uma "*cultura moderna do voluntariado*" com ingredientes, e composta por um *mix*, um tanto diversos dos anteriores (LANDIM, 2001).

Esta perspectiva de voluntariado parece ser a tônica das ações praticadas no Programa Escola Aberta. Muitos elementos como a ligação com iniciativas oficiais e o financiamento de parte do programa ser feita por um organismo internacional como a UNESCO, proporcionam uma associação mecânica do voluntariado do Programa Escola Aberta com deste tipo com esta concepção de trabalho voluntário. Algumas iniciativas estatais como o ano do voluntariado em 2001 tiveram significados marcantes na implementação deste tipo de voluntariado:

O Estado assume papel preponderante na divulgação de ações como o trabalho voluntário. Este foi o caso da campanha maciça do ano de 2001 em prol do voluntariado,

que teve início desde o estímulo à criação dos Centros de Voluntariado a partir de metodologia e apoio do governo federal, através do programa Comunidade Solidária. Note-se que o apelo não está ligado apenas às ações emergenciais ou grandes catástrofes, mas às ações cotidianas de assistência Social (SILVA, 2006, p.6-7).

Porém, a associação apressada pode esconder algumas nuances que estão obscurecidas. O Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo apresenta uma complexidade que vai dialogar com a cultura germânica de doações, com a posterior relacionamento desta cultura com os costumes dos migrantes da década de 1980 e as influências do processo midiático de globalização.

O associativismo é uma marca muito forte em colonizações germânicas no Brasil:

Num processo histórico de colonização, o associativismo se constituiu enquanto expressão de consciência coletiva dos teuto-brasileiros e como estratégia de preservação de sua identidade (MAZO, GAYA. p.206).

Também é importante ressaltar que o associativismo proporcionou na região alguns significados entre eles o de proporcionar a solução de problemas em comum:

Também lembramos que o associativismo, comum na Europa, tornou-se uma característica do imigrante alemão, que “contrabalançou o trabalho na solidão do lote rural, ao longo da semana, com recreação em grupo aos domingos, e era também uma forma de viabilizar problemas comuns referentes à vida comunitária, como religião, escola, recreação, saúde (SCHEMES, p. 339).

Embora não existam estudos históricos sobre o trabalho voluntário na cidade de Novo Hamburgo, pode-se pontuar que o voluntarismo era uma característica das organizações associativistas, e que há forte ligação dos indivíduos com as igrejas. É possível pensar que muito das associações hamburguesas, sejam elas esportivas ou não, foram muito fortemente assegurados pelo trabalho voluntário dentro destas associações.

Com o processo migratório da década de 1980, a criação de associações de bairro e de clubes de futebol foram utilizados como forma de reunir estas

pessoas oriundas de locais variados³⁷. Um fato marcante na pesquisa é que, embora não fosse este o objeto do estudo, apenas dois informantes não eram migrantes ou filhos de migrantes:

E: Na década de 80, o senhor via chegar muita gente de fora da cidade?

I: Muita gente, muita gente. Da nossa região do Alto Uruguai, parte norte do estado lá no município de Severi, Frederico, Palmera, aquela região alí, chegava ah 3, 4 mudanças por dia. Que a gente via só aqui, passar na RS239.

E: E chegava e descarregava na RS?

I: Sim, tinha por exemplo, sempre vinha um familiar antes arrumava um emprego e daí negociava uma casa, uma casinha né, um rancho lá e daí ia busca a família. E assim foi por muito tempo.

E: E quando foi feito a regularização da RS?

I: Em 87 né, em 87 foi feito que daí a gente, o município aqui tinha, por exemplo regularizado aqui o loteamento né e a gente teve a oportunidade de vim pra um local mais digno e temo água potável, temo energia, temo assim.... um espaço maior, não corremos risco, por exemplo, dos acidentes. Que a gente viu muito acidente na RS239 né. Carro batendo, passando por cima de pessoas, caminhão passando por cima de moto e carro pequeno né. Então aquilo alí pra muitas pessoa que morou na RS239 por mais de 6 ano não teve problema, daí depois que saiu que veio pro loteamento e foi trabalhar e tinha que passar pela RS pro outro lado acabaram sendo atropelado. Se houve inverso, uma porque a pessoa já tava acostumada com aquele movimento do carros em alta velocidade e a conscientização dos motoristas naquela época que tinha muita gente morando na RS, parece que era de entrar nessa área e respeitá. Eles não vinham em alta velocidade, e depois que foi tirado os morador, ficou a faixa limpa e tal, tava em fase de educação e foi sendo arrumado e não tinham botado aquele pardal aqui na RS alí, perto do viaduto. A pessoa saía daqui pra ir trabalhar e acabava sendo atropelada no atravessar. Que a faixa ficou bem mais longa.

E: Mais tinha muita gente que vinha pra cá com promessa de emprego e esse iludia? Acontecia essas coisas ou tinha emprego pra todo mundo?

I: Na época tinha emprego pra todo mundo, por exemplo assim, porque as firmas...a Sibisa principalmente onde eu trabalhei como vigilante também, ela tinha por exemplo uma média de 8 ônibus de uma empresa aí de Novo Hamburgo

³⁷ Embora a ocupação dos bairros periféricos apresente uma heterogeneidade, ou seja, não existem guetos com migrantes de determinadas regiões, é possível observar associações que realizam eventos periodicamente com de moradores de Novo Hamburgo com origens em comum.

(hamburguesa) que levava, 8 ônibus só pra levar o pessoal do serão, fora os carros da firma né. Então tinha serviço pra todo mundo né.

E: E aí quando começou a piorar o que aconteceu com essas pessoas?

I: Aí a maioria foram embora pra sua terra natal, a própria prefeitura deu, como se diz assim, a possibilidade, dava o caminhão pra levar o transporte gratuito.

E: Ah a prefeitura levava de volta? (Vinicius)

Este momento histórico da cidade, que muitas vezes é esquecido pelos historiadores com o olhar “germanocêntrico” é fundamental para compreender a periferia da cidade e o Programa Escola Aberta. Quando estas pessoas chegaram na cidade, muitos casebres foram construídos em forma de mutirão e a colaboração voluntária entre os moradores, seja para cuidar do filho da vizinha ou para comprar fiado na venda da esquina, foi marcante para esta população.

Alguns depoimentos demonstram a preocupação com o bem estar das pessoas da comunidade:

Sempre que eu venho a escola de noite ou no fim de semana, normalmente de noite e no fim de semana a minha filha tá junto por exemplo e eu acho que o meu maior retorno é por aí né, eu posso pegar a minha filha como exemplo. Eu moro no mesmo bairro da escola né, e é nesse bairro que eu acredito que a vida pode ser melhor (Ana).

Por outro lado, os contrastes étnicos e culturais locais são permeados pelo processo de globalização dos significados. Alguns autores com Stuart Hall defendem que com as transformações tecnológicas existe um processo de globalização da cultura:

No século XX, vem ocorrendo uma “revolução cultural” no sentido substantivo, empírico e material da palavra. Sem sombra de dúvida, o domínio constituído pelas atividades, instituições e práticas culturais expandiu-se para além do conhecido(...) Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais dependem todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e idéias (1997, p.17).

Alguns autores como Hall deposita na mídia um poder fundante na atual organização cultural nos dias de hoje. Neste mesmo caminho, afirma que é especialmente aqui, que as revoluções da cultura em nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro – sobre a cultura num sentido mais local (...)Um efeito da compressão espaço-tempo é a tendência à homogeneização cultural (1997, p.18).

Porém, quando nos deparamos com a realidade local, o poder midiático deve ser relativizado. Prado (1999) ao estudar a recepção de significados das novelas demonstrou que a forma com a qual as pessoas apreendem os significados de forma diferenciada e que por sua vez esta recepção interage com as futuras emissões.

Desta forma, a prática voluntária é permeada pelas diferentes manifestações da cultura local e pelas formas como são recepcionadas as emissões midiáticas e homogenizadas da cultura global. Porém, é importante ressaltar que o trabalho voluntário é muito mais que um discurso: ele é uma “ação humana”. Esta prática é operada por pessoas que, por sua vez, fazem parte de grupos sociais.

Quando falamos de trabalho voluntário em esporte, falamos de pessoas integrantes da sociedade civil que, por diversos motivos, assumem responsabilidades de prover necessidades, que ao seu julgamento, são importantes, para os outros ou a realidade com a qual se relaciona. Porém, é possível afirmar que o voluntariado possui sempre um lado arbitrário, no sentido que pessoas impõem suas práticas e seus costumes á outras pessoas. Muitas vezes, ao se inserir no trabalho voluntário este agente descarta os conhecimentos populares:

A cultura letrada não está isolada em relação à cultura do povo à maneira antiga de diferença de classes, mas, não obstante, está isolada dentro de suas próprias paredes de auto-estima intelectual e de orgulho espiritual (THOMPSON, 2002, p.45).

Do ponto de vista legal, existem diversas instâncias da sociedade civil que deveriam fazer o controle social da sociedade política: a prática do estado é sempre regida pela normatização jurídica e pela burocracia. Um bom exemplo

disso é a norma laica que rege o ensino público no Brasil, embora existam vários credos religiosos, a educação pública deve se pautar por uma certa neutralidade omissiva.

Por outro lado, a inserção de voluntariado religioso sempre foi muito forte no país.(ARAUJO, 2008) Este voluntariado, além de levar o objeto das necessidades, leva junto um credo e a vinculação do mesmo com a assistência.

O voluntariado do Programa Escola Aberta, por ser gerido por entidades da sociedade civil e tutelado pelos governos, é uma das raras manifestações locais de trabalho voluntário, na região de Novo Hamburgo. Dentre os relatos coletados a única menção a atividade religiosa foi a seguinte:

E temos também uma outra parceria com uma outra instituição religiosa no caso, que também desenvolve um projeto semelhante aos escoteiros no fins de semana e que atende crianças de 3 a 14 anos aqui na escola, também com o objetivo de formação da criança do adolescente.

E: Mas essas atividades não são atividades do Escola Aberta são atividades que a escola tá aberta a parcerias.

I: Pra essa comunidade que vem atuar aqui né (Ana).

E mesmo assim, embora as atividades acontecessem dentro da escolas, não eram “tocados” por voluntários do Programa Escola Aberta, mas sim da igreja conveniada que possuía sua sede ao lado da escola.

Fazendo-se um pensamento simplista, cada vez que um voluntário realiza uma ação está desresponsabilizando o estado desta ação, porém há de se pensar que este ato não é somente uma unidade a menos nas estatísticas de atendimentos sociais. Este ato é, sem dúvida nenhuma, um espaço de relação política e de inserção de credos, verdades, paixões e ideologias. Neste sentido, o conceito de Giroux (2007), que relaciona docentes à noção de trabalhadores culturais, é plenamente aceitável, se pensarmos nas dimensões que as doações de trabalho voluntário podem ter nas ações práticas.

Ainda pensando no trabalho voluntário dentro do Programa Escola Aberta, podemos analisar o fato deste voluntariado estar citado dentro de um programa governamental, o que significa dizer que as pessoas se engajam sob regras e organização do Estado, inclusive com resoluções específicas. Assim, o fato de se diferenciar teoricamente sociedade civil e estado se torna um pouco confusa, pois

o programa que é objeto de nossa análise é permeado pela gerência de ambas esferas sociais.

No sentido de procurar compreender as identidades de Trabalho Voluntário que circulam no Programa Escola Aberta, deparei-me com uma diversidade de pensamentos e representações. Desde a pessoa que se reconhece como trabalhador remunerado, até aquele que não faz nem muita questão de receber a ajuda de custo. Porém, do ponto de vista dos consensos, pode-se dizer que os agentes do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo com os quais me relacionei durante a pesquisa possuem plena consciência de sua condição jurídica voluntária. Esta condição, embora não seja determinante, interfere na compreensão de todos a respeito de seu papel enquanto fomentadores do programa.

Outra característica consensual é a de que as pessoas crêem firmemente que suas ações estão melhorando a sua vida e das pessoas que se relacionam com o Programa Escola Aberta:

Essa parte assim favoreceu bastante as crianças, os jovens da comunidade enquanto que eles estão no esporte que é saudável eles não estão fazendo nada de errado, esse pra mim é o maior benefício assim (Jacinta).

Eu tirei melhores informações a respeito do projeto e achei que era viável pra nossa comunidade que é muito carente né, e aonde muitas crianças estão praticamente se perdendo né em diversos tipos de drogas e tal. Então, e o colégio tem a quadra de esportes que funciona desde inauguração à 21 anos né. Mas ele funcionava com horário pago né, aí com o projeto voltado a comunidade eu achei que seria viável nós abraçarmos esse projeto pra trazer essa juventude pra participar do esporte sem o custo né. Recadando está verba que vem do ministério do esporte, ministério da educação e da Unesco né, todos os ministérios envolvidos neste projeto (Vinicius).

Estes entendimentos vão consolidando identidades que, no decorrer do tempo, vão se difundindo dentro e fora dos muros das escolas do Programa Escola Aberta. Chama atenção o fato de que a legislação relativa ao trabalho voluntário, que possui caráter universal, ou seja, atinge a todas as pessoas, pudesse produzir tantos discursos e práticas diferentes. Se quando, no início da pesquisa se tinha uma grande dificuldade em encontrar um conceito que definisse

com precisão o que é trabalho voluntário, acredito que agora é possível dizer que trabalho voluntário é tudo isso que venho encontrando e que ainda poderia ser encontrado no campo empírico estudado. É possível, então, afirmar que o trabalho voluntário se constitui por todas estas ações e significados encontrados, e qualquer definição mais generalizante prejudica o sentido desta ação.

Uma das características mais marcantes do trabalho voluntário no Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo é a massiva adesão da comunidade às práticas esportivas, o envolvimento da comunidade e a representação das diferentes noções de esporte são objeto desta pesquisa e por sua vez apresentado no capítulo que segue.

5 O esporte pelo olhar dos Trabalhadores voluntários do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo

Ao tratar do funcionamento do Programa Escola Aberta e das noções de voluntariado envolvidas em questão, foi possível perceber o quanto este universo empírico se demonstrou fértil na diversidade de entendimentos e aplicações. Esta diversidade é constituída pela prática e possui uma forte relação com dinâmicas esportivas.

O objetivo deste capítulo é de tentar demonstrar a forma com a qual os agentes voluntários envolvidos no referido programa representam e significam o esporte. Assim, procuro caracterizar as multiplicidades de representações de esportes para o programa, as possibilidades educacionais, do lazer, da violência e a inclusão social.

Assim, em um primeiro momento, tentarei demonstrar as repercussões que o esporte possui dentro do programa. Posteriormente, procurarei apontar as relações que os participantes apontam como desdobramento do esporte, seja na esfera educacional de lazer ou de relações com outros *benefícios* atribuídos a esta prática corporal.

Embora existam, em alguns momentos, diferentes entendimentos sobre vários assuntos relativos ao Programa Escola Aberta, quando se fala na importância do esporte dentro do programa podemos apontar um consenso entre os informantes e nas observações registradas:

As pessoas podem até ir lá pro Escola Aberta e participar de alguma oficina, mas sempre vão passar pelo esporte (Eduarda).

no meu entendimento é fundamental, é o carro chefe. O esporte é o carro chefe em Novo Hamburgo e no Brasil, tem

relatórios já feitos pela UNESCO devido ao tempo que já tem o programa, o esporte é o carro chefe (Marcelo).

O esporte é o que mais traz as crianças aqui pra dentro né. Elas têm pouco interesse nas atividades que nós temos. Nos temos os esportes e o artesanato né, no nosso caso. Então como a maioria dos nossos participantes aqui são meninos, normalmente eles voltam pro lado do esporte, têm poucos ainda que vão no artesanato. Mas é são dois ou três só. Eles vêm por causa do esporte (Marcio).

Eu acho que é uma oficina no Escola Aberta mais procurada, se tu não tiver esporte não precisa nem abrir a escola. Tu fazer uma pesquisa com os jovens “qual as oficinas que eles mais gostariam que tivesse?” Primeiro lugar o esporte, futebol em primeiro depois vai vôlei, basquete, handebol né. Mas eu acho que na verdade assim todo mundo um pouco de esporte gosta de fazer, algum tipo de esporte, a maioria das pessoas pelo menos (Jacinta).

Ainda concordando com o protagonismo do esporte dentro do programa, porém acrescentando o elemento da falta de espaços de lazer, o próximo depoimento ajuda a compreender a procura da população por esta oficina, uma vez que é importante relacioná-la com as demandas e realidades objetivas das quais a comunidade se depara:

porque eu acho que é o carro-chefe do Escola Aberta. Não consigo imaginar o Escola Aberta sem o esporte, porque é assim oh, como aqui na minha comunidade, por exemplo, a quadra da escola é o que todo mundo quer, desde o pequenininho do jardim até o vovô da alfabetização. O que eles querem? eles querem uma atividade que seja naquele espaço né, então se fosse pensar assim, qual o espaço que todos gostariam de estar na escola? É a quadra. É um espaço que não existe na redondeza, um espaço aberto assim que não seja dentro de uma escola, dentro de uma instituição pra que a comunidade possa usar. Então eu nunca estranhei de que a nossa escola tinha problema de que as crianças pulavam muro para vim pra quadra. Apesar de algumas acharem “ah horrível”, “ah eles tão pulando muro, tão invadindo, tão isso”, mas não tem outro lugar né, então eles vêm ali porque é ali que tá o espaço bom, agradável, adequado (Ana).

Porém, um dos informantes aponta uma outra lógica, onde sugere que o esporte existe independente de aparelhos esportivos e que está tão presente nos costumes das comunidades, que a abertura da escola se consolida apenas em uma certa formalização de uma prática já existente.

não foi no Escola Aberta que o esporte se tornou um fenômeno, na real o esporte já tinha antes de existir o Escola Aberta né. Então, antes de existir, se não tivesse o Escola Aberta aqui no bairro as crianças estariam jogando no campo de futebol ali do lado, estariam jogando no meio da rua, então elas tariam praticando outra atividade, não dentro de uma organização de Escola Aberta, mas sim naquela organização entre eles assim. Se tu for ver um jogo de criança dentro do Escola Aberta e se tu for ver ali na rua, na rua eles tem as regras deles do esporte que eles fazem na rua. Então eu acho que não poderíamos dizer que é um fenômeno, porque simplesmente foi só regularizado um lugar pra concentrar dentro de um local pra eles realizarem essas atividades que eles já faziam na rua. Jogar futebol já jogavam na rua, joga vôlei já jogavam na rua. Então só se concentrou em um local e colocou um profissional pra trabalhar com eles, o resto eles já tinham (Juliano).

Esta relativização sobre a *origem* do esporte nas comunidades populares, se constitui dentro da discussão do acesso ao esporte, pois assim como aponta Stigger (2002), este esporte do cotidiano não é mesmo esporte dos grandes eventos ou pautado pelas lógicas de mercado. As pessoas vão constituindo sua forma de prática esportiva no dia a dia, através das relações internas do grupo e com a representação de esporte constituída, enquanto consumidores do esporte espetáculo. Esta discussão pode ser complementada por Melo quando afirma que:

Mesmo nos dias de hoje, a intensa ação da indústria cultural não é forte o suficiente para destruir definitivamente as diferentes formas de diversão popular, tanto através da eliminação/restrição direta quanto através da distorção de seus sentidos originais (Melo, 2001, p.16).

Não se pode pensar que o esporte no Programa Escola Aberta seja praticado e/ou desenvolvido apenas a partir de uma só lógica. Digo isso, pois em

cada local observado, foi possível identificar diferentes tipos de organizações de tempos e dos espaços em que o esporte era praticado. Isso pode ser constatado logo nas minhas primeiras observações de campo. No dia vinte de fevereiro, ao fazer uma das primeiras entradas em campo observei os seguintes fatos:

ao entrar na escola, estava procurando pelo coordenador escolar que é uma pessoa muito referenciada em outras escolas, observei quatro adolescentes jogando basquete em um dos poucos cantos com piso de concreto da escola. Quando fui à outra direção observei uns 15 garotos jogando futebol de goleirinhos em um campinho de areia bem molhado. Quatro casais de aproximadamente 40 anos tomavam chimarrão embaixo de umas árvores com seus filhos brincando na pracinha da escola, e mais um grupo de jovens adultos, entre 20 e 30 jogavam, jogando futsal na quadra da escola, mais umas crianças jogando ping-pong e fla-flu. Depois de muito perguntar encontrei o coordenador escolar. Ele estava concertando um pequeno taco para jogo de taco-bola, e foi quando começamos a conversar. Perguntei a ele que oficinas estavam acontecendo naquele momento e ele respondeu: “a de esporte e a de artesanato”. Fomos à sala que estava acontecendo a oficina de artesanato e a oficina estava sozinha produzindo peças para vender na feirinha da cidade, naquele momento não estava fazendo nenhum atendimento. Quando perguntei sobre quem estava dando oficina de esporte, ele respondeu: “está ali enchendo a bola para a gurizadinha menor”. Perguntei qual era a função deste oficinairo e o coordenador respondeu: “cuidar do material para que todos utilizem sem estragar” (Diário de campo 20/02/2009).

Das quatro escolas visitadas, em apenas uma foi observada uma dinâmica esportiva mais semelhante a uma aula de iniciação:

Depois de ter assinado o livro de presenças da escola entrei no ginásio e comecei a observar a prática das crianças dentro do ambiente. Observei três grupos, o primeiro das meninas (aproximadamente uns 10 a 14 anos) praticando futebol que era arbitrado pelo oficinairo. Este jogo se desenvolvia com um alto nível de competitividade, e se encerrou com uma das meninas machucada. Durante o decorrer do jogo, por diversas vezes o oficinairo interrompeu para informar as jovens de aspectos técnicos ou de orientações de movimentação. Um segundo grupo era a de crianças que estavam todos prontos para jogar, perguntei a um dos meninos por que estavam todos ali esperando e ele

respondeu que o seu horário era das quatro da tarde e ainda faltavam alguns minutos para sua vez. E o terceiro grupo era de jovens (deveriam ter uns 16 a 18 anos) que estavam na porta de entrada do ginásio, observando a prática esportiva das meninas. Logo após o término do jogo feminino os meninos que estavam esperando entraram em quadra e começaram a treinar fundamentos de futsal (como passe, chute a gol e controle de bola) por orientação doicineiro. Os meninos que estavam na porta, saíram junto com algumas meninas que estavam jogando e pelo menos um deles saiu de mãos dadas com uma das meninas (diário de Campo 14/03/2009).

Acredito que alguns elementos da escola possam contribuir para esta configuração de oficina esportiva: o icineiro era um professor de educação física graduado e vislumbrava a possibilidade de ascensão social pelo esporte:

Mas chegou a um ponto que o aluno tem que inspirar em um atleta e aí entrar naquele esporte e tentar, daquilo ali, dar um rumo na vida, não digo ser um profissional daquele esporte, mas através do esporte ter gosto por outras coisas e também uma formação de caráter assim de lidar com a comunidade, sociedade (Juliano).

Embora possa parecer evidente a concepção pedagogizada³⁸, outro elemento permeia este depoimento, o da possibilidade de ascensão social pelo esporte. Em seu estudo Damo (2005) demonstra a lógica pela qual crianças são introduzidas no mundo desportivo, depositando nesta ação um grande investimento pessoal para atingir esta ascensão. Este mesmo estudo demonstra a seletividade deste processo ratificando a ideia de Taffarel (2000) resultando na ideia de exclusão desportiva:

O esporte como é conhecido na sua prática hegemônica, nas competições esportivas nos meios de comunicação (televisão), não apresenta elementos de formação geral - nem mesmo para saúde física, mais preconizado para esta prática - para se constituir uma Realidade Educacional (Taffarel, 2000, p.XVIII).

³⁸ Associo o termo pedagogizada a práticas mais diretivas tendo como objetivo a melhora da performance motora e/ou competitiva.

Por outro lado a prática observada em outras escolas é diferente. Na escola 1, a realidade observada se apresentou do seguinte modo:

Ao chegar à escola, logo procurei a professora comunitária que era a pessoa que eu tinha contato anteriormente. Porém não pude deixar de prestar atenção na quadrinha de chão batido que fica ao lado da escola, deveriam haver umas vinte pessoas todas elas envolvidas no jogo de futebol. Eram jovens, acredito eu, todos acima de vinte anos de idade, procurei a figura do oficineiro de esporte, como não encontrei, fui procurar a professora comunitária e ao encontrá-la reconheci o rapaz que aparentemente era o oficineiro de esporte. Perguntei a ele de que forma ele acompanhava o jogo que estava acontecendo na quadra e ele falou que não dava assistência aquele grupo e que a função dele na escola era alcançar o material para as pessoas praticarem o que elas quisessem. (diário de campo 20/02/2009)

Na escola 2, a postura da oficineira de esporte era um pouco diferente:

Após conhecer toda a escola e ter verificado pelo menos cinco praticas esportivas diferentes, o futebol dos adolescentes dois locais com futebol infantil, o jogo de basquete na tabela improvisada na parede da escola e umas cinco meninas de aproximadamente dez anos praticando toques de vôlei. Ao procurar a oficineira de esporte a encontrei com dois meninos jogando fla-flu de forma entusiasmada. Os meninos deveriam ter uns cinco ou seis anos, e a oficineira embora tivesse 47 anos demonstrava um envolvimento igual ao das crianças. Após conversar com a oficineira, ela relatou que a função dela é zelar pelo material esportivo, porém o que ela mais gostava era de brincar com os pequenos (Diário de campo 07/03/2009).

Neste espaço, as práticas relacionadas a estes dois últimos depoimentos lembram ao que Bracht chama de pedagogia das sombras:

Esse conceito diz respeito aos/as professores/as que estão pouco preocupados com os impactos formativos e deformativos das práticas que desenvolvem na Educação Física, tendo apenas o trabalho de entregar o material no início e recolher ao final da aula (2005, p.67).

Já na escola 4 o papel dos oficinairos se apresentou de uma forma diferente:

Ao entrar na escola, perguntei onde estava o oficinairo de esporte e a coordenadora escolar me explicou que existiam dois oficinairos e eles estavam na quadra. Como a quadra era meio afastada da escola, caminhei um pouco e ao encontrar o local, observei uma quantidade significativa, umas 40 pessoas envolvidas no rodízio de times, de jovens praticando futsal. Existiam também algumas meninas observando o jogo. Como não identifiquei ninguém que pudesse se caracterizar como oficinairo, voltei até a coordenadora escola e relatei que não tinha encontrado os rapazes. Ela se disponibilizou a me levar até a quadra. Chegando lá, ela me mostrou que um dos oficinairos era o goleiro de um dos times e que o outro era o rapaz que estava organizando os times de fora. Após a apresentação, ficou claro porque não consegui identifica-los, pois eles possuíam a mesma faixa etária, o mesmo linguajar, inclusive com os palavrões, e a mesma prontidão para o jogo que os demais participantes (diário de campo 20/03/2009).

Neste local, o diferencial é a participação dos oficinairos como jogadores, os agentes possuem responsabilidade com questões materiais, porém seu envolvimento com a prática se dava de igual para igual com os participantes, e esta postura aparentemente faz parte da cultura do jogo naquele espaço.

Como demonstram os diários de campo não existe apenas uma forma de ser o oficinairo voluntário no Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo, nem mesmo uma uniformização nas organizações das oficinas de esporte do programa. Porém ficou evidente que no local onde existia um professor de Educação Física formado, a prática era mais parecida com o que se conhece de um projeto de iniciação esportiva. Já nos outros espaços, ficou mais clara a relação da prática esportiva com a perspectiva do lazer, como relata o acadêmico de Educação Física:

E a criançada hoje tem muito essa questão de esporte e rendimento não esporte e lazer. Eu acho que o esporte ele é muito importante, mas na hora, enquanto ele não tiver ligado a esporte e rendimento né. Porque todos eles sonham em ser jogadores de futebol e eles se decepcionam muito quando não conseguem, isso a gente vê, que eles mesmos se discriminam por causa disso. Ah um joga um pouquinho

menos..bem ele já não é escolhido pro time, ele é deixado de fora, já tem uma exclusão nisso né (Marcio).

Já a oficina de esporte da Escola 2 aponta:

a gente sabe que a sociedade está desestruturada, famílias desestruturadas e tudo mais né, e a gente tenta resgatar isso também através do esporte né, e que não seja apenas esporte “competição”, que existe muito isso na vida do ser humano, essa competição, “eu jogo melhor”, “eu sou melhor” e tal, então a gente tenta colocar uma certa igualdade respeitando as diferenças das pessoas NE (Carolina).

A fala da oficina dialoga com alguns estudos do campo da Educação Física e da sociologia do esporte:

Somos induzidos a pensar que a partir do momento, que a criança quando introduzida em um ambiente que tem como finalidade atividades lúdicas e de lazer, no entanto anseiam por atividades voltadas ao esporte rendimento estas acreditam não ter mais o que aprender ali então vão a procura de outros espaços e orientações (TORRI, ALBINO, VAZ, 2007, p.501).

Por sua vez, os oficinairos da Escola 4 apontam os seguintes pontos de vista:

eu acho que o esporte é uma boa pras pessoas? Eu acho que é um meio, que nem eu disse antes né cara é o meio das pessoas se divertir né cara, tem muita gente que ou fica na rua ou fica em casa. Não tem o que fazer, daí vem e faz um esporte (Mateus).

não é só...arrumar um lugar onde as pessoas tem pra se divertir né que é...normalmente é difícil ter quadra de esporte municipal assim pro cara jogar e quando tem é longe né e daí é um lugar onde junta bastantes pessoas pra jogar bola né. Como é que eu vou te dizer assim oh...uma forma de divertimento né.

E: Então as pessoas ocupam seu tempo no fim de semana com esporte?

I: É, pelo menos a gurizada vem aí pra jogar um futebolzinho (Caio).

É possível apontar que o esporte seja representado como espaço de lazer. Mas independente da consolidação deste espaço como de lazer³⁹. Outro elemento relevante é a dimensão educativa e formativa que os agentes voluntários creditam à prática esportiva:

Ajuda...ajuda a formar, porque se não tiver um monitoramento, se não tiver um acompanhamento, se não tiver realmente a questão de só fazer por fazer o esporte ali, com certeza vai dar briga, como já deu briga também e tudo mais né, então o esporte ele com disciplina e tudo mais, com certeza ele vai ajudar na formação do caráter, a questão de direitos e deveres que sabe que o ser humano por natureza ele é egoísta né então isso tem ajudado muito nesta questão (Carolina).

Olha, o esporte tem uma...de acordo com o contexto que a história chegou o esporte tem importância fundamental porque se tu vê as crianças dentro da escola, elas se espelham muito em atletas, em atletas profissionais e tal. Mas chegou a um ponto que o aluno tem que inspirar em um atleta e aí entrar naquele esporte e tentar daquilo aí dar um rumo na vida, não digo ser um profissional daquele esporte, mas através do esporte ter gosto por outras coisas e também uma formação de caráter assim de lidar com a comunidade, sociedade (Juliano).

É eu acho que é porque a criança, já além dele estudar, por exemplo, ele se cria, por exemplo, sabendo respeitá o seu colega, sabendo respeitá o outro. A gente vê, por exemplo, assim oh, depois de uma Copa do Mundo, dum Campeonato mesmo Gaúcho ou Brasileiro, Copa do Brasil, quando saí o campeão, por exemplo, assim, as crianças já fazendo, por exemplo, comemoração e vem pros treno nos fim de semana já com a camiseta do time preferido, fazendo aquela divulgação né. E mesmo assim, mesmo com o colega falando a respeito da derrota um do outro, mas eles respeitam, porque sabem que é um esporte (Vinicius).

Ah eu acho muito importante assim, porque é pra tua vida mesmo é um esporte saudável, futebol, vôlei. Se a pessoa tem condições, se não tem nenhum problema de saúde que pode fazer, a gente não sabe se alguém vem aqui que de repente não pode, isso nós não temos acesso né, um médico, alguma coisa que vou te dizer, mas como são ex-aluno tudo a gente acredita que tem a capacidade né, possam fazer seu esporte. Eu a princípio não faço mais

³⁹ Irei tratar deste assunto mais adiante na dissertação.

assim...eu preciso emagrecer, tô além do meu peso porque fumava, parei de fumar engordei, mas não tenho pique...pra caminhar eu caminho, mas eu às vezes não vou alí joga vôlei com eles, eu não aguento muito. Lá no início do programa eu 2005 eu ainda aguentava sabe, mas olha eu acho que esporte é a melhor coisa na vida das pessoas, dos jovens assim (Jacinta).

Eu adoro esporte, eu acredito realmente que através do esporte o ser humano se torna bem mais sociável, disciplinado, ele ali aprende, é uma área assim pra lá de educativa ele ajuda né, facilita até na vida do ser humano a se entender melhor com o outro e também enxergar suas dificuldades né, então em uma relação com outra pessoa é uma das ótimas formas né de convivência para cada esporte (Simone).

uma proposta alí de jogo, mas é onde também existe o toque, existe a discussão, existe a conquista, existe uma série de coisas importantes que tem a ver com o ser humano né, que vai além daquele jogo que tá acontecendo alí e que ajuda a construir essa personalidade, ajuda a tirar algumas angústias, ajuda a parte física também, lógico, mas essa coisa maior assim do esporte de ser um momento de desenvolver várias coisas, não só o jogo pelo jogo né (Ana).

Na minha percepção, a função do esporte é ele ser fundamental na constituição do ser humano pro aumento de sua auto estima, e no seu resgate como pessoa, por quê? Eu vou usar aquela máxima, que eu não me recordo quem disse agora, que o importante não é vencer, o importante é competir, eu discordo dela, assim como eu discordo do Vinícius de Moraes, que a vida é a arte do encontro, eu não acho que a vida seja a arte do encontro à vida é a arte da despedida, o encontro é fácil o difícil é a despedida, quem consegue resistir às perdas é quem consegue. mas voltando a questão do esporte, o importante é competir não é vencer, eu discordo o importante é praticar. Principalmente num cenário de escola, lembrando que o foco não é só escola, eu acho que o esporte competitivo gera frustrações, o vencedor é um só, esta pessoa...até o podium é isolado, sozinho. E o Brasil está num período, ainda a distribuição a cidadania, todos estarem no mesmo nível se olhando e não já botarmos no podium tu sozinho, venci tu ta sozinho os lá de baixo podem se olhar, se abraçar e tomar um chopinho. Então o esporte é fundamental, mas com este enfoque, a da prática, pratica esporte, se tu vai se preocupar se tu compete ou não, bom, aí é de cada um, mas oportunizar a todos a oportunidade da prática desportiva, principalmente para o desenvolvimento mental, cultural e físico (Marcelo).

Eu acho que o esporte é fundamental para a disciplina, o esporte em regras e ele ajuda para min em todos os sentidos (Cezar).

As dimensões educativas que apontam um certo diálogo com as teorizações hegemônicas de uso educativo do esporte, sejam eles sob a pretensão de afastar as pessoas da drogadição ou então de que o esporte, por si só, aponta para a autodisciplina e que em função de ser um jogo onde as regras são claras existiria uma relação com a formação de cidadãos cumpridores de regras. Acredito que seja imperioso fazer duas leituras destes posicionamentos: a primeira a respeito dos discursos e a segunda a respeito das práticas.

Com relação aos discursos, enquanto a lógica competitiva do esporte aponte para uma dimensão cada vez mais seletiva, onde a performance pauta a exclusão das pessoas das práticas⁴⁰. Entretanto, as pessoas depositam nesta prática uma crença de que o esporte é capaz de resgatar uma série de construtos como a cidadania a inclusão social e de mudanças estruturais como a ascensão social através do esporte.

Com relação às práticas, podemos partir de alguns estudos como o de Stigger (2002) que apontam que, embora o esporte institucionalizado caminhe no sentido de uma certa homogeneização, em função da unificação de regras, do processo de globalização e da estruturação hierarquizada, a prática esportiva das pessoas, no seu cotidiano, se dá de forma heterogênea, em função da complexidade de estruturação de regras, objetivos e representações. No Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo, pode-se observar que, embora a maioria das oficinas se chame esporte, em muito pouco lembra o esporte presente em grandes praças esportivas e com a atenção de milhares de espectadores.

Para Gramsci “toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica” (*apud* Gadotti, 1983, p. 07), ou seja, não é possível desvincular dimensões educativas de práticas hegemônicas de nossa sociedade como o esporte. Por outro lado, o referido autor afirma que “Um erro bastante comum é o de crer que toda camada social elabora sua própria consciência, sua própria cultura da mesma maneira, com os mesmos métodos” (s/d). Desta forma, ao mesmo tempo que não podemos deixar de pensar na dimensão educativa do

⁴⁰ Este tema é debatido por uma série de autores de renome da produção acadêmica brasileira, sendo o livro organizado por Stigger e Lovisoló(2009) uma referência para debater o assunto.

esporte, enquanto elemento de introjeção ideológica estrutural, não podemos pensar que esta dimensão educacional se consolida dentro da complexidade que são as relações dentro do bloco histórico.

A crítica com relação às análises da pedagogia do esporte, é de que, ao mesmo tempo em que é condenável uma análise que transforme o esporte em um mocinho, capaz de resgatar das pessoas somente elementos positivos, o que facilmente relativizado pela prática⁴¹. Assim como pensa-lo em um artefato cultural que imprime às pessoas verdades, com as quais são incapazes desprender nem que parcialmente, pautadas pelo pensamento de que as pessoas não falam, mas sim são faladas.

Com relação à perspectiva de lazer, os dados produzidos apontam que, embora os objetivos do Programa Escola Aberta sejam amplas, é apenas um dos elementos seja o lazer, ele tem se consolidado como o principal elemento do programa em Novo Hamburgo.

E no meu ponto de vista, o Escola Aberta hoje tá sendo um dos principais centro de lazer do município. Porque é um lugar onde as pessoas podem ir com segurança, aprender coisas novas, ter um convívio social, ter convívio familiar, porque estão indo muitas famílias entrando nem se é pra ir lá tomar um chimarrãozinho, mas eles vão lá. Então tá sendo realmente um grande centro de lazer do nosso município (Eduarda).

Então em vez de tá jogando no meio da rua, em vez de tá andando de bobeira na rua... vem pra escola tem esse espaço aberto pra ele praticar e algo a mais né, uma coisa que vem complementar à hora de lazer deles né (Juliano).

Estes depoimentos são corroborados pelos diários de campo que apontam as finalidades do esporte da seguinte forma:

Quando perguntava para alguns usuários do programa que estavam esperando *sua vez* para jogar futsal, sobre o por que eles estavam lá jogando, frases como: “quero me divertir”, “vim para zoar os amigos”, “vim para relaxar “ eram constantes. Outro elemento muito recorrente é a quantidade de pessoas que vem para dentro da escola tomar chimarrão e ficar conversando, hoje contei 6 grupos de jovens fazendo

⁴¹ Esta relativização pode ser observada em pessoas que vivenciam de forma intensa o esporte e que mesmo assim não absorvem estes conhecimentos pretendidos.

esta prática, sendo que em alguns momentos saiam da roda de conversa e entram na quadra para jogar até seu time sofrer dois gols (diário de campo, 07/03/09).

Estes elementos acabam configurando o espaço do Programa Escola Aberta semelhantes ao de praças e parques de regiões centrais da cidade. O processo de urbanização desorganizado, que construiu um número significativo de Praças e aparelhos esportivos na cidade (FERNANDES, 2008), retirou das pessoas que moram nas regiões mais pobres, a possibilidade de usufruir de locais públicos para seu lazer esportivo. Porém, as pessoas acabam se apropriando dos espaços para realizarem seu lazer, independente deles serem construídos para isso ou não.

A gurizada dos lugares de menos poder aquisitivo aqui do bairro né vem muito, também são aqueles que além de não ter uma quadra, uma praça né uma coisa ali na redondeza também não tem nem espaço do terreno né, são terrenos muito pequenos, e é um espaço que eles querem também ter de poder interagir tudo e eles vem pras escolas, não só pra essa como pra outras também (Ana).

Acredito que esta lógica das pessoas se apropriarem do espaço seja consolidado por uma série de elementos como a necessidade de espaços de lazer, o programa ocorrer nos finais de semana momento em que a maioria dos trabalhadores descansa e a possibilidade de relações pautadas por uma lógica configuracional própria daquele espaço onde são ofertadas atividades e não existe nenhuma condição de permanência nem compromisso de pontualidade ou regularidade.

A constituição Federal prevê uma série de direitos sociais⁴² entre eles o lazer. Porém, dentro da formulação das políticas públicas, é latente que as de lazer se coloquem em um segundo (ou terceiro ou quarto...) plano. O fato marcante, é que mesmo em programas como o Programa Escola Aberta, onde o lazer se constitui como elemento central, ele não possui capital político suficiente para sustentar um investimento da dimensão do Programa Escola Aberta. O lazer não consta nos objetivos do programa é apenas uma das dimensões possíveis.

Outro tema recorrente é a pretensão de relacionar a prática esportiva com a diminuição dos níveis de criminalidade e de violência. Esta pretensão inclusive é um dos principais objetivos do programa. Esta ideia está fundada na lógica derivativa da pedagogia do esporte, ou seja, o que o esporte ensina aos seus praticantes. É interessante refletir que quando se faz esta pergunta se parte do princípio de que existe somente um tipo de esporte e a mesmo tempo, se imprime sentidos a uma prática desprezando a cultura e os tempos locais.

Esta visão com relação à diminuição da violência é controversa com relação aos agentes entrevistados do Programa Escola Aberta. Porém, ao contrário de outros objetos de análise, é possível traçar uma certa relação na tipologia dos grupos. Em um primeiro, estão a diretora da escola e os coordenadores municipais que defendem veementemente a diminuição da violência com o esporte:

das parcerias que nós firmamos, a principal foi com a guarda municipal, que tem bons relatos. Aonde algum representante da guarda municipal vai fazer palestras, eles estão citando o escola aberta como um avanço, porque aonde tem escola aberta caíram significativamente as ocorrências policiais, inclusive outro dia atendi um telefone

⁴² O lazer se constitui como direito social através da constituição de 1988, estes são os fragmentos desta carta que dão conta do lazer:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 26, de 2000)

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados.

– 3º - O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988).

por acaso e era um conselheiro tutelar, e falando com ele, eu me identifiquei, e ele disse que nas escolas onde tem escola aberta diminuíram de maneira muito significativas as ocorrências, nas casas das pessoas que tem alunos que participam do escola aberta, problemas familiares (Marcelo).

no momento que tu tá fazendo com que as pessoas saiam da rua ou saiam de algum outro lugar e vão pra dentro de uma escola em pleno fim de semana pra jogar, pra brincar, pra aprender, pra se divertir, automaticamente tu já tá fazendo a cultura da paz. Tu tá dando pra elas a oportunidade de fazerem alguma coisa produtiva e boa sendo que muitas delas não teriam essa oportunidade. Então tu já tá fazendo com que elas passam um final de semana junto com amigos ou com colegas ou com família, em algum lugar com segurança, aprendendo coisas novas, conhecendo outras pessoas ou convivendo com conhecidos em algum lugar seguro. Eu acho que nada melhor do que essas lições pra nós conseguirmos chegar lá (Euarda).

Os adolescentes principalmente, são ex-alunos, são oriundos de outras escola. As vezes eles brigam né, tão numa Escola Aberta daí eles brigam, daí tá e agora o que fazer..vamo lá pra tal escola...daí eles vem pra cá por exemplo, ou vão daqui pra outra né. Eles sabem que tem logo ali um outro espaço que se deu uma confusão aqui não precisa ficar aqui, tem outro ali a diante que tem uma proposta semelhante e que eles vão poder continuar jogando, vão poder continuar frequentando né, até acalmar aquilo ali né, então eles....se acontece alguma coisa assim que não dá muito certo, eles vão pra outra Escola Aberta, isso é comum de acontecer (Ana).

Por outro, lado alguns depoimentos proporcionam a reflexão se esta lógica realmente se dá de forma tão mecânica:

Eu acho que só acontece briga no local que é deixado brigar, no local que se deixa, deixa o aluno toma conta e que o aluno em vez de se vim pro uma atividade de lazer e vim sentir prazer em fazer a atividade, vim pra tumultuar, vim pra brigar. Então esse aluno, ele não é um aluno que o Escola Aberta tá querendo atender. O Escola Aberta tem que atender o aluno tem interesse em participar e ajudar no processo. Então aconteceu casos de ter briga nesse tempo que eu tô aqui, o momento de transição, os alunos tavam acostumado com outro profissional que era uma pessoa da comunidade, então muitos não aceitaram. Até pessoas que eram amigas desse profissional que era da comunidade aqui não acharam que não foi legal a troca de professor e tal e até acostumar comigo e tal. Mas também teve caso de aluno que vinha pra cá e tipo, era aluno que na época da

educação física na escola que só da problema na escola. Então são alunos vamo dizer é “cobra criada da escola” então é aluno que a escola deixa, que o sistema educacional deixa toma conta da escola, deixa esse aluno desrespeitar professor, deixa esse aluno desde pequeno já vim vivendo um mundo dentro da escola e quando chega na adolescência, quando chega naquela idade pra se transferir da fase de adolescente pra ser maior de idade, esse aluno acha que pode tudo dentro da escola ainda mais quando é fora de horário de uma escola, da escola, do sistema convencional da escola, sistema da educação, onde é uma atividade de vim de semana, uma atividade, um projeto que o aluno não tem aquela carga horária da escola pra se freqüentar. Então ele acha que alí ele pode fazer tudo que não tem o professor alí que deu aula pra ele, não tem o diretor, então ele não conhece o sistema funcional do Escola Aberta, o sistema do Escola Aberta funciona de uma forma parecida com o sistema educacional né, tem o diretor, tem o coordenador, tem o ali professor responsável. Então ele acha que pode toma conta, aí no momento em que o professor vai contra ele dá o problema do atrito né, então tu tem que te aquela manha de mediar com ele. Já aconteceu casos aqui que eu fui mediar com o aluno e não consegui e a única maneira de eu mediar com esse aluno foi chamando a polícia, foi chamando a polícia e como é periferia e eu conheço já os alunos eu sei que eu não posso virar a costa pro aluno, eu posso ser atacado de uma certa forma pelas costas, então eu tive que registrar ocorrência contra esse aluno, mas também foi um aluno que nunca mais me incomodou (Juliano).

Como a diminuição da violência se torna um argumento que vem justificando investimentos públicos por parte do poder público no Programa Escola Aberta, ele vem sendo muito propagandeado por seus gestores. O que estes gestores não levam em conta é que Novo Hamburgo é a cidade com o maior número de roubos per-capta do Rio Grande do Sul e ao mesmo tempo, é a segunda cidade em número de escolas funcionado com o Programa Escola Aberta.

Porém, fazer esta relação de causa-efeito entre violência e esporte no Programa Escola Aberta pode ser temerária. Alguns relatos de coordenadores escolares demonstram que usuários de esporte que se comportam dentro das normas de convivência estabelecida pela dinâmica local, muitas vezes, estão envolvidos com o tráfico de drogas e com atos violentos. Logo, antes de concordar ou não com a hipótese de diminuição de violência, é importante refletir

que o comportamento humano é atravessado pela suas disposições de vida de forma heterogênea (LAHIRE, 2002).

Embora a inclusão social seja um conceito que se transformou em um discurso cada vez presente nas bocas de vários agentes da socais como pesquisadores, políticos, professores, militantes entre outros, dada à controvérsia de seus entendimentos (THOMASSIN, 2007) optei por utilizar-me deste conceito partindo dos entendimentos que os atores do Programa Escola Aberta possuem dele. Não estou querendo discutir se a inclusão social ocorre ou não, ou ainda qual o melhor conceito de inclusão social, procuro operar com este conceito como uma categoria de campo que é significada de forma homogênea no decorrer das entrevistas:

Pois eh, o que eu acho desse tema... eu ainda acho bem polêmico, estou ainda mesmo nós já tendo crianças na escola, ainda estou bem como observadora, em parte porque estou aprendendo a conviver também e a enxergar também diferente as pessoas que são mais diferentes do que eu né, e eu que passei na minha vida que eu tive inclusão, e eu passei por essa transição porque lembro que dentro da minha família existia uma pessoa com dificuldades e que era diferente, então eu tenho em mim bem em mente o que era exclusão e que na verdade inclusão...vendo assim, generalizando assim, tu ta sempre incluindo alguém, a gente tá querendo incluir alguém toda a pessoa que se sobressai em alguma coisa ela acaba também enfrentando dificuldades para estar ali dentro daquele grupo que se diz normal né (Simone).

Ao questionar a referida professora comunitária sobre à inclusão social, ela me respondeu sobre a inclusão de portadores de deficiência, este entendimento foi observado por Thomassin ao fazer uma revisão sobre os sentidos de exclusão na literatura da educação física:

A partir dos textos selecionados, é possível apontar que há pelo menos dois campos de discussão em que a noção de exclusão opera com certo nível de partilha, carregado por algum significado que comunica. O primeiro destes campos de discussão é o da inclusão de pessoas com deficiência, seja referindo-se às condições do acesso à educação e à escola, ou aos demais serviços e práticas sociais, como o esporte e o lazer (...)Um segundo uso auto-explicativo da noção de exclusão social envolve autores que tratam

central ou lateralmente, dos problemas sociais, das desigualdades e das políticas públicas. Neste caso, a exclusão aparece como conceito “guarda-chuva”, remetendo a uma soma de situações adversas que a sociedade e determinados grupos atravessam, como o desemprego, a falta de acesso aos serviços públicos, os preconceitos e discriminações. É importante perceber que a exclusão social serve para adjetivar politicamente a realidade social, como denúncia, ainda que não se compreenda facilmente como essa expressão passou a fazer parte do vocabulário acadêmico crítico a ponto de, no Conbrace de 2005, Mascarenhas afirmar que o tema das políticas públicas não poderia ser tratado naquele momento “senão em articulação com a problemática da exclusão social” (MASCARENHAS, 2005, p.1) (2007, p. 156- 157).

Este segundo uso do binômio inclusão/exclusão é largamente utilizado pela formulação do Programa Escola Aberta e apreendida várias formas pelos agentes que concederam entrevistas:

Ela precisa, pra ser por exemplo assim, pra ser inclusão social mesmo forte né, é como eu falei antes, a comunidade geral tem que participar mais. Não o filho vim, a filha vim joga aqui por exemplo e derrepente sai e não retornar pra casa e o pai pensando que ele tá no colégio, na oficina e já tá derrepente fazendo artes fora dali né. Então eu acho que, temos que ter maiores divulgação pra comunidade participar mais (Vinicius).

Essa é uma coisa que pode ser considerada como positiva né, já como, dentro do sistema educacional não tem essa... a educação é um direito comum a todos né. Então o esporte ele dependendo do profissional que tá trabalhando ele vai ser um canal pra ti incluir ou excluir também. As vezes quando tu tenta incluir algum excluído, tu acaba excluindo alguém que tava incluído, então mas é porque esse alguém excluído não se sentiu bem nessa nova forma, esse novo sistema de incluir os excluídos, então mas aí é um problema que foge aí já (Juliano).

Porém elas operam sob a ótica liberal de pensar na resolução dos problemas da sociedade, tendo como ponto de partida o indivíduo, esta visão é questionada por Castel que afirma que “para compreender que aquilo a que chamamos de exclusão remete para dinâmicas de dominação e para conflitos sociais que atravessam toda a sociedade” (CASTEL, 2006, p. 64).

Outra teorização de inclusão seria a de Giddens que afirma que existem dois tipos de inclusão onde existe um duplo sentido de exclusão⁴³ na atual configuração da sociedade. Uma delas seria a exclusão das pessoas do fluxo social prevaiente pelas incapacidades econômicas e conseqüentemente da incapacidade das mesmas de poder se colocar dentro do mecanismo competitivo. A outra é a que denomina de exclusão voluntária, este conceito contempla as pessoas que acumularam uma grande quantidade de bens e que por opção própria se retiram da participação social criando *ghetos* de riqueza.

Sob esta ótica, as duas exclusões seriam um fenômeno que se relaciona, ou seja, quanto maior fosse a exclusão voluntária, maior seria a exclusão de pobreza. O que o autor propõe é que em se fazendo um movimento político de inclusão dos ricos, se estaria resolvendo dois problemas ao mesmo tempo: a inclusão dos pobres no mundo competitivo do mercado e a desoneração do estado em ter que manter estas iniciativas.

Após feita a apresentação dos dados, é possível afirmar que operando em todas as dimensões analisadas⁴⁴ o esporte se constitui como um dos elementos protagonistas das práticas dentro do programa. Com ele se relacionam elementos culturais locais e globais, relações político-econômicas diversas, o mesmo se constitui como elemento fundante das relações dentro deste espaço.

Apontado em alguns depoimentos como *chamariz* de pessoas para dentro do programa o esporte é, em Nova Hamburgo, o motivo para pessoas se relacionarem, é objeto de desejo, e é uma política pública.

O próximo capítulo desta dissertação pretende se debruçar sobre a análise das repercussões das práticas esportivas e voluntárias dentro do contexto das políticas públicas de direitos sociais e de acesso ao esporte e ao lazer.

⁴³ Para o autor: "A exclusão não está ligada a gradações de desigualdade, mas a mecanismos que atuam para destacar grupos de pessoas do fluxo social prevaiente" (GIDDENS, 2001, p.114).

⁴⁴ Inclusão social, violência, lazer, educação, multiplicidades de representações e importância do esporte para o programa.

6 Trabalho voluntário e políticas públicas de esporte

Este capítulo procura tratar das relações entre o trabalho voluntário e as políticas públicas de esporte e lazer pautado pelas observações e relatos produzidos durante o processo de pesquisa. Procuo aqui retomar alguns elementos do terceiro capítulo, onde apresento o título “Novo Hamburgo e o seu Programa Escola Aberta”, procurando dialogar com a produção em Políticas Públicas de Esporte.

Em um primeiro momento procuro fazer uma descrição focada nas temáticas das políticas públicas de esporte. Já no segundo tenho a pretensão de fazer algumas reflexões mais conceituais sobre a condição voluntária dentro das políticas públicas de esporte.

No sentido de garantir mão de obra para o terceiro setor, diversas campanhas e programas passaram a ser criados tendo como pano de fundo a estimulação da população à adesão a iniciativas de Trabalho Voluntário. Um programa de destaque no início da década de 2000, é o Programa Amigos da Escola⁴⁵, difundido por diversos meios de comunicação, incentivava a população a fazer trabalho voluntário nas escolas. Esta iniciativa, que foi muito debatida, se consolidava como uma primeira tentativa de alargamento da quantidade de pessoas atingidas por ações sociais que antes seriam de responsabilidade do Estado. É relevante pontuar que neste programa já existiam trabalhadores voluntários envolvidos em práticas esportivas.

O Programa Escola Aberta constituiu-se na segunda metade da década de 2000 como um grande guarda chuva de várias demandas de políticas públicas. Alguns fatores como a permeabilidade que as escolas possuem dentro das cidades, a falta de espaços de lazer nas periferias e a possibilidade de contar com um contingente de desempregados que estariam dispostos a ser *voluntários*

⁴⁵ Alguns estudos se destacam na compreensão deste fenômeno entre eles o de Figueiredo, 2003.

foram fatores decisivos para o sucesso da implementação do programa. Em troca de uma pequena ajuda de custos e reembolso financeiro que as escolas ganhariam, aderindo ao programa, a quantidade de escolas que passaram a operar o programa aumentou fortemente no decorrer desta década, enquanto que o Programa Amigos da Escola que tratava com um voluntário mais caridoso não teve tanto sucesso.

O que cabe ressaltar é que o Programa Escola Aberta não é uma política pública *de* esporte e sim uma política pública *com* esporte. Embora possa parecer uma diferença linguística muito pequena a palavra *com* caracteriza que o mesmo não é idealizado, pensando no desenvolvimento das pessoas pelo esporte ou no desenvolvimento do esporte nacional. O Programa Escola Aberta é financiado pelo Ministério da Educação, vinculado à proposta de educação pela paz e com o objetivo o objetivo de promover a inclusão social, a qualificação da educação e o combate a violência. Porém, é apropriado na comunidade hamburguesa como esportivo. E esta apropriação é sintomática com relação à falta de políticas públicas que visam dar conta das demandas do lazer. Ele é custeado e formatado pelo Governo Federal, cabendo aos órgãos municipais apenas gerenciar partes do processo. Mesmo o programa sendo imposto verticalmente, as pessoas vão se apropriando dele de formas diferentes.

O que é possível perceber é que o seu desenvolvimento se dá a partir do trabalho voluntário, identificado como estratégia para dar conta das demandas pretendidas pelo programa. Porém, esta inserção de trabalhadores voluntários não é inconsequente: durante os procedimentos de pesquisa, foi possível fazer algumas reflexões sobre a continuidade, e a qualificação destes trabalhadores.

Grande parte das análises de políticas públicas no campo do esporte⁴⁶ procuram compreender ações governamentais sob o aspecto macrossociológico classificatório⁴⁷, porém uma das constantes críticas que estes trabalhos tecem, é com relação a continuidade destas iniciativas governamentais, seja em função de alternâncias ocasionadas pelas mudanças de administrações (RIETH, 2005), seja

⁴⁶ Um bom exercício para isso é analisar os anis dos dois últimos CONBRACES.

⁴⁷ Como por exemplo, classificar determinada política pública como neoliberal sem compreender que todas políticas públicas são marcadas pela contradição onde diferentes elementos teóricos e culturais ajudam a conformar as referidas ações.

pela forma inconstante que os recursos são repassados para a manutenção de programas:

Percebemos então que existe por parte do Ministério do Esporte a preocupação em relação à política de esporte e lazer como direito dos cidadãos e dever do Estado, porém o programa ocorre em algumas localidades do país, atendendo um número restrito de pessoas, por um período de dez meses com possibilidade de renovação por igual período, garantindo um direito, apenas temporário. Em nosso entender, isso não se caracteriza como uma política que garanta um direito social da população, pois o programa tenta compensar a carência de políticas públicas de esporte e lazer, desvinculadas de um projeto mais amplo de nação e de transformação social. (SAGRILLO et.al. 2007)

Como pode ser percebido, uma das grandes críticas que vêm sofrendo os projetos esportivos sociais, é relativa à sua descontinuidade, ou seja, a forma volátil que iniciam e terminam as ações públicas voltadas ao esporte. Estas descontinuidades, além de proporcionarem um acesso restrito da população ao esporte produzem uma desqualificação em função da necessidade de uma certa regularidade para a apreensão do esporte enquanto elemento cultural.

Mesmo que o Programa Escola Aberta constitua-se como um programa *com* esporte e que em, Novo Hamburgo, ele exista ininterruptamente desde o ano de 2005⁴⁸, de forma semelhante ao que foi referido acima, a sua continuidade se fragiliza quando tratamos da lógica voluntária de seus agentes. Nos procedimentos de pesquisa foi possível observar uma certa rotatividade dosicineiros:

este é um ponto bem importante mesmo, até porque a maioria das oficinas não tem um longo período de continuidade, até porque oicineiro ele é um voluntário, temos que pensar que estamos trabalhando com um voluntário. Então via de regra as oficinas tem curta duração: oficina de Grafite, oficina de HIP HOP, causa alguma frustração na comunidade, e outras oficinas, futsal estas perduram, em que pese que mude oicineiro, e dentro das escolas já existem alunos se formandoicineiros, teria aí alguns casos bons de se contar (Marcelo).

⁴⁸ Embora 5 anos seja um tempo pequeno para se pensar em políticas de Estado, comparado a outros programas vinculados ao Ministério do Esporte, pode ser considerado um programa que está em atividade por um bom tempo.

e temos esta entrada e saída de oficinairos, mas os que estão aqui eles estão há bastante tempo. O que é bastante tempo pra mim? Seis meses, eu acho bastante. Nós temos dois oficinairos que entraram ano passado, por meados de agosto, estão com a gente até agora, e estão vindo. Temos uma oficinaira que não está vindo agora no verão, eu to entrando em contato, e não me ligou dizendo assim que não vem mais. Então eu conto ela como ainda estar vindo, não oficializou nenhum desligamento assim. Mas tem uma coisa muito boa que aconteceu assim no ano passado, por a gente se comunicar com as colegas e o pessoal de outras escolas saber se está precisando ou não, vem oficinairos ligando pra cá e perguntando: “dá pra trabalhar aí?”(Simone)

Aqui na escola sempre tem algumas mudanças assim, como eu dei o exemplo antes da oficina de culinária, que foi uma oficina que durou um ano e trocou de oficinairo ao longo desse tempo. Ela durou um ano e pouco ela trocou de oficinairo porque a pessoa que fazia no primeiro momento não pode mais continuar e veio uma outra e daí como eu disse.... chegou um tempo que ela se esgotou. Já a oficina de esportes, por exemplo, é uma oficina que eu acho que nunca vai se esgotar de forma alguma, muito pelo contrário, a tendência é cada vez aumentar mais né! (Ana)

E: Mas os oficinairos mudam ou não?

I: Mudam, mudam, apesar de que aqui na escola eles ficam bastante tempo né. Não é assim vamos dizer “ah fica um mês saí e vem outro e...”, não é uma duração bastante longa (Ana)

As declarações acima apontam para uma volatilidade dos oficinairos e das oficinas não esportivas. Porém, as oficinas esportivas se mantêm mesmo com a mudança dos responsáveis. Este fenômeno dialoga com a análise feita no capítulo anterior onde fica evidente as relações de reconhecimento das comunidades, a importância do esporte dentro deste espaço.

A questão da qualificação fica evidente quando trago à tona alguns depoimentos:

Acho que um dos principais problemas do programa é encontrar pessoas qualificadas para atuar como oficinairo. (Tereza)

O programa até prevê, que preferencialmente serão jovens universitários, que virão dar as oficinas nos turnos contrários para as crianças, mas não é o que tem acontecido, o universitário não quer vir para uma escola todo o dia,

ganhando esta grana.(Marcelo) necessidade do programa em possuir pessoas qualificadas para conseguir dar conta de interagir com a realidade das escolas, é uma demanda que ajuda a constituir mais um tipo de precariedade no contexto observado.

Em que pese isso que estou denominando de precariedade, o financiamento passa ser um dos mecanismos de controle Estatal. Digo isso, pois, conforme observado, se o governo considerar que, em determinada escola, os acontecimentos não estão de acordo com os objetivos do programa, o mesmo possui o direito de encerrar o convênio. Dentre as práticas de controle, chama atenção a existência – na entrada da escola - de um caderno onde são identificados (com assinatura) todos os usuários que comparecem a cada dia. Este fato é registrado nos diários de campo e relatado pelos informantes da seguinte forma:

Sim, nós começamos aqui com a verba de R\$ 2.400 no início do projeto, e daí por falta de conhecimento no segundo mês ela caiu por metade. Ela veio pra R\$ 1.200, tem um livro que o senhor viu na portaria né que toda pessoa que entra e sai, independente de quantas vezes chega nos dois dias né de Escola Aberta (sábado e domingo) assina a sua presença ali. E a gente no primeiro contrato não teve muita frequência de pessoas né. Uma porque quase ninguém sabia, no decorrer do terceiro contrato a gente já teve de R\$ 1.200 fomos pra R\$17.610, essa verba veio porque o livro tava cheio. O livro com 200 folhas ele deu quase 15 mil assinaturas alá né e a gente foi incentivando a comunidade a vim e participa, olha as oficina e assina o livro de presença. Até por fim eu sempre mantenho uma pessoa cuidando do livro de presença ali né, pra não deixar que crianças ou alguém risque ou escrevam alguma coisa que não é aceitável e não deixar as pessoas passar sem assina. E quando alguém pergunta o porque assinatura a gente explica que é porque dali daquela assinatura vem a verba da Escola Aberta pra seus filhos joga gratuitamente (Vinicius).

Outra forma de controle é a da prestação de contas. As escolas devem preencher uma série de formulários e demonstrar os respectivos gastos de forma transparente e atendendo uma formalização exigida pelo MEC. É interessante notar que dentro da estrutura do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo,

existe uma pessoa responsável por fazer a verificação de todas as prestações de contas das escolas antes do envio para o MEC.

Estas e outras lógicas vão configurando mecanismos de controle do Estado sobre a sociedade civil, o que dentro de uma determinada lógica de controle social de políticas públicas, parece haver uma inversão. Não são poucos os autores que defendem que é a sociedade civil que deveria fazer o controle social das políticas públicas (STIGGER, 1992 e 1996).

Sobre isso, quando Gramsci coloca que existe uma interação entre sociedade civil e sociedade política⁴⁹ e que as duas não oferecem imposições sem negociações uma a outra (PORTELLI, 1983) esta argumentando que de uma forma ou de outra o estado sempre encontra formas de efetuar o controle na sociedade civil e que a sociedade civil possui seus mecanismos de controle sobre a sociedade política. Afirma ainda que estes mecanismos se diferenciam em função de configurações constituídas sob a perspectiva histórica. Desta forma, legalmente se constituíram espaços da sociedade civil que exercem o controle social do Estado, um destes mecanismos são conselhos Municipais, Estaduais e Federais que possuem a função referida:

Entendemos que o processo necessário ao alargamento da democratização, nos evidencia ainda mais a necessidade de criarmos imediatamente os Conselhos Municipais de Esporte e Lazer, sob o risco de perdermos cada vez mais a representatividade no interior da sociedade. Compreendemos também, que a democracia somente se fortalece com a participação dos cidadãos e com o controle dos mesmos sobre as ações políticas. Desta maneira a incorporação do esporte e lazer com direito do cidadão depende da participação da sociedade nas ações públicas (Starepravo, 2007).

Cabe ressaltar que por mais imperfeito que seja este controle, ele sempre é algo palpável na medida que se tem o entendimento que o Estado deve servir às lógicas coletivas estabelecidas pelo modelo de democracia vigente.

⁴⁹ Pode-se compreender apressadamente sociedade política e aparelhos governamentais como sinônimos

Por outro lado, a partir do momento em que trabalhadores voluntários são utilizados para garantir direitos sociais, eles se legitimam a utilizar seus valores pessoais e transferi-los às pessoas que recebem o benefício destes serviços.

O momento em que vivemos no âmbito dos esportes pode ser relacionado com o momento do pós guerra onde surgiram as primeiras iniciativas de trabalho voluntário na assistência social, como relata Araújo:

O Estado brasileiro, por sua vez, sentia necessidade tanto de expandir a assistência social como torna-la mais integrada. As suas ações destinavam-se ao enfrentamento das demandas sociais que se avolumavam nos centros urbanos do País, principalmente nas regiões onde a industrialização avançara. Por este fato, dentre outros, ele precisava estabelecer, de alguma forma, certo controle social sobre a população excluída econômica e socialmente, deixando de ser estratégia antecipar-se aos movimentos reivindicatórios que poderiam emergir dessa população que se aglomerava nas cidades. Assim, além do controle social que poderia exercer, diminuíram as tensões e desconfortos causados pelas diferenças existentes entre as classes sociais (ARAUJO, 2008, P.190-191).

Quando o estado repassa a voluntários obrigações que seriam de sua natureza, ele delega aos mesmos a possibilidade de fazer uma intervenção político-ideológica e o voluntário passa a ser portador de uma dívida (SILVA 2006) que é impregnada de aprendizagens. É possível afirmar que o ato voluntário em políticas públicas é necessariamente violento uma vez que “Toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbítrio cultural” (Bourdieu e Passeron, 1992, p.20).

Logo, por mais sistemática que seja o controle de financiamento relativos a relação repasse/usuários, este controle não é efetivo com relação ao conteúdos e os métodos que os oficinairos operam. Assim, é possível afirmar que ao mesmo tempo que é precário o repasse de recursos, também é precário este controle ideológico.

É necessário fazer a reflexão sobre a precariedade deste tipo de trabalho, da forma como ele se apresenta dentro do Programa Escola Aberta. Pois, embora seja caracterizado, sob o aspecto jurídico, como voluntário, a significância do

valor repassado a título de ressarcimento com transporte e alimentação para estas pessoas é muito grande:

E eu recebo aqui mais que eu ganho no meu estágio. Eu faço 30 horas de estágio e ganho R\$440,00. Se eu fizer 16 horas, 8 no sábado e 8 no domingo, eu vou tirar mais que isso eu acredito, pelo que eu tinha feito as contas ia dar mais do que isso. Pra quem não tem condições de pagar a faculdade, que precisa dessa ajuda é importante, essa ajuda de custo (Marcio)

Antes quando eu estava desempregada ela até me ajudava um pouco mais era mais significativa assim até, mas hoje graças a Deus com o emprego que eu tenho ela não tem essa importância assim tanto mais, que é uma coisa que eu até posso dizer uma coisa extra (Carolina).

Logo para muitos agentes envolvidos no programa, a ajuda de custo é considerada como salário e em alguns casos, como os citados anteriormente, constituíam a única fonte de renda do indivíduo. Este movimento é confirmado pela afirmação de um dos coordenadores municipais entrevistados:

não necessariamente é das mais pobres né, tem muitas professoras que aproveitam para colocar os seus filhos que estão desempregados, mas sim pessoas desempregadas de todas as camadas. Teve diretora de escola, e aí nós temos que enquadrar esta diretora de escola no mínimo como classe média, que veio me pedir para trabalhar em uma escola para poder complementar a sua renda. Assim, dos oficinairos são pessoas da comunidade mesmo bem carentes, mas o grande perfil é composto por pessoas desempregadas. (Marcelo)

Em face destes depoimentos duas considerações são importantes de serem realizadas: a primeira diz respeito à representação identitária, que já foi tratada em capítulo anterior, e a segunda diz respeito à questão econômica. Sobre essa última, uma vez que as pessoas passam a contar com os recursos oriundos do ressarcimento para despesas além das de alimentação e de transporte, esse dinheiro pode ser considerado como salário e o trabalho voluntário pode ser considerado como remunerado.

Este subterfúgio estrutural alinha o Programa Escola Aberta com lógicas relacionadas ao pensamento econômico neoliberal. Segundo Paullani (2007),

uma característica marcante deste pensamento econômico é que as relações trabalhistas passam por um processo de informalização. Corroborando com este elemento existe uma flexibilização dos direitos dos trabalhadores sendo que os mesmos, em alguns momentos, não possuem nem mesmo a garantia de serem considerados como tal.

A precariedade do trabalho voluntário no Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo se traduz não só pela precariedade de empregatícia de seus trabalhadores, mas também – articulada com essa última - na precariedade do atendimento. Uma vez que a desqualificação, e a falta de formação e as constantes trocas dos trabalhadores, em função de conseguirem uma possibilidade profissional melhor, contribuem para uma precariedade que talvez não seja percebida pela população em função da falta de outras políticas. Digo “talvez”, pelo fato de que – nas observações – nunca percebi reclamações por parte dos usuários.

Não tenho aqui a intenção de fazer um julgamento de valores tais como: tal política é boa ou ruim, adequada ou inadequada. O que pretendo, neste momento reflexivo e a partir de dados produzidos no campo, é demonstrar e colocar em debate de que forma se constituem as políticas pautadas pelo trabalho voluntário, bem como os desdobramentos que as mesmas possuem.

Ao discutir o trabalho voluntário enquanto representação, tecei uma série de considerações sobre os significados que os agentes em questão produziam em função de sua prática. Neste momento, pretendo discutir as possíveis interações destas práticas com um sistema mais amplo, o das políticas públicas de direitos sociais. Para isso, procuro em um primeiro momento pautar minha reflexão sobre as dimensões históricas do voluntariado, utilizando este subterfúgio para contextualizar as políticas públicas esportivas.

Para falar destas políticas públicas no ocidente, é necessário resgatar o estado de bem estar tendo como ponto de partida o pensamento teórico keynesiano que critica o modelo neoclássico pautado fundamentalmente em três pontos: não levar em conta a existência do desemprego, a visão da moeda como um instrumento neutro destituído de importância econômica e a apresentação do problema econômico a partir do paradigma individual (HUGON, 1985). Este

pensamento passa a ser mais influente no pós segunda guerra mundial em função de uma configuração social muito específica.

Naquele momento histórico, com o mundo em reconstrução, existia muita demanda de trabalho e os Estados foram obrigados a assumir o papel de provimento das necessidades da população. As consequências da orientação da teoria econômica keynesiana é aquilo que veio a se denominar *Estado de bem estar social*. O Estado assume, então papel decisivo na implementação de políticas sociais e os trabalhadores passam a garantir direitos coletivos. Para estes teóricos, o Keynesianismo destrói a liberdade e impede a livre concorrência. No Brasil, o segundo governo de Vargas cria o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) e assegura os direitos dos trabalhadores através da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), embora não se possa creditar a existência do *Estado de bem estar social* em sua plenitude no Brasil⁵⁰.

O Governo Vargas asseitou o desafio de dar resposta a estas demandas sociais e para isso criou Legião Brasileira de Assistência(LBA):

(...) para responder a essa realidade social agravadas pelas contingências da participação do país na segunda guerra mundial o governo criou a LBA, em 1942, que se destinava a promover amparo social daqueles brasileiros que se encontrassem em estado de extrema pobreza (ARAUJO, 2008, P. 184-185)

A inserção do trabalho voluntário não está alheio a este contexto, pois é possível identificar, no mesmo ano, a criação do primeiro programa de voluntariado Brasileiro o “Programa de Voluntariado”:

As suas diretrizes apregoavam a execução de ações de assistência social. Constituíam-se numa prática que fora executada, através dos tempos, pela sociedade civil, por intermédio de suas entidades sociais, atividade esta direcionada, na sua grande maioria, de forma fragmentada e determinada, a um segmento social (ARAUJO, 2008, P.190-191).

⁵⁰ Esta afirmação se explica pelo fato de que o acesso da população a políticas sociais nunca tenha sido absoluta (POCHMANN, 2007).

No Brasil, além do processo macroeconômico relacionado às guerras, outro elemento que é mobilizador para a criação desta modalidade de trabalho é o processo de industrialização, mais tardio que a dos países centrais. Esta movimentação trouxe para as cidades, trabalhadores rurais que ficaram marginalizados nos grandes centros urbanos.

No fim da década de 1970, as expectativas das elites hegemônicas suscitaram a utilização de outro modelo teórico o neoliberalismo. Este pensamento, preconizado por atores como Friedrich August Von Hayek⁵¹, fez algumas reflexões sobre os modelos econômicos e seus desdobramentos sociais do mundo em que vivia. O autor fazia uma crítica ao modelo neoclássico de Marschall, apontava que o empoderamento do mercado era algo fundamental para o desenvolvimento da sociedade, porém mostrou também que, por ser cartesiano e conceber a sociedade de forma homogênea, não dava conta de garantir um “ótimo social” (PAULANNI, 2007).

Embora o neoliberalismo só fosse influenciar a economia Brasileira a partir da década de 1990, em 1979⁵² o governo militar criou o Pronav/LBA. Segundo Araujo, este programa destinava-se a “atender à população que se encontrava à margem dos serviços previdenciários: os desempregados e os trabalhadores informais e suas famílias” (ARAUJO, 2008, p. 208). Esta ação dialoga com a necessidade de prover assistência social aos trabalhadores informais, que dentro de uma lógica econômica neoliberal passariam a ser cada vez maiores.

Com o decorrer da década de 1980, iniciou-se um processo político de consolidação de outras demandas, como as sociais e é neste período que o debate do entendimento do esporte e do lazer enquanto direitos ganha mais folego. Desde então, a discussão sobre a necessidade de existência de políticas públicas que garantissem o acesso do esporte à população vem sendo cada vez mais difundida.

⁵¹ Hayek fez contribuições importantes para a psicologia, a teoria do direito, a economia e a política. Recebeu o Prêmio de Ciências Econômicas (imprecisamente chamado de “*Nobel de Economia*”) em 1974.

⁵² O primeiro país representante da América Latina a absorver a doutrina neoliberal foi o Chile, onde o General Augusto Pinochet assumiu após o golpe de Estado de 1973 e implementou as ações neoliberais como a abertura do país para o mercado internacional. A política chilena foi muito influenciada por Milton Friedman, pensador neoliberal que acompanhou de perto a experiência neste país.

Nos anos de 1990, o pensamento econômico neoliberal passa a influenciar fortemente os rumos da política brasileira, e o presidente Fernando Henrique Cardoso constituiu uma Câmara da Reforma do Estado⁵³ que formulou, em 1995, o Plano Diretor da Reforma do Estado⁵⁴. Segundo Peroni:

O documento aponta, ainda, que o Estado gerou distorções e ineficiências ao tentar assumir funções diretas de execução, e, nesse sentido, 'reformular o Estado significa transferir para o setor privado as atividades que podem ser controladas pelo mercado" (p. 3, 2007).

Além de fazer uma abordagem econômica e filosófica, o documento aponta para ações práticas:

Neste sentido, são inadiáveis: (1) o ajustamento fiscal duradouro; (2) reformas econômicas orientadas para o mercado, que, acompanhadas de uma política industrial e tecnológica, garantam a concorrência interna e criem as condições para o enfrentamento da competição internacional; (3) a reforma da previdência social; (4) a inovação dos instrumentos de política social, proporcionando maior abrangência e promovendo melhor qualidade para os serviços sociais; e (5) a reforma do aparelho do Estado, com vistas a aumentar sua "governança", ou seja, sua capacidade de implementar de forma eficiente políticas públicas (BRASIL, MARE, 1995, p. 12).

O quarto item do documento aponta para um processo de inovação de instrumentos de política social. A utilização do trabalho voluntário, embora não seja uma novidade, passou a ganhar outras formas de organização como por exemplo a influência estatal em seus processos. A promulgação da lei d trabalho Voluntário em 1998 é uma resposta a esta necessidade de inovação.

⁵³ Esta câmara era constituída por os seguintes membros: Clóvis Carvalho - Ministro Chefe da Casa Civil (Presidente), Luiz Carlos Bresser Pereira - Ministro da Administração Federal e Reforma do Estado Paulo Paiva - Ministro do Trabalho Pedro Malan - Ministro da Fazenda José Serra - Ministro do Planejamento e Orçamento General Benedito Onofre Bezerra Leonel - Ministro Chefe do Estado Maior das Forças Armadas.

⁵⁴ O Plano Diretor da Reforma do Estado foi elaborado pelo Ministério da Administração Federal e da Reforma do Estado e, depois de ampla discussão, aprovado pela Câmara da Reforma do Estado em sua reunião de 21 de setembro de 1995. Em seguida foi submetido ao Presidente da República, que o aprovou na forma ora publicada.

Através de sua inserção social total, o governo interagiu de forma a referendar as ações contingenciadas pelo Plano Diretor de Reforma do Estado, fazendo inclusive críticas ao pensamento econômico neoliberal. Uma delas foi o de debitar ao neoliberalismo a dimensão utópica:

A reação imediata à crise - ainda nos anos 80, logo após a transição democrática - foi ignorá-la. Uma segunda resposta igualmente inadequada foi a neoliberal, caracterizada pela ideologia do Estado mínimo. Ambas revelaram-se irrealistas: a primeira, porque subestimou tal desequilíbrio; a segunda, porque utópica. Só em meados dos anos 90 surge uma resposta consistente com o desafio de superação da crise: a idéia da reforma ou reconstrução do Estado, de forma a resgatar sua autonomia financeira e sua capacidade de implementar políticas públicas (BRASIL, MARE, 1995, P.14)

Pode parecer um pouco incoerente que o governo Fernando Henrique Cardoso que é reconhecido por suas ações neoliberais, realiza em seu documento oficial uma crítica a este mesmo projeto. O que está subjacente a esta afirmação, é uma postura ligada à terceira via, conjunto teórico neoliberal que procura contornar as mazelas sociais proporcionadas pela diminuição do Estado, com o comprometimento da sociedade civil através do que se denominou terceiro setor.

A difusão do *Novo trabalho voluntário* (LANDIM, 2002) se insere neste momento com uma série de acontecimentos políticos acontecendo no Brasil. No campo da assistência social, apontaram-se duas vertentes de intervenção de políticas que se pautavam pela solidariedade com dois protagonistas. Me refiro às vertentes de Betinho⁵⁵ e de Ruth Cardoso⁵⁶, as quais foram analisadas por Araújo:

Betinho, pode-se dizer que pela iniciativa pessoal e por sua capacidade de mobilização da sociedade, concebia a

⁵⁵ Betinho era Sociólogo e entre outras ações promoveu, na década de 1990, várias atividades de mobilização da sociedade civil contra a fome.

⁵⁶ Ruth Cardoso possui várias publicações muito bem conceituadas no campo da antropologia, porém enquanto primeira dama foi uma das principais responsáveis por intervenções governamentais de apoio ao chamado terceiro setor e à promulgação de importantes leis como Lei 9.608/98(em anexo), a chamada Lei do Trabalho Voluntário, da Lei 9.637/99(em anexo), que criou as Organizações Sociais e, principalmente a Lei 9.790/99, que criou o título das Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP, em anexo).

solidariedade como um sentimento que leva a organização social, uma visão coletiva, enquanto dona Ruth Cardoso, até mesmo pelas circunstâncias políticas, foi direcionada, em face ao exemplo mexicano, a referir-se à solidariedade como uma retórica estabelecida pelo presidente Fernando Henrique (ARAÚJO, 2008,p.228).

É importante pontuar que compreender as ações políticas ocorridas durante o Governo Fernando Henrique são fundamentais para compreendermos o voluntariado no Programa Escola Aberta nos dias de hoje. Convém reafirmar que o modelo proposto pelo referido governo ao trato das causas sociais está atravessado pela terceira via e pelo terceiro setor, este que:

(...), apresenta "uma nova modalidade de trato à questão social". Primeiro, com a transferência da responsabilidade da questão social do Estado para o indivíduo, que a resolverá através da auto-ajuda, ajuda mútua ou, ainda, adquirindo serviços como mercadorias. Segundo, as políticas sociais passam a ser focalizadas, perdendo, assim, seu princípio universalista. Terceiro, com a descentralização administrativa, as políticas tornam-se ainda mais precarizadas, entre outros problemas, porque são transferidas as competências sem os recursos correspondentes e necessários para executá-las (PERONI, 2007).

É necessário ter o cuidado de não tratar o neoliberalismo como um regime econômico, uma vez que o mesmo deve ser pensado sob o aspecto teórico que influencia a economia-política de determinadas realidades (FERNANDES, 1995, p.157). Corroborando com esta afirmação, é possível afirmar que nem mesmo a terceira via tenha existido em lugar algum do mundo, uma vez que os Estados de formas mais ou menos abrangentes continuam tendo sistemas que possuem o objetivo de dar conta de algumas destas necessidades sociais.

No campo do esporte, é latente o surgimento de projetos esportivos sociais. Surgidos na década 1980, eles vêm se tornando cada vez mais presentes no cotidiano das cidades:

Se, nos anos 80, os projetos sociais de esporte apareciam como exemplos pontuais de iniciativas filantrópicas de empresas ou fundações e as atividades esportivas públicas não eram vistas como demandas sociais importantes ou

prioritárias ao poder público⁵⁷, o cenário atual é outro: o esporte se tornou objeto de múltiplas iniciativas sociais, fora do âmbito restrito da escola. E mesmo na escola, o esporte reaparece junto a outras práticas culturais e expressivas, como *atividades* fora do currículo, através de ações que aproveitam a estrutura da escola em finais de semanas e em horários semanais ociosos. Mais do que iniciativas pontuais de empresas e ONGs, existem também vários programas sociais de abrangência nacional, os quais viabilizam ações, na grande maioria voltada aos públicos infantil e jovem (STIGGER e THOMASSIN, 2009)

É neste contexto de proliferação deste tipo de iniciativas públicas que projetos vem ganhando várias justificativas sociais e vários significados, porém, o que parece estar como pano de fundo é a discussão do esporte ser um instrumento social capaz de dar conta da resolução das mazelas da sociedade.

Logo o voluntariado esportivo, com fundo social, dentro de programas governamentais é um fenômeno mais ou menos recente, e mais um dos elementos deste novo voluntariado.

A partir do que vem sendo apresentado, acredito que a discussão de qual é o papel do estado na manutenção de políticas públicas de esporte e de lazer deva ser analisada como um dos principais elementos ao se pensar no trabalho voluntário. Se por um lado existe uma série de reivindicações históricas e contraditórias por parte da sociedade civil com relação à formulação e operacionalização destas políticas. Por outro lado, existe a intencionalidade dos gestores públicos em focar suas ações em um conjunto de políticas que dialoguem com o extrato da sociedade que o consolidou no poder.

Os investimentos estatais no esporte são cada vez mais discutidos e questionados pelo conjunto da sociedade, dado o histórico de mau aproveitamento dos recursos e pelo anseio da sociedade por outras demandas. Assim, o pleito de prefeituras e ONGs por recursos que possam ser repassados por outras esferas de administração são cada vez mais valorizados e disputados. Foi isso que observou Veronez (2007), ao estudar os processos de o planejamento governamental e o orçamento do setor esportivo.

⁵⁷ Como diversos autores da Educação Física já demonstraram, nesta época, era a escola, através das aulas de educação física e de atividades extra-curriculares, o espaço de promoção social do esporte.

Estes recursos, quando repassados, não desoneram o Estado de sua responsabilidade, que é o de prover o acesso com qualidade aos direitos que as pessoas possuem por fazerem parte da sociedade:

E: Tu acredita que utilizar trabalhos voluntários é uma boa forma de resolver os problemas sociais?

I: É o começo cara, eu acho que já é um bom começo assim, tu usar os voluntários para fazer uma parte que as vezes nem precisava ele ser voluntário, eu acho que o governo deveria fazer isso aí, criar lugares também que nem praças não tem né cara, praça na Ícaro [uma das principais ruas do bairro grifo meu] só quem é que vai ir daqui, ninguém vai ir lá na Ícaro, caminhar daqui até lá daí ir lá e depois ter que voltar embora, acho que eles deveriam ter criado lugares pra pessoa ter o lazer ali dentro ter segurança, ter alguém cuidando, ter material pra as pessoas brincar, pra criança brincar no caso, as mães trazer os filhos né numa pracinha, eu acho nem tanto deveria ser um voluntário, eu acho que deveria ser um trabalho com pessoas que recebessem como se fosse um trabalho..acho que deveria ser assim

E: Tu acha que o lazer das pessoas, ele é responsabilidade do governo? Porque tu acha isso?

I: Também, também! Porque quando a gente paga imposto a gente paga pra isso também né, paga pra ter um lazer, só que não é feito.(Mateus)

Ao fazer algumas proposições sobre o lazer, Mascarenhas (2005) faz referência à utilização de trabalhadores voluntários dentro de uma estratégia por uma pedagogia crítica do lazer, para ele, está perspectiva lida necessariamente com o engajamento de voluntários. No entanto isso não pode justificar a dispensa da figura do educador profissional.

Acredito que esta colocação esteja se opondo o que preconiza Marcelino que afirma que “para a busca da ligação entre a ação técnica e a base da população, minimizando os riscos da atuação dos especialistas, é **necessário** o trabalho voluntário” (2003, p.15)

A diferença conceitual entre os dois autores é que para Mascarenhas o engajamento voluntário faz parte de um processo e que para Marcellino ele é fundamental para fazer uma ação específica dentro do processo que ele idealiza, ou seja, acredita que as políticas públicas de lazer devam contar com trabalhadores voluntários.

Acredito que, embora as políticas públicas de direitos sociais voltadas ao esporte e ao lazer possuam uma série de contradições sejam elas internas (dentro do local que elas acontecem), ou externas (da relação entre local e global). O que não se pode perder de vista é para qual direção elas estão levando as ações públicas. Pensar em políticas públicas é compreender necessariamente que estas ações são permeadas por interesses contraditórios e por correlações de poder desproporcionais. Logo sempre existirão distorções entre teorias e proposições e a suas aplicações práticas, pois no momento em que um determinado pensamento começa a ser implementado ele é mediado pelas pessoas que por sua vez são constituídas pelo processo cultural com o qual se relacionam.

A partir do que foi relatado acima, no caso do Escola Aberta de Novo Hamburgo, embora quem administre o repasse do Ministério da Educação seja a APEMEN, uma associação que poderia ser enquadrada enquanto organismo da sociedade civil, de fato quem faz a gestão dos recursos é a diretora da escola:

Então esta comunicação existe entre eu e os oficinairos, e quando eu preciso de algum material eu entro em comunicação com a diretora da escola e ela permite que eu vá então dentro das necessidades que precisam, conforme vem a verba eu faço as compras pra que não falte nenhum material no final de semana (Simone).

Quem trabalhar com educação com o tempo vai descobrir. Ah mas tem reunião de APEMEM uma vez por mês, vai dois ou três pais, vai o diretor da APEMEM que geralmente copta com o diretor da escola. Te dou um exemplo, em várias escolas que eu chego, e vejo como é o processo de pagamento de uma compra simples, o talão de cheque está assinado pelo presidente da APEMEM, porque o PDDE, que o programa de dinheiro direto na escola especificamente do programa escola aberta, o programa de dinheiro direto na escola aos fins de semana, é na conta da APEMEM. Quem assina a conta da APEMEM? Presidente da APEMEM e a diretora. Com quem fica o talão de cheque? Com a diretora com todos os talões assinados. Então ela compra o que quiser como ela bem entender e no final do mês em uma prestação de contas... e em muitas vezes o presidente da APEMEM até semi analfabeto é, temos muitos casos destes, então o poder ainda está na mão da diretora da escola.(Marcelo)

Desta forma, é importante pensar que não existe de fato uma entidade da sociedade civil administrando os recursos do Programa Escola Aberta. Todos os

recursos são administrados pela tutela dos diretores de escolas e os mesmos são cargos de confiança do gestor municipal de educação. Ou seja, não existe uma coerência interna para caracterizar estas ações como neoliberais ou de terceira via.

Porém, não é por não enquadrar estes movimentos dentro de categorias estabelecidas pela teoria que as mesmas deixam de ser inconsequentes. É possível afirmar que esta flexibilização do trabalho proporciona aos governos um envolvimento de uma quantidade de pessoas maior se comparado a uma forma de contratação regida pelas leis trabalhistas. Como desdobramentos destes fatos, temos uma expansão do Estado, ou seja, ele de forma precária, passa a se relacionar com um número cada vez maior de pessoas com um discurso de garantia o acesso que, além de questionável sob esse ponto de vista, também é bastante discutível quanto à sua qualidade.

O que se pode observar dentro do Programa Escola Aberta, é uma combinação de elementos teóricos. Se por um lado observamos um repasse da responsabilidade para a sociedade civil, o que estaria alinhado com a dimensão da terceira via, por outro lado o mesmo exerce um controle de tal forma que possui meios de gerenciar as atividades produzidas pela sociedade civil. Se por um lado proporciona um espaço de lazer que a população nunca tivera antes (o que se enquadraria em uma perspectiva keynesiana), por outro, o faz de forma precária, o que estaria articulado com as movimentações neoliberais de sucateamento do Estado. Se por um lado faz o controle dos programas através do domínio sobre os recursos financeiros, por outro este controle não é eficaz o suficiente para implementar as mudanças ideológicas que preconiza.

Estas são contradições encontradas no campo e que, ao contrário do que aponta Santos (2007) não constitui uma práxis⁵⁸, no sentido oferecido por Gramsci (1981)⁵⁹, mas sim, são fundamentos significativos para compreender as

⁵⁸ Para a autora: o programa Escola Aberta a cultura, o esporte e o lazer fazem parte de uma **práxis** de política pública que toma contornos locais, neste sentido vai tomando uma forma específica das diferentes escolas em que esta inserido, assumindo a identidade cultural dos diferentes espaços sociais. (SANTOS, 2007 cbc recife)

⁵⁹ Para Gramsci: Uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente, e portanto antes de tudo, como crítica do “senso comum” (GRAMSCI, 1981, p.18).

dinâmicas que conduzem o Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo, tendo o voluntariado como estratégia.

Para finalizar este capítulo retomo a reflexão de Melo a respeito da obra de E.P. Thompson:

Criticando o determinismo, o reducionismo economicista e o racionalismo excessivos de algumas interpretações marxistas, Thompson pretendeu resgatar uma tradição do marxismo onde o sonho, a fantasia e o desejo, até mesmo a partir de uma compreensão estética, pudessem ser ressaltados e resgatados. Crítico de maniqueísmos e de uma compreensão coreografada na qual o bem iria para a esquerda e o mal para a direita, para Thompson razão e desrazão são limítrofes. Parece sugerir algo mais sutil: um racionalismo mais sensível (MELO, 2001, p.10).

Neste sentido, o que pretendi com expressar neste capítulo foi uma reflexão a partir do campo, procurando compreender estas políticas públicas como o resultado de um processo histórico e cultural no qual as pessoas envolvidas no programa são os protagonistas deste fenômeno social denominado Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo.

7. Considerações Finais

Quando se está escrevendo uma dissertação, uma das coisas que se espera desta situação é que o resultado deste esforço, seja algo maior do que garantir um requisito parcial para a conquista do título. O que se espera é que o conhecimento produzido por este empreendimento seja capaz de alcançar outras pessoas, auxiliando-as a modificar de alguma forma seu entendimento do mundo e sua vida cotidiana.

Foi com este propósito, que foi traçado o seguinte objetivo: **compreender os significados do trabalho voluntário e seus desdobramentos nas políticas públicas de acesso ao esporte e lazer dentro do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo.**

Sem possuir a pretensão de ter captados e interpretado **todos** os significados de trabalho voluntário, no espaço estudado, esta dissertação apresentou reflexões sobre uma realidade que possui suas características particulares, mas que, muitas delas se assemelham a outras realidades periféricas do Brasil, uma vez que o Programa Escola Aberta é uma política pública que ocorre nacionalmente.

Compreender as especificidades da cidade e de seu esporte foram o ponto de partida para situar a pesquisa dentro de um contexto relacionável com as bases teóricas selecionadas e com as práticas observadas e relatadas. Pelo fato de eu ser *nativo*, este movimento possui uma motivação especial: ao procurar entender o esporte de minha cidade, estava, compreendendo um pouco mais das práticas com as quais venho me relacionando em boa parte de meu processo de socialização. Porém, ao buscar autores do campo da história, ficou evidente a necessidade de crítica ao discurso “germanocêntrico” que toma conta dos meios de comunicação da cidade e de boa parte das elites dirigentes da mesma. A necessidade de se afirmar que o processo de migração da década de 1980 foi fundamental para entendermos a cidade de hoje, se reitera em função de que são

estes migrantes e filhos de migrantes os principais responsáveis pela ocupação e pelo gerenciamento do programa na cidade.

O fato de que durante este processo histórico, os espaços de lazer públicos sempre foram de menor importância simbólica dentro desta cidade de colonização alemã e as sociedades e clubes os espaços privilegiados de convivência. As modificações da cidade trouxeram junto a falta de planejamento e de valorização de construções de praças e espaços públicos de convivência, bem como da inexistência da realização de políticas públicas que ocupem os poucos espaços existentes.

O Programa Escola Aberta encontrou, em Novo Hamburgo, esta realidade e sua utilização é significativa no sentido de valorização deste espaço pela comunidade e de as práticas esportivas estarem presentes em todas as vinte e cinco escolas que operam o programa. Em função destas demandas e do fato dele se pautar pela utilização de trabalho voluntário, é que procurei estes espaços como lugar de onde produzi as informações para a construção desta pesquisa.

As especificidades deste programa são pautadas pela existência de alguns elementos que foram objeto de minha análise durante o processo de entendimento deste universo empírico. Entre eles, enalteço as relações da formulação teórica do programa com pensamentos político-econômicos bem identificáveis em sua intencionalidade e concepção de mundo. Porém as relações entre a formulação do programa e a prática observada e narrada pelos informantes, demonstrou o quanto existem encontros e desencontros conceituais e práticos, quando em um mesmo espaço de intervenção cultural se juntam pessoas que acabam constituindo uma diversidade social.

Ao tratar das identidades de trabalho voluntário tratei das representações que os agentes sociais possuíam de sua condição de trabalhadores voluntários. Neste contexto, foi possível observar que, embora exista um consenso com relação à existência jurídica do voluntariado, as noções de trabalho voluntário são muito amplas e distintas para as pessoas que são as protagonistas deste programa. Esta dimensão jurídica estabelecida pelo termo de adesão e pela lógica de repasse de dinheiro é fundante para o entendimento do que é o trabalho voluntário nos dias de hoje.

Ainda com relação as identidades foi possível relacioná-las com elementos teóricos existentes como as dimensões de caridade, militante e do novo voluntariado. Embora haja uma hegemonia da noção de novo voluntariado a dimensão caridosa ainda é muito presente e a noção militante não foi percebida. Na relação entre voluntariado e a cultura foi possível fazer o diálogo entre as tradições germânicas de voluntariado e os contrastes dela com a cultura dos migrantes da década de 1980 e o voluntariado difundido pelos meios de comunicação.

Refleti, ainda, sobre a condição voluntária dentro de um programa governamental e a sua pretensão de dar conta do atendimento de direitos sociais para a população mais carente.

No capítulo do esporte, fiz uma reflexão sobre a importância que o esporte possui dentro do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo, e que, elas não são homogêneas, isso é, existe uma diversidade nas manifestações esportivas dentro do programa.

Analisei, também, o fato da população se apropriar deste espaço, que se destina a um amplo escopo de benefícios, como um espaço prioritariamente de lazer. Estudei ainda outros fenômenos como as lógicas de diminuição de violência e de inclusão social.

No capítulo em que trato das políticas públicas procuro fazer uma contextualização do Programa Escola Aberta, enquanto política pública para posteriormente compreender o trabalho voluntário como uma estratégia governamental que não é ineficaz. O trabalho voluntário possui reflexos nas lógicas de continuidade, formação e qualificação, consolidando uma dupla precariedade, a do atendimento e a do trabalho.

Tratei ainda das lógicas de controle entre sociedade civil e o Estado no andamento do trabalho voluntário dentro do programa. Fiz algumas considerações sobre o papel do Estado na manutenção de políticas públicas de esporte.

Além disso, as movimentações intelectuais deste mestrando sempre apontaram para um esforço de fazer o diálogo entre o conhecimento local e o global, entre o político e o econômico, entre o cultural e o ontológico.

Outro elemento a se ressaltar são os investimentos de expectativa, de tempo, de dinheiro, de preocupação, de disciplina, enfim investimentos de vida que a confecção de um estudo deste porte exige do autor e de seus familiares

Este estudo se encontra dentro de um contexto coletivo de produção de acadêmica, assim é imperioso enfatizar que a forma como foi feita esta dissertação é um exemplo de construção coletiva de conhecimento, pois como apontam os epistemólogos da aprendizagem interacionistas o conhecimento se constrói nas relações. Sem a possibilidade dos debates, seminários, trocas de leitura, reuniões do grupo de pesquisa, churrascos na casa do orientador, bancas entre outras atividades, com certeza este estudo seria muito mais frágil do que ele é hoje.

E é a partir da exaltação do grupo de pesquisa, que começo a fazer minhas reflexões finais, um pouco mais desaprendidas da necessidade referenciar autores e ao mesmo com mais impressões pessoais.

Alguns autores e grupos de pesquisa se preocupam em delimitar um referencial teórico, quando não um autor, e a partir desta forma de olhar o mundo chegam a resultados mais ou menos iguais. Para estes grupos, a teoria deixa de ser uma ferramenta metodológica e passa a ser o ponto de partida e o ponto de chegada dos trabalhos científicos. Quando ingressei no GESEF (Grupo de Estudos Sócio-Culturais da Educação Física) me deparei com um fenômeno que não me parecia ser coerente, encontrei *marxistas, pós estruturalistas, estruturalistas bourdianos, dispocionalistas lhaireanos, etnógrafos geertzianos, configuracionistas elisiianos*, enfim uma diversidade teórica.

O que me passou despercebido, no primeiro momento, é que para este grupo, as teorias são um meio. O ponto de partida e de chegada é o universo empírico. Desapegar-se do porto seguro, da teoria que explica as coisas e começar a passar a duvidar da capacidade onipresente destas teorias foi um duro exercício, que ao final de algumas crises, acabou trazendo outros elementos para a dissertação, elementos estes surgidos do campo analisados a partir do campo , porém sem desprezar a teoria.

O que foi pretendido durante todo o tempo de planejamento, produção de dados e redação desta dissertação foi fugir de algumas simplificações que poderiam ser tratadas como armadilhas teóricas, como por exemplo, as análises

classificatórias que buscam enquadrar ações concretas em conceitos previamente determinados, como o trabalho voluntário ou o neoliberalismo.

Em diversos momentos da dissertação, procurei tratar um embate forte com relação a estas análises classificatórias mais generalizantes. Porém após me deparar com todo o esforço de análise dos dados, algumas perguntas continuam a persistir: Existe um novo voluntariado? O Voluntariado pode ser compreendido como um espaço orgânico de luta social? Quais as consequências deste alargamento do estado? Existe terceiro setor ontológico ou o mesmo é um constructo?

Embora estas perguntas possam ser consideradas desafiantes, não possuo a pretensão de respondê-las neste momento. Acredito que elas e muitas outras que surgirão do processo de debate de meu trabalho suscitarão muitas outras perguntas, que deverão ser objetos de novas publicações e de novos estudos de minha parte e de quem mais se interessar sobre o tema.

Quando iniciei a aproximação a este tema mantive o diálogo com pessoas que falavam que a ideia de estudar o trabalho voluntário sem dizer se era contra ou a favor era algo que repercutiria mal dos dois lados do muro. O que posso dizer é que, ao me deparar com o universo empírico, ele se tornou muito mais complexo do que esperava e dividir os elementos entre os do bem e os do mal, significaria desprezar a riqueza e a beleza do microcosmo que é o Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo e seu trabalho voluntário.

8 Referências Bibliográficas

ARAUJO, Jairo Melo. **Voluntariado, Na contramão dos Direitos Sociais**. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Lia Pinheiro. **Significados do Terceiro Setor: de uma nova prática política à despolitização da questão social**. *in* SOCIEDADE E CULTURA, V. 9, N. 1, JAN./JUN. 2006, P. 173-186.

BOBBIO, Norberto. **O conceito de Sociedade Civil**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

Bogdan, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Ministério da Administração e Reforma do Estado (MARE). **Plano Diretor da Reforma do Aparelho de Estado**. Brasília, 1995.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Escola Aberta**. Brasília: MEC. 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean - Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. [1. ed.] São Paulo, SP: Papyrus, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2001. [5] p. (Coleção estudos ;20.)

CARABAJAL, Ademar Alberto. **Tem gente jovem atrás da máquina : a educação profissional em uma fábrica de calçados : um estudo de caso**. 2005. 164 f. : il. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2005. Ori.: Ribeiro, Jorge Alberto Rosa.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Sobre as relações sociais capitalistas**. LIMA, Júlio César França; NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Fundamentos da Educação Escolar no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006, p. 25 – 66. Debate (Caderno de debates, 2007).

CARDOSO, Ruth C. L. **Aventuras de antropólogos em campo ou como espaçar das armadilhas do método**. In: _____. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.

CARVALHO. **O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática social**. In: NETTO, José Paulo. Cotidiano: conhecimento e crítica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996

CASTEL, Robert. **Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social**. In: Balsa, Casemiro et al. (Org.). **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

DAMATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como ter antropológico blues**. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A aventura sociológica*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1987.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão - Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de Doutorado em Antropologia Social 2005. *Orientador*: Ruben George Oliven.

DESCARTES, René. **DISCURSO DO MÉTODO**. Versão eletrônica disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/> em 26/07/2009.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Uma sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2000.

FERNANDES, Luis. **A trama do neoliberalismo, Mercado, Crise e exclusão social**. In: GENTILI, Pablo; SADER, Emir. **Pós-neoliberalismo, As políticas Sociais e o Estado Democrático**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

FIGURIREDO, Maria Adélia Nunes. **A presença do voluntário na escola: o que muda? um estudo sobre duas escolas públicas no distrito federal e o**

projeto amigos da escola. 2003. Dissertação de Mestrado em educação pela Universidade de Brasília.

FONSECA, C. L. W. . "Família, fofoca e honra: a etnografia de violência e relações de gênero em grupos populares". Porto Alegre: Editora da UFRGS., 2000.

FREDERICO, Celso. **Cotidiano e arte em Lukács**. Estudos Avançados 14 (40), 2000.

GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação**. 3ª Edição. São Paulo: Cortez, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GEORGE, Susan. **Breve historia del neoliberalismo**: Viente años de economía de elite y las oportunidades emergentes para un cambio estructural. Conferencia sobre Soberanía Económica en un Mundo Globalizado. Bangkok, marzo 24-26, 1999.

GIDDENS, Antony. **A Terceira Via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIROUX, Henri. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GRAMSCI, Antonio, **Cadernos do Cárcere Vol. 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000^a.

GRAMSCI, Antonio, **Cadernos do Cárcere Vol. 3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000^b.

GRAMSCI, Antonio. **A Concepção Dialética de História**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 4ª. Edição, 1981.

GUAITA, Nicole Roessle . MORAES E SILVA, Marcelo. **O professor de educação física e o status social: o caso regulamentação da profissão**. Movimento. Porto Alegre, v.13, n. 01, p.131-149, janeiro/abril de 2007.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo**. In: Educação e Realidade. V. 22, n. 2, jul-dez/ 1997, p. 15-46.

HUGON, Paul. **História das doutrinas Econômicas**. 14ª ed. São Paulo: Atlas, 1985.

KEYNES, John Maynard. **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda: Inflação e Deflação**. 2ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

KLEIN, Rejane Ramos. **Educação e Voluntariado uma parceria produtiva. Dissertação de mestrado em educação**. Unisinos, São Leopoldo, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação**. Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

LANDIM, Leilah. **As Pessoas. Voluntariado, Recursos Humanos, Liderança**. Seminario “Filantropía, Responsabilidad Social y Ciudadanía”, CEDES- Fundación W.K.Kellogg, Antigua, Guatemala. 3-5 Abril, 2001.

LANDIM, Leilah. **Associativismo e organizações voluntárias**. In: Estatísticas do século XX. Rio de Janeiro, RJ : IBGE, 2003.

LUDKE, Menga e ANDRÈ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Pedagógica Universitária, 1986.

MAIA, R. C. **Sociabilidade: apenas um conceito Geral**, Belo Horizonte, n53, p. 4-15.

MANSKE, George Saliba. **Um currículo para a produção de lideranças juvenis na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e Esporte: para atuação e políticas públicas** Campinas: Papyrus, 2003.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade, Volume II**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MASCARENHAS, Fernando. **ENTRE O ÓCIO E O NEGÓCIO: teses acerca da anatomia do lazer**. Tese de Doutorado em Educação Física, UNICAMP, 2005.
Orientador: Professor Doutor Lino Castellani Filho

MATSUDA, Claudia Hayashi. **Estudo da satisfação dos voluntários engajados em entidades com área de atuação diversa, na cidade de Porto Alegre**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2002.

MAZO, Janice ; GAYA, Adroaldo Cesar Araujo . **As associações desportivas em Porto Alegre (Brasil): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira.** Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 6, n. 2, p. 205-216, 2006.

MELLO, Eliane de. **“Esses Alemão Têm Que Se Convencer Que Não Mandam Mais Na Cidade”:** Relações Entre Sociedade Receptora De (I)Migrantes Em Panambi Na Década De 1970. Dissertação de Mestrado. Unissinos: 2006. Orientador Martin Norberto Dreher.

MELO, Maercelo de Paula. **O chamado terceiro setor entra em campo: políticas públicas de esporte no governo Lula e o aprofundamento do projeto neoliberal de terceira via.** Licere (Belo Horizonte), v. 10, p. 1-35, 2007

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica.** In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. **O enfoque metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória.** In MOLINA NETO, Vicente e TRIVIÑOS, Nivaldo. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social : crítica ao padrão emergente de intervenção social.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NETTO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica.** 4 . ed. São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** In: _____ **O Trabalho do Antropólogo.** Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1996.

OLIVEN, Ruben. **A Parte e o Todo – a diversidade cultural no Brasil-Nação.** Petrópolis: Vozes, 1992, 13-29.

PAULANI, Leda Maria. **O projeto neoliberal para a sociedade brasileira: sua dinâmica e seus impasses.** LIMA, Júlio César França; NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Fundamentos da Educação Escolar no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006, p. 67 – 109. Debate (Caderno de debates, 2007).

PERONI, Vera M. Vidal. **Reforma do Estado e a tensão entre o público e o privado.** In: Revista SIMPE – RS, p. 11-33. Porto Alegre, 2007.

PERONI, Vera. **Políticas Públicas e gestão da educação em tempos de redefinição do papel do Estado**. Texto apresentado na Anped Sul, 2008 (CD)

PINHEIRO, Leandro Rogério. **Gestão de voluntários, ações em rede: análise de dois casos em Porto Alegre**. 2002. Dissertação de Mestrado do Programa de Administração de Empresas da UFRGS.

PINTO, Céli Regina Jardim, **A SOCIEDADE CIVIL E A LUTA CONTRA A FOME NO BRASIL (1993-2003)** . Sociedade e Estado, Brasília, v. 20, n. 1, p. 195-228, jan./abr. 2005.

PINTO, Leila Mirtes de Magalhães. **O Trabalho voluntário para o esporte e lazer em políticas públicas: problemas e desafios enfrentados**. In MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e Esporte: para atuação e políticas públicas Campinas: Papirus, 2003.

POCHMANN, Márcio. **Economia brasileira hoje: seus principais problemas**. LIMA, Júlio César França; NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Fundamentos da Educação Escolar no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006, p. 201 – 240. Debate (Caderno de debates, 2007).

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o Bloco Histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PRADO, Rosane. **Televisão, poderosa mas não tanto: cidade pequena, mulher e televisão**. In: ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patrícia (orgs). Imagens em foco: novas perspectivas da antropologia. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS; Editora da Universidade, 1999, p. 179-229.

RIETH, Fernando Bruno. **Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul: Uma Análise do Processo de mudanças ocorridas no período de 1999 à 2002**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano. Orientador: Marco Paulo Stigger.

RODRIGUES, rejane Penna. **Lideranças comunitárias que atuam no desenvolvimento de esporte e de lazer: voluntários de Porto Alegre**. In MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e Esporte: para atuação e políticas públicas Campinas: Papirus, 2003.

SAGRILLO, Daniele Rorato ; et al. **Políticas públicas de esporte e lazer: análise do programa esporte e lazer da cidade**. In: XV Congresso Brasileiro de

Ciências do Esporte II Congresso Internacional de Ciências do Esporte - Política Científica e Produção do Conhecimento em Educação Física, 2007, Recife. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte II Congresso Internacional de Ciências do Esporte - Política Científica e Produção do Conhecimento em Educação Física. Recife, 2007.

SANTOS, Laurecy Dias dos. **Programa Escola Aberta e juventude: uma prática de esporte e lazer na escola pública.** In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Recife : EDUPE, 2007

SELLI, L.; GARRAFA, V.: **Solidariedade crítica e voluntariado orgânico: outra possibilidade de intervenção societária.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 13, n. 2, p. 239-51, abr. - jun. 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Fundamentos ético-políticos da educação no Brasil de hoje.** LIMA, Júlio César França; NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Fundamentos da Educação Escolar no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006, p. 289 - 320. Debate (Caderno de debates, 2007).

SCHEMES, Claudia. **Pedro Adams Filho** : empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935). 2006. 446 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2006.

SCHNEIDER, Sérgio. **O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento.** In COSTA, Aquiles; PASSOS, Cristina. A indústria Calçadista no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Editora Unissinos, 2004. p.25-49.

SILVA. Andréa Freitas da. Trabalho Voluntário. **Considerações sobre dar e receber.** Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/ UFRJ. 2006. Dissertação de mestrado.

SILVA, Mauro Sérgio da; BRACHT, Valter. **Intervenção profissional durante a formação inicial: contradições e possibilidades das experiências docentes precoces em Educação Física.** Motrivivencia. Ano.XVII, nº 25, Dezembro/2005.

SOUZA, Dileno D, L. **Organizações Não-Governamentais: um estudo de caso sobre a Federação de Órgãos de Assistência Social e Educacional – FASE**. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS. 2005. Tese de doutorado.

STAREPRAVO, Fernando Augusto . **Políticas públicas para o esporte e lazer: conselhor municipais de esporte e lazer e outras formas de participação direta**. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007, Recife. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.

STIGGER, Marco Paulo. **Administração de Parques Públicos e Democracia: um estudo de caso na área de políticas públicas para o lazer numa perspectiva democrática. 1992**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1992.

STIGGER, Marco Paulo; KOWARA, Cíntia Maria; SEHNEM, Magda Bonato. **Cultura corporal no espaço público: uma experiência da extensão universitária na área do lazer**. In: **Utopia & ação**. Revista da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, Ano 1, nº 2, p. 159 – 178, Nov/1996.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, Lazer e Estilos de Vida – Um Estudo Etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

STIGGER, Marco Paulo et al. **O esporte na cidade. Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (Org.). **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola**. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2009

TAFFAREL, Celi Zulke. **Desporto Educaional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas**. Movimento - Ano VII - Nº 13 - 2000/2.

THOMASSIM, Luis Eduardo Cunha. **Os Sentidos da Exclusão Social na Bibliografia da Educação Física Brasileira**. In: Movimento. Porto Alegre, V13, n1, p. 151-177 jan/abr 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. **Os Românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TORRI, Danielle; ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez **Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no**

esporte escolar. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.3, p. 499-512, set./dez. 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciencias sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Alexandre F. **Regulamentação da “profissão”: desejos e mal-estares.** Movimento, Porto Alegre, v. 3, n. 14, p.20-27, jul.2001.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar.** In: _____, Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 6º edição, 1999.

VERONEZ, Luiz Fernando Camargo. . **O planejamento governamental e o orçamento do setor esportivo.** In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Recife : EDUPE, 2007

VIANNA, J.A e LOVISOLO, H. **Esporte educacional: A adesão dos sujeitos das camadas populares.** In: FIEP Bulletin, vol. 75 – Special Edition – Article – I, p.487-490, 2005.

WINKIN, Yves. **Descer ao campo.** In: _____ A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Papyrus Editora, Campinas, 1998, p. 129 – 145.

ZALUAR, Alba. **Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas.** In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.

9. Apêndices

A primeira introdução do Projeto de Pesquisa

Houve um incêndio na floresta, enquanto todos os bichos corriam apavorados, um pequeno beija-flor ia do rio para o incêndio levando gotinhas de água em seu bico. O leão, vendo aquilo, perguntou para o beija-flor:

- Ô beija-flor, você acha que vai conseguir apagar o incêndio sozinho?

E o beija-flor respondeu:

- Eu não sei se vou conseguir, mas estou fazendo a minha parte.

Esta história todo mundo conhece, a próxima parte foi apagada dos livros por algum concílio vaticano perdido no tempo.

Embora a comunicação não fosse muito boa, outros pássaros ficaram sabendo da aventura do beija-flor e decidiram fazer a mesma coisa. Ao norte da floresta um beija-flor verde fazia a sua parte, no leste um pelicano fazia a sua parte e assim em todos os cantos da floresta algum animal tentava fazer a sua parte. Foi quando o porco convidou a todos para uma assembléia geral extraordinária tendo a seguinte pauta:

- 1. Compreensão dos motivos subjacentes à questão do incêndio.*
- 2. Organização das frentes de urgência do combate ao incêndio.*
- 3. Eleição de uma comissão de gerenciamento ao combate do fogo.*

E foi então que no meio de todo o caos que o porco abre a assembléia da seguinte forma: "camaradas animais, a exploração do bicho-homem sobre os recursos naturais vem oprimindo nossa existência, cortam as árvores com os ninhos dos beija-flores; queimam as pastagens que alimentam os antílopes que por sua vez alimentam os leões. Chega de poucos dominarem nós, que somos muitos, nós precisamos nos apoderar dos meios de destruição e definitivamente colocá-los ao uso de nós, coitados animais proletariados. Sem nós o bicho-homem não sobreviveria".

Foi então que o beija-for da história falou: “pessoal acho isso muito bom, mas precisamos apagar o incêndio antes que ele acabe com a assembléia”.

O elefante falou: “eu vou começar apagando o incêndio pelo sul, pois lá é mais perto do rio e é mais fácil de jogar água com a tromba de dentro do rio”.

A toupeira falou: “vou cavar um túnel até o meio da floresta então jogamos água no túnel e apago o incêndio de dentro para fora”

Os outros animais foram dando suas contribuições até que o porco voltou a falar: “concordo plenamente com o camarada beija-flor precisamos de uma ação imediata, porém ela precisa ser coordenada, pois nada adianta jogar pingos de água no incêndio, nosso ataque ao calor precisa ser como uma grande enxurrada. Tenho a seguinte proposição: as aves pequenas serão encarregadas de fazer o primeiro ataque jogando água de seus bicos; os mamíferos devem entrar e sair do rio com a água na boca e ir resfriando o solo para que não volte a pegar fogo; as grandes aves farão o transporte de mantimentos, os répteis cuidarão dos enfermos e os anfíbios cuidarão da retaguarda”.

Foi então que o gato falou: “mas seu porco eu terei que entrar no rio?”.

E o porco responde: “Não se pode fazer um omelete sem se quebrar os ovos”.

Os animais já estavam indo para seus postos quando o porco falou para os que ainda estavam na assembléia: “em função da urgência fica nomeada a comissão de gerenciamento de combate ao fogo os seguintes integrantes: eu porco como presidente, o beija-flor como tesoureiro e o chimpanzé como secretário. Coloca isso em ata chimpanzé”.

Todos os animais cumpriram com a organização e com a ajuda de uma chuva de verão. Ao final de dois dias conseguiram acabar com o fogo. Foi então, que em nova assembléia o porco falou: “Ficou muito claro, que quando nós animais proletariados, conseguimos unir esforços, podemos enfrentar o bicho-homem e nos libertar das garras da exploração de nossa força de trabalho, declaro a partir de hoje fundado o governo independente democrático dos animais da floresta, e como primeira ação faremos uma barreira no limite da floresta, para que o homem não possa entrar e que nenhum filhote desavisado seja entregue às presas famintas de nossos algozes. Os javalis farão à guarda da barreira e

somente poderão entrar e sair com autorização deste governo que zelará pela segurança de todos”.

Os animais ficaram animados: “agora nunca mais o homem nos importunará” disse o leão. “Vou poder dar meu leite somente para meus filhotes disse o búfalo” e todos os outros animais acharam a organização em grupo um grande avanço.

O tempo foi passando e o governo cada vez mais assumia responsabilidades para com os animais, porém cada vez mais os bichos ficavam dependentes do governo. Os poucos animais que tentavam fugir para fora do cerco desapareciam e muitos rumores sobre seus paradeiros circulavam na pequena política, que era escamoteada da bicharada. Segundo os porcos, animais fugitivos eram comidos pelos humanos. E estas declarações, causavam um verdadeiro alvoroço dentro da floresta.

Foi quando algumas aves de fora da floresta começaram a sobrevoar as redondezas. A águia de cabeça branca e o falcão vinham de limites externos e falavam da maravilha que era viver do lado de fora da barreira. Falavam que existiam lugares onde os homens cuidavam dos animais e que nestes lugares desde que se trabalhasse do raiar do sol até o anoitecer os animais tinham direito de receber alimento e segurança para criar seus filhotes. Falavam ainda que o governo dos animais não precisava cuidar dos bichos, pois as trocas com os humanos através de um negócio que eles chamavam de “livre mercado” resolveriam todas as necessidades. Outra maravilha que eles comentavam é que lá fora não precisava ser amigo do porco para conseguir um cargo importante, pois a livre concorrência daria oportunidades a todos. Desta forma homens e bichos não seriam mais inimigos e sim seres vivos que cooperariam em prol um do outro.

Pois bem, de tanto a águia e o falcão propagandearam o fim da barreira da floresta, um certo dia animais de dentro, animais de fora e o homem destruíram a barreira. A primeira coisa que o homem fez foi fazer um porco assado, e em seguida começou o cadastramento e classificação dos animais para as tarefas em comum. Foram separados em três grupos: os que podiam ser úteis ao trabalho do homem, os que eram bonitos e graciosos e deveriam fazer companhia ao homem e aqueles que ele não via utilidade.

Para os primeiros, o regime propagandeado pelas aves de rapina era verdadeiro, porém não foi dito que eles perderiam a liberdade de escolher em que queriam trabalhar, também foi lhes negado a divisão do produto de seu trabalho. Outro fato que foi omitido é que a comida era uma gororoba marrom que não tinha gosto. Havia também, ataques terroristas de outros animais rebeldes como no famoso ataque do galinheiro gêmeos proporcionado por algumas raposas suicidas.

Para os belos sobrou uma entediante vida de paparicação, onde se humanizava os animais, muitas vezes os mutilando como cortando orelhas ou cordas vocais, estes também perderam a liberdade vivendo dentro de casas empilhadas que são mais altas que as nuvens, e definitivamente deixaram de produzir para a coletividade.

E o terceiro grupo, os que não serviam para nada foram jogados em um pequeno bosque do lado da fazenda, estes mantiveram a liberdade, porém suas condições de vida são cada vez mais precárias, pela falta de recursos naturais (muitos deles sonham em morar na fazenda) para este grupo foi atribuído o nome de excluídos da sociedade animal. A vida destes não era nada fácil, pois tinham que conviver com a poluição, o esgotamento das fontes naturais e eventualmente o humor de um humano sádico que queria caçá-los para devorá-los.

Eis que então alguns fenômenos acontecem, animais com grande aptidão física começaram a praticar esportes, e por consequência deste passam do terceiro grupo para o primeiro. Estes animais de origem selvagem ganham o mundo com seus feitos, e é então que eles resolvem em um ato de caridade tentar dividir com seus companheiros de floresta a oportunidade de se envolverem com os humanos. É assim que surge o bicho voluntário do esporte, que é o animal que possui a responsabilidade sócio-animal e que quer levar a inclusão humano-social a todos os animais sem utilidade.

Percebendo este movimento, o homem, incentiva estas ações ajudando com alimentação e material de treinamento para os bichos instrutores. Porém, ao contrário do que o porco fazia, o homem deixava que os próprios animais decidissem que rumos deveriam tomar as ações voluntárias. E assim, pelo julgamento dos melhores projetos o homem decidia qual projeto de voluntariado

deveriam auxiliar e proteger. Para conseguir os auxílios do homem os voluntários tiveram que atingir a excelência no planejamento, controle e resultados de suas ações voluntárias.

Para gerir estas ações o homem inventou um negócio chamado terceiro setor, que não possui as obrigações do governo, mas que preenche as lacunas do que o estado pesado e ineficaz não consegue dar conta. Utilizando-se de ferramentas empresariais de administração organiza ações públicas. O que os seres humanos não gostam de admitir é que junto das ações sócio-animais estão imbricados valores que não são da discussão pública, mas sim dogmas compreendidos por estas organizações.

Logo começaram a surgir vários tipos de voluntariado tão diversificados que às vezes se torna impossível saber quem é ou não voluntário, porque se multiplicaram os tendendimentos de voluntariado, assim como a vontade de ajudar o outro se manifesta de forma variada.

Ao ver toda esta parafernália de ideologias, discursos e políticas públicas estatais e privadas, o beija-flor olhou para o tico-tico que estava ao lado e falou: “mas eu só queria fazer a minha parte e tentar apagar o incêndio”.

Observações interessantes:

1. Quando o porco assumiu o poder enviou o beija-flor para o lado congelado da floresta para que ele refletisse sobre o individualismo de sua ação e que da próxima vez ele procurasse o governo para seguir as ordens da coletividade.

2. Com a queda do regime, o beija-flor foi considerado sem utilidade e enviado para o bosque, porém um menino armou uma arapuca e o prendeu em uma gaiola onde atrofiou as asas e agora não consegue mais voar parado.

3. O beija-flor é hoje um animal que vive de contar histórias e muitos outros realizam trocas pelo prazer de escutar suas alegrias e lamentações.

4. O beija-flor se considera desinteressado pelas recompensas de seus atos, porém ele não é indiferente a elas.

Exemplo de transcrição de entrevista Semi Estruturada

Entrevista Vinicius - coordenador escolar

Entrevistador: Gostaria que o senhor falasse pra nós a sua idade, sua escolaridade e sua formação profissional.

Informante: Tenho 50 ano, primeiro grau completo e sou formado como detetive particular.

E: Detetive particular, e o senhor tem essa atuação de detetive durante a semana ou não?

I: Não.

E: Durante a semana qual a ocupação que o senhor tem?

I: A minha ocupação é com o serviço de agricultura. É trabalho com agricultura.

E: E o senhor vai pra...?

I: É eu tenho no interior do estado uma propriedade né onde eu desenvolvo o serviço de agricultura né.

E: E o senhor vai toda a semana pro interior?

I: Não, eu vô uma vez por mês né, dependendo da necessidade.

E: E aí durante o resto do tempo o senhor fica aqui em Novo Hamburgo?

I: Eu fico em Novo Hamburgo porque tenho propriedade também em Novo Hamburgo e tá em fase de construção né, então tem que acompanha o serviço né, com pedreiros, obras né, daí eu fico durante 3 semanas em Novo Hamburgo, daí tiro uma semana de folga e vou pro interior.

E: E o senhor tá em Novo Hamburgo desde quando? O senhor é de Novo Hamburgo?

I: Eu sou natural do município de Severi, no norte do estado né, estou desde de 10 de setembro de 1980 resido em Novo Hamburgo.

E: E o senhor veio pra Novo Hamburgo em busca de emprego?

I: É, em busca de melhores condições né. A gente trabalhava na agricultura e tinha poucos hectários de terra né, então a família grande, o mais velho da família sempre acabava saindo né pra deixar espaço pros mais novos, irmãos mais novos e hoje eu tô com a família formada em Novo Hamburgo né.

Tenho 3 filhos, então tô retornando a agricultura novamente pra deixar o espaço pros filhos aqui na cidade.

E: E o senhor quando chegou em Novo Hamburgo trabalhou em fábrica de sapato ou não?

I: Não, eu trabalhei em vigilância né, eu tenho mais de 12 anos de serviço de vigilância né que me deu, como se diz assim, a inspiração de seguir estudando na área de segurança né, foi a onde eu consegui fazer uma formação né, que é um profissão que eu não exerci profissionalmente até hoje né. Mas eu tenho, como se diz, todo o conhecimento de um detetive, faço muito serviços assim, explico pra colegas, pessoas conhecidas como é que deve se usar, mas sem remuneração nenhuma.

E: E o senhor tá aqui no Escola Aberta da escola desde o inicio?

I: É porque o Escola Aberta começou nu município uns mês antes, nós começamos aqui a 3 anos e quatro meses atrás né, só que foi em novembro e em setembro começou em outros colégios do município. E nós ficamo um pouco sem te melhor informação do projeto, então a gente perdeu uns 3 meses do início aí mesmo né mas.

E: E como é que foi o inicio aí do programa?

I: O inicio foi passado por uma ex-diretora né pra nós e já perguntando se eu gostaria de coordenar. Eu tirei melhores informações a respeito do projeto e achei que era viável pra nossa comunidade que é muito carente né, e a onde muitas crianças estão praticamente se perdendo né em diversos tipos de drogas e tal. Então, e o colégio tem a quadra de esportes que funciona desde inauguração à 21 anos né. Mas ele funcionava com horário pago né, aí com o projeto voltado a comunidade eu achei que seria viável nós abraçarmos esse projeto pra trazer essa juventude pra participar do esporte sem o custo né. Recadando está verba que vem do ministério do esporte, ministério da educação e da Unesco né, todos os ministérios envolvidos neste projeto. E estou qaqui a 3 anos e 4 meses e com muito orgulho, por exemplo de ser indicado né.

E: Mas a comunidade abraçou o programa desde o inicio ou no início foi mais difícil?

I: O inicio foi. Nós começamos no inicio com 12 oficinas né porque a comunidade nossa aqui, o colégio tem mais de 1200 alunos né no diurno e

noturno, só que com o decorrer do ano foi surgindo outras atividades, por exemplo assim aqui no colégio como JUAD é uma parte duma igreja, então foi tirando muito os alunos das oficinas pra aquela e agente foi analisando as oficinas mais, que tinha mais movimento né. Então hoje nós temo com 6 oficinas né, e é as que tão funcionando né, a recreação, futsal no sábado, domingo manicure, vôlei, hip hop e temo criando, por exemplo agora, no inicio do ano mais uma de capoeira que foi paralisada em novembro do ano passado né, e agente tá esperando um oficineiro pra dá inicio novamente.

E: Então o senhor avalia que hoje o andamento do Escola Aberta é bom?

I: É bom porque não decaiu a quantidade de participante né, mesmo nas férias agora fim de ano, nós tivemos uma média de 100 alunos né que participou das oficina né e o livro de presença na portaria teve a média de 250 a 300 assinaturas de pessoas que vem né, acompanha né, visita o colégio. Então ele é um projeto que tá bom por enquanto.

E: Quais são as maiores dificuldades do Escola Aberta aqui da escola?

I: As maiores dificuldades no meu ver é a falta, por exemplo assim, da participação dos pais junto com nós, eu coordenador e os oficineiros na participação. É simplesmente eles trazem as crianças até a porta do colégio e vai ficar em tal oficina até determinada hora, mas eles não participam muito né. Então eu acharia que os pais deveria de, para incentivar, acompanhar também seus filhos aqui, têm futsal pra qualquer idade, têm vôlei, têm manicure, têm recreação. Não é só, por exemplo, pras crianças e os adolescentes.

E: Quais são, na sua opinião, as maiores virtudes do programa aqui na escola?

I: Ah as maiores virtudes pra mim é a educação, a conscientização dessas pessoas né que tão na marginalidade. Nós temos, na nossa comunidade muitas crianças por exemplo, perdidos nas drogas como no crack, é maconha, etc. Inclusive recentemente pelos noticiários a gente acompanhou né, a prostituição né infantil por exemplo, citando o nome do bairro né então, eu acho que deveria, como se diz assim, a participação como falei anterior dos pais é muito importante, porque aí ele trás o filho junto e acompanha. Assim muitas vezes o filho participa por exemplo, uma hora ou duas de uma oficina no projeto e

derrepente sai e o pai acha que ele tá aqui e não tá aqui na escola, no projeto e não tá em casa, tá andando né.

E: Pela rua, por aí.

I: É

E: O senhor abre mão de um tempo da sua vida, de coisas da família pra estar aqui. Então quais são os principais retornos que o senhor tem deste investimento de tempo? O que o senhor acha que são as coisas que o senhor ganha estando aqui?

I: Eu financeiramente não tenho assim um retorno muito, como se diz, digno pelo horário que eu trabalho aqui né, pelo tempo também que eu disponho. Eu ganho uma ajuda de custo né que se refere 240 reais. Mas o que me ajuda é o conhecimento, eu com essa Escola Aberta eu, nesse colégio em 2001 completei meu primeiro grau aqui, fiz em fim de dezembro de 2006 um curso de informática pela aldeia de canoas aqui também nesse laboratório nosso que me ajudou, então o convívio com as pessoas que ensinam e com a participação de outros projetos que se incluem na comunidade, eu vejo o quanto é importante mesmo não tendo por exemplo assim retornos financeiros. Mas eu ganho pra mim uma grande experiência.

E: E o senhor abre e fecha a escola?

I: Eu abro e fecho a escola e quando tenho um tempo ainda ajudo em algum servicinho que for necessário.

E: E o pessoal da comunidade já reconhece o senhor como uma pessoa do Escola Aberta?

I: Sim é, eu sou bastante conhecido porque além do colégio aqui, eu fui antes de ser da Apemem anterior de ser o coordenador da Escola Aberta... eu participei por 3 mandatos da associação de moradores fui 3 vezes fiscal da associação né, onde a gente convivia com a comunidade né, a respeito de limpeza e promoções né. Então tenho conhecimento e tenho, como se diz assim, um reconhecimento também, não só pelos pai mas por muitas crianças né, que hoje é mais fácil eles identificarem a gente do que a gente identificar eles.

E: E como é que o senhor se sente com esse reconhecimento?

I: Ah eu me sinto, como se diz assim, uma pessoa realizada. Se i passando, por exemplo em uma rua, e uma criança lá de cinco ano me chamá

pelo nome “o seu Vinicius”, muito me chamam de professor “o professor”, mesmo eu não sendo um professor né, mas pelo convívio aqui no colégio, pra eles criança me consideram e eu me sinto muito gratificante por isso.

E: E a sua família, o que pensa disso?

I: A minha família, devido desse meu trabalho voluntário, eles vem me seguido. Eu tenho um casal de filho que trabalha aqui né na Escola Aberta né, na oficina de vôlei e na manicure né, ajudando é, usado horários também, menos horas do que eu no caso, eles só 4 horas por dia, mais seguindo aquele meu caminho né.

E: Pela documentação do Escola Aberta todas as pessoas que trabalham no Escola Aberta são juridicamente consideradas voluntárias. A pergunta que eu te faço, existem voluntários no Escola Aberta ou não?

E: Existem essas pessoas por exemplo assim envorvida no trabalho né, que pra não te um vinculo trabalhista né é considerado voluntário. Eu como coordenar e a professora comunitária temos uma ajuda de custo fixa né no valor de 240 reais e os oficineiros tem uma ajuda de custo de 6 reais por hora, mas eles não podem fazer mais do que 4 horas em cada dia. Então são 4 hora no sábado e 4 hora no domingo. Inclusive eu não tenho aqui nenhum oficineiro que faça 8 hora por exemplo, dividido nos dois dia. É só 4 hora no sábado, quem trabalha sábado e quem trabalha domingo é domingo, já devido as despesas que muitos moram fora do bairro né, aí se torna caro o transporte, coisa que aquele valor não é o suficiente pra.

E: Mas o que é o trabalho voluntário pro senhor? Tirando o Escola Aberta de lado, o que é o trabalho voluntário?

I: Pra mim o trabalho voluntário é a pessoa participar por exemplo das entidade prestando os serviços de ajuda né à pessoas menos favorecido por exemplo, de menos conhecimento na função que derrepente tá sendo desenvolvida no bairro né, que a gente tem aqui no bairro muito carente, onde tem pessoas que não têm por exemplo conhecimento. As vez eles tão por exemplo com um projeto, um programa no bairro alí, mas eles não participam por que eles vee falar “tal projeto” “tal oficina” mas eles não simlam o que significa isso alí. Então a gente como voluntário chaga nessas pessoa e explica, leva o conhecimento deles o que aquilo, o benefício que trás a ele né, então nessa

maneira eu me sinto voluntário fazendo isso né porque tenho por exemplo o conhecimento dos beneficio que já serviram a muitos da comunidade né e faço isso com muito prazer né.

E: Os oficinairos aqui da escola, eles são os mesmos a muito tempo ou tem bastante mudança?

I: Agora no urtimo ano né de 2007, a gente teve uma sequênciã dos mesmo né. Logo no começo, devido a carênciã de muitas família né, começavam como funcionários, como voluntários e logo surgia um emprego né e eles me comunicavam que a partir de tal mês eles não poderiam mais trabalhar como oficinairo porque iam trabalhar numa firma ou num serviço que tinha um rendimento salarial né.

E: E as pessoas que são oficinairas tem outros empregos ou tem muito desempregado?

I: Tem por exemplo daqui da Eugênio, nós temo pessoas que trabalham em outros municípios né, eles trabalham de segunda a sexta em outras municípios, por exemplo Sapiranga né, no caso, o oficinairo Jorge do futsal e daí em sábado ele vem aqui né e acho que em domingo ele trabalha em outro colégio ainda aqui no município né. E mais as outras oficina, por exemplo, são desempregado né, eles ajudam, trabalham e tem apenas essa renda como...

E: E a formação dessas pessoas, o programa prevê que sejam estudantes universitários. Tem bastante pessoas com esse perfil ou não?

I: É nois temo por exemplo aqui na parte do futsal, é um professor de Física né, formado e o oficinairo de vôlei é um aluno né, um ex-aluno do colégio né, com primeiro grau completo, ele têm assim conhecimento de regras né do vôlei né e ajuda a guria que trabalha com ele né. É uma guria que estuda em outro colégio mas ela participa da On Line, ela joga na On Line e ela jogou tempo do Viva Volei através deste colégio né que era integrado entre a On Line e a prefeitura né, que pegava as crinaças aqui no colégio e levava dos 9 ano até os 12 e daí depois foi pra Ginástica de Novo Hamburgo ficou mais um ano, depois veio pra On Line de novo né, na área do vôlei né. Então ela tem esse conhecimento e é a assistente do rapaz no vôlei.

E: Agora queria fazer uma pergunta bem pessoal. A gente então sabe esse teu envolvimento todo com o Escola Aberta e com a escola, mas o que mais

te gratifica na tua participação aqui na escola? Quais são as coisas que acontecem aqui que o senhor chega em casa e fala assim: “hoje foi muito bom, estou feliz!”. O que tem que acontecer pro senhor falar isso?

I: O que acontece por exemplo assim, no colégio aqui, que eu chego e comento sempre com a minha família é quando os jogos de maior participação né que é do futsal e do volei né, corre tudo normal durante as quatro horas de cada jogo né. Sem uma discussão, sem uma teima que o oficineiro e eu mesmo acompanhando não vejo, por exemplo, aquele desentendimento entre um aluno e outro. Porque tem pessoas que participam que não são aluno da Eugênio, são de outros, são da comunidade né e aquele relacionamento que eles tem, por exemplo, através do esporte. Então isso me gratifica muito, porque eu hoje sinto saudade de futebol, que eu já fui jogador de futebol no interior do estado né, disputei campeonato municipal né, tenho saudade do tempo que jogava. Então acompanho e vejo né quanto é importante o esporte na vida de muitas crianças que muitas vezes não tem condições de pagar um horário pra joga, após as 17 horas né. Eles vêm no projeto jogam e saem e me perguntam.. “sábado vai ter tio, novamente o projeto” e eu digo “sim vai ter” “então sábado eu venho denovo”. Então isso aí me deixa, como se diz assim, com mais esperança de chegar o sábado pra vim, abrir o colégio e fico cuidando se aquela criança realmente vai voltar conforma prometeu né.

E: Qual a sua opinião sobre o senhor ser considerado voluntário mais receber ajuda de custo? O senhor acha que isso é uma coisa tranquila ou tem algum problema com essa situação?

I: Olha eu, essa ajuda de custo até hoje eu não pude entender mesmo assim, segundo as informação de reuniões com as coordenadoria né na prefeitura que a gente teve, eu sinceramente até deixei de ir nessas reunião por muito tempo, comuniquei a diretora que não ia mais nessa reunião né, porque fica muito longe de onde nois moremo né. E devido o horário é todas reunião feito a noite né. E eu digo eu sei o que tenho pra fazer no colégio, a minha responsabilidade e eu não vô lá. Se tive alguma coisa de errado no meu trabalho eles que me procurem né. Porque a ajuda de custo começou lá em baixo, por exemplo assim, por menos de R\$200 e depois foi subindo foi pra R\$220 e depois R\$270 e logo depois começo a caí de novo. Hoje tá em R\$240 e queriam nos dá de ajuda de

custo só R\$192 né, aí eu fui e falei “digo não se é pra mim trabalha, por exemplo assim, 4 ou 5 fim de semana, tira meu tempo que nem venho tirando a mais de 3 ano, por R\$ 190 então eu prefiro não quero nada né”, daí a diretora conversou com o pessoal da coordenadoria geral né e mantiveram aquele valor de R\$240 né que já tinham pagado um mês R\$240, daí mantiveram alí o valor.

E: E esses 240 reais são importantes pro orçamento familiar do senhor ou não?

I: É pra mim é importante né se, por exemplo, quando eu tô aqui em Novo Hamburgo né, que eu não tenho essa despesa de ir ao interior do estado, por exemplo Santana do Livramento, que eu pago R\$80 de passagem, só de Porto Alegre lá né, fora as despesas daqui a Porto Alegre e lá na cidade de Santana até no interior. Então se eu for usar esse dinheiro pra mim ir pro interior, ele não dá, dá pra passagem não dá pra mim me alimenta né. Mas como eu paro mais tempo aqui em Novo Hamburgo ele me ajuda. Ajuda pra pagar luz, paga água, então favorece nas despesas de casa cá família né.

E: O senhor acredita que utilizar trabalho voluntário é uma boa forma de resolver os problemas da sociedade?

I: Olha eu acredito que sim, se for bem utilizado né porque a gente tem muitas vezes pessoas que nós visitam e falam a respeito do projeto né, na rede municipal né, falam de certas...jeito cada um administra né. Eu acho que do jeito que nós aqui temos levando tem trazido benefício pra comunidade.

E: Agora a parte do Escola Aberta passou e agente vai falar um pouco mais sobre esporte. Qual na sua opinião é a importância do esporte pra sociedade? Pra que serve o esporte pra sociedade? O que o senhor acha desse tema?

I: Eu acho que o esporte pra sociedade como um todo né, ela serve pra se ter, manter amizade por exemplo entre as famílias. Porque devido o corre-corre que existe entre o dia-a-dia de cada um, tem muitos vizinho muitas vezes que mal as pessoas se cumprimentam, por causa que quando um tá indo outro tá chegando, não se tem aquele tempo né. E no esporte, na comunidade a gente vê muitas as vezes tirando um tempinho pra conversar, enquanto seus filhos jogam, eles estão ali conversando, proseando, levando o assunto por exemplo, que muitas vezes se

não fosse o esporte, a comunidade por exemplo não talvez aquele tempo seria perdido devido ao corre-corre de cada um.

E: O senhor acha que o esporte é importante pras pessoas, pras crianças? O esporte ele é importante? E porque?

I: É eu acho que é porque a criança, já além dele estudar por exemplo, ele se cria por exemplo sabendo respeitá o seu colega, sabendo respeitá o outro. A gente vê por exemplo assim oh, depois de uma Copa do Mundo, dum Campeonato mesmo Gaúcho ou Brasileiro, Copa do Brasil, quando saí o campeão por exemplo assim, as crianças já fazendo por exemplo comemoração e vem pros treno nos fim de semana já com a camiseta do time preferido, fazendo aquele divulgação né. E mesmo assim, mesmo com o colega falando a respeito da derrota um do outro, mas eles respeitam, porque sabem que é um esporte.

E: Existe práticas esportivas em 24 das 25 Escolas Abertas de Novo Hamburgo. Porque o senhor acha que isso acontece, ter tanto esporte no Escola Aberta?

I: Olha, eu acho que Novo Hamburgo por exemplo assim é, um município grande né, é um município assim de muitas comunidades carente, não só como a nossa aqui. E as criança mesmo, os pais verem através do esporte uma saída por exemplo para manterem a criança longe, como falei anteriormente, da perdição, das drogas, da prostituição né. Então eu acho que essa aí foi a meta, por exemplo, que a rede municipal se engano quase como um todo né, porque já vinha trazendo assim o convênio, fazendo parceria com outras entidades que nem eu citei antes a On Line né, que vinha ônibus na porta da escola pra leva os aluno e traz. Então isso ajudou a incentivar outros colégios, por exemplo, que não tiveram na época a oportunidade de te aquela participação. Eu felizmente, minha filha mais nova de 14 ano tá seguindo o vôlei devido essa oportunidade que teve né.

E: Qual é a importância do esporte aqui pra sua escola?

I: A importância do esporte aqui na escola, ela é importante porque nós temos assim muitos professores por exemplo assim, qualificado né, nessa área. A gente tem professor de capoeira né, têm de judô, têm futsal, temos duas professoras de física agora por exemplo assim atuante né. Tem mais uma ex-professora Cláudia que estava em outra área e agora está de retorno a essa

escola, não sei se ela vai participar como professora de física mais ela está na Eugênio né.

E: E o esporte as vezes trás algum problema pra escola, alguma discussão, alguma briga ou não acontece esse tipo de coisa aqui na escola?

I: Não, isso aconteceu muito nessa escola aqui. Isso não dá pra dizer que não tivesse acontecido, mais eu desde quando entrei cuida, antes de te o projeto Escola Aberta. Eu tive por exemplo assim, um ex-presidente né, um ex-colega aí que foi assaltado aqui e acabou abandonando de cuida. E o colégio ficou fechado por mais de 2 fim de semana e as pessoa que jogam aqui, os veterano, das 8 as 10 da manhã no domingo, todo dia tinha um me procurando em casa pra abri o colégio e tal, mas daí tinha todo uma discussão junto com a direção e o pessoal da SMED pra bota uma pessoa pra cuidá. E nomearam eu, por exemplo, e eu abracei só que mudei o jeito do pessoal joga aqui. Eu não botei juiz pra apita os jogos de futsal, eu uso o apito pra iniciar o horário do jogo e finda o jogo, eu não tenho. Porque juiz nenhum é bom quando começa aquele jogo incirado por exemplo assim, no bairro né, na vila, tem muitas pessoas que uns são duma vila e outro doutra, existe uma rixa anterior e eu tentei fazer um teste sobre esse tipo de jogos e deu certo. Eu hoje tô a mais de 10 anos cuidando da quadra d esporte e não tenho nenhuma briga que levasse a uma ocorrência policial, mesmo nos papel do Escola Aberta, eu só tenho um registro feito ocorrência devido um adolescente que se alterou com o professor, um oficineiro, e a gente pra mostrar pra outros que vinham incentivando.

E: Só pra registrar foi feito uma interrupção pra entrega das cheves pro coordenador da escola. Então, o senhor tava falando das brigas na escola...

I: Sim, um adolescente que se alterou por exemplo, dentro do horário do esporte né, do futsal. Na verdade ele veio de casa com probrema né e entrou pra escuiambá, e aí pra demonstra pra ele que na escola existia normas a ser cumprida, eu dei ao oficineiro a orde que ele expulsasse ele da quadra né e desse seguimento ao jogo dos outros. E o adolescente não quiz sair, não quis sair desrespeitando o oficineiro né, e eu fui parei o jogo, recai a bola né e ele ficou, como se diz, no redor alí aloprando, fazendo e acontecendo, dando ar né. Enquanto isso comuniquei a guarda municipal e veio né a viatura com dois GM e pegaram o rapaz, fizeram ele entender que alí não era o local pra quele tipo de

coisa. Chamaram o pai que mora perto e levaram até a delegacia, fizeram um boletim de ocorrências e o rapaz voltou junto com o pai né. Já foi feito, já foi chamado o pai pra não deixar o adolescente fora, longe né, sozinho. Mas pra mostrar que tinha pessoas responsáveis por aquele projeto alí, que não era assim chega e escuiambá que foi feito esse BO e até hoje nunca mais ocorreu, inclusive ele vorto a participá sem problema nenhum.

E: Uma das coisas que mais se aponta hoje em dia é a possibilidade do esporte ser uma ferramenta de inclusão social. Gostaria de saber o que o senhor pensa disso?

I: Ela precisa, pra ser por exemplo assim, pra ser inclusão social mesmo forte né, é como eu falei antes, a comunidade geral tem que participar mais. Não o filho vim, a filha vim joga aqui por exemplo e derrepente sai e não retornar pra casa e o pai pensando que ele tá no colégio, na oficina e já tá derrepente fazendo artes fora dalí né. Então eu acho que, temos que ter maiores divulgação pra comunidade participar mais.

E: A gente já falou dos benefícios do Escola Aberta pra escola, pras pessoas, mas o senhor é morador da comunidade a muito tempo, acho que desde que existe no bairro o senhor é morador do bairro. O que o bairro ganhou em ter o Escola Aberta? O que o senhor acha que as pessoas do bairro, o quê o bairro ganhou, a comunidade ganhou com o Escola Aberta aqui nessa região?

I: Aqui na nossa escola a comunidade ganhou, por exemplo que a gente manteve por exemplo as oficina assim de mais participação né. Onde temo a informática que temos uma bastante aceitação né. E a Escola Aberta através da oficina de informática disponibiliza verba pra compra, pra manter esse laboratório de informática que ele é bastante, tem um alto custo né. Então nessa parte eu acho que a comunidade ganhou com isso. No futsal também, todo material de esporte da quadra era mantido com os jogos da comunidade né, tinha que sair um jogo pra se poder comprar um material de esporte e pagar as despesas de telefone fixo, manutenção de limpeza, tanto da quadra o ginásio como um todo e materiais que eram comprados na cozinha pra cozinha para diversos setores era mantido com o dinheiro dos jogos. Mas pra isso tinha que sair os jogos da comunidade e depois que se implantou esse projeto aqui, a gente teve aceito o projeto foi beneficiado. Porque aí muito dinheiro dos jogos por exemplo que sobra,

se paga outras coisa. Se compra material didático, por exemplo, pra secretaria...com aquele dinheiro dos jogos da comunidade. Que a Escola Aberta mantém o material de esporte né pro colégio.

E: Então a Escola Aberta que dá o dinheiro pra sustentar a escola?

I: Sim, nós começemo aqui com a verba de R\$ 2.400 no inicio do projeto, e daí por falta de conhecimento no segundo mês ela caiu por metade. Ela veio pra R\$ 1.200, tem um livro que o senhor viu na portaria né que toda pessoa que entra e saí, independente de quantas veis chega nos dois dias né de Escola Aberta (sábado e domingo) assina a sua presença alí. E a gente no primeiro contrato não teve muita frequência de pessoas né. Uma porque quase ninguém sabia, no decorrer do terceiro contrato a gente já teve de R\$ 1.200 fomos pra R\$17.610, essa verba veio porque o livro tava cheio. O livro com 200 folhas ele deu quase 15 mil assinaturas alá né e a gente foi incentivando a comunidade a vim e participa, olha as oficina e assina o livro de presença. Até por fim eu sempre mantenho uma pessoa cuidando do livro de presença alí né, pra não deixar que crianças ou alguém risque ou escrevam alguma coisa que não é aceitável e não deixar as pessoas passar sem assina. E quando alguém pergunta o porque assinatura a gente explica que é porque dalí daquela assinatura vem a verba da Escola Aberta pra seus filhos joga gratuitamente.

E: Muito se sustenta que o Escola Aberta e o esporte no Escola Aberta ajuda, não só o esporte, outras dimensões da administração pública como a segurança, a saúde, a educação. O que o senhor pensa disso?

I: Eu penso que por exemplo na área da segurança né, eu devido ao tempo que trabalho aqui a segurança....eles vem fazer visita por exemplo, mas não assim naquela proporção de chegar e fica, vim uma viatura com os GM aqui pra mim abri a porta do colégio, do ginásio pra pessoa jogarem. Eu venho abro o colégio normalmente, fecho muitas vezes sozinho durante todo o horário que a Escola Aberta funciona no sábado de tarde das 13 as 17, mas eu abro o colégio as 7 horas da manhã e fecho as 22 horas da noite né, porque tem jogos da comunidade pago no sábado de manhã e no sábado após as 17 horas. E no domingo também, tem jogos da comunidade pago na parte da manhã até as 11 e daí das 11 começa a Escola Aberta usando a quadra o vôlei até as 16 horas né. E daí tem outras oficinas das 8 ao meio dia nas sala de aula, mas a segurança pra

nós aqui. Ela se vem fazer a visita a gente anota, por exemplo, o horário que chegou, o horário que saiu, o tempo, aquele intervalo que ficaram ali, a vistoria que fez. A central de alarme visita muito, quase todo fim de semana tão aí porque devido ao tamanho do colégio e os blocos que tem fora o alarme toca seguidamente, eles vem fazer a visita e a gente confere não tem nada. A vez o próprio vento balança a cortina, então fica assim.

E: Mas o senhor acha que melhorou a violência em torno da escola ou continua a mesma coisa?

I: Eu acho que melhorou, melhorou bastante, porque antes de ter o projeto, a frente do colégio na parte do noturno era muita gente, ficavam na frente bagunçando, badernando ali, fazendo esparro, fazendo escândalo e não respeitando quem tava estudando, os próprios alunos né que tava e os professores. Muitas vezes incentivando os alunos a não entrar no colégio fica ali e depois que teve o projeto, aquela turma que badernava começaram a participar e continuam participando e hoje não se vê mais no noturno aquela turma ali fazendo. Antes era chamada a brigada seguido pra vim ali tira eles da frente, hoje não é mais necessário isso aí. Então eu acho que ajudou muito.

E: Deixa eu fazer uma outra pergunta. O senhor veio pra Novo Hamburgo em 1980 aí o senhor morou aonde?

I: Eu morei na Anjo Provesano em Canudos, quando não tinha o loteamento Alcântara ali era só mato e barro, até na rua Ícaro ali, na rua principal de Canudos era estrada de chão. E eu era vigilante de uma companhia aqui em Canudos, trabalhava no bairro Ideal né e trabalhei por 2 anos e 4 meses nessa companhia e depois morei na Anjo Provesano até abril de 81, depois fui morar no bairro Idela e morei mais dois anos lá. Depois vim trabalhar numa firma da Sibisa, que tinha em Novo Hamburgo, aqui no bairro São José e acabei comprando uma casinha na RS239, onde não tinha água potável, não tinha energia elétrica, não tinha nada..... mas só que eu não precisava pagar o aluguel né. Tinha por exemplo a casinha próximo a fábrica e ali eu fiquei morando de 83 até 87 quando vim pro loteamento.

E: Na década de 80, o senhor via chegar muita gente de fora da cidade?

I: Muita gente, muita gente. Da nossa região do Alto Uruguai, parte norte do estado lá no município de Severi, Frederico, Palmera, aquela região alí, chegava ah 3, 4 mudanças por dia. Que a gente via só aqui, passar na RS239.

E: E chegava e descarregava na RS?

I: Sim, tinha por exemplo, sempre vinha um familiar antes arrumava um emprego e daí negociava uma casa, uma casinha né, um rancho lá e daí ia busca a família. E assim foi por muito tempo.

E: E quando foi feito a regularização da RS?

I: Em 87 né, em 87 foi feito que daí a gente, o município aqui tinha, por exemplo regularizado aqui o loteamento né e a gente teve a oportunidade de vim pra um local mais digno e temo água potável, temo energia, temo assim.... um espaço maior, não corremos risco, por exemplo, dos acidentes. Que a gente viu muito acidente na RS239 né. Carro batendo, passando por cima de pessoas, caminhão passando por cima de moto e carro pequeno né. Então aquilo alí pra muitas pessoa que morou na RS239 por mais de 6 ano não teve problema, daí depois que saiu que veio pro loteamento e foi trabalhar e tinha que passar pela RS pro outro lado acabaram sendo atropelado. Se houve inverso, uma porque a pessoa já tava acostumada com aquele movimento do carros em alta velocidade e a conscientização dos motoristas naquela época que tinha muita gente morando na RS, parece que era de entrar nessa área e respeitá. Eles não vinham em alta velocidade, e depois que foi tirado os morador, ficou a faixa limpa e tal, tava em fase de educação e foi sendo arrumado e não tinham botado aquele pardal aqui na RS alí, perto do viaduto. A pessoa saia daqui pra ir trabalhar e acabava sendo atropelada no atravessar. Que a faixa ficou bem mais longa.

E: Mais tinha muita gente que vinha pra cá com promessa de emprego e esse iludia? Acontecia essas coisas ou tinha emprego pra todo mundo?

I: Na época tinha emprego pra todo mundo, por exemplo assim, porque as firmas...a Sibisa principalmente onde eu trabalhei como vigilante também, ela tinha por exemplo uma média de 8 ônibus de uma empresa aí de Novo Hamburgo (hamburguesa) que levava, 8 ônibus só pra levar o pessoal do serão, fora os carros da firma né. Então tinha serviço pra todo mundo né.

E: E aí quando começou a piorar o que aconteceu com essas pessoas?

I: Aí a maioria foram embora pra sua terra natal, a própria prefeitura deu, como se diz assim, a possibilidade, dava o caminhão pra levar o transporte gratuito.

E: Ah a prefeitura levava de volta?

I: Aham, pra sua terra natal quem queria ir. E assim foi amenizando um pouco aquele êxito rural que teve na década de 80 e aí foi horrível né, hoje as pessoas tão mais assim...eles avaliam mais o município que vão né. Eles vão avaliando por exemplo, através de parentes que tem a área de emprego né pra poder ter certeza se vale a pena se localizar ali.

E: Então tá bom, queria agradecer o senhor. Foi muito boa entrevista!

Roteiro de Entrevista

1. dados de identificação (nome, idade, formação escolar, formação profissional, profissão atual, local de trabalho, carga horária de trabalho) – tentar, a partir destes dados, “localizar” “quem é” o voluntário, que “tipo” de pessoa se propõe ao voluntariado, quanto ela investe (pode investir) no trabalho voluntário
2. Há quanto tempo existe escola aberta na sua escola?
3. Como te inseriste?
4. Como foi o processo de implementação do programa?
5. Como você vê hoje o andamento do programa?
6. Quais são as maiores dificuldades do programa?
7. Quais são as maiores virtudes do programa?
8. Você abre mão de outras coisas na sua vida para estar envolvida no programa? Quais são os principais retornos que você vê em sua participação?
9. Pela documentação de implementação do programa ele é pautado pela utilização de trabalhadores voluntário. Há voluntários no programa?(que entendes por voluntariado? Ajuda de custo, sem ajuda de custo, como funciona o pagamento)
10. Qual a sua opinião sobre a utilização do voluntariado no programa? (continuidade? Formação profissional?)
11. Como é o envolvimento de voluntários? (ajuda de custo e sem)
12. O que mais te gratifica em sua atuação no Escola Aberta?
13. Qual a sua opinião sobre você ser considerado Voluntário e receber ajuda de custo?
14. Qual a importância da ajuda de custo em seu orçamento familiar?
15. Você acredita que a utilização de voluntários é uma boa maneira de resolver os problemas sociais?
16. Qual a importância do esporte para a sociedade?
17. Existem praticas esportivas em 24 das 25 escolas atendidas, como você compreende este fenômeno?
18. Qual o papel do esporte no programa na sua escola?

19. Quais são as vantagens e desvantagens de utilizar o esporte em um programa como o escola aberta?
20. O que você pensa de o esporte ser uma possibilidade de inclusão social?
21. Como você vê a implementação do programa do ponto de vista de benefícios para a comunidade de Novo Hamburgo?
22. Com quais outras esferas de políticas públicas (saúde, segurança, educação) o programa concretamente consegue se relacionar em Novo Hamburgo? Por que?

Termo de Consentimento Livre e esclarecido

Novo Hamburgo, ____ de _____ de 200__.

Você está sendo convidada (o) a participar de um estudo sobre os significados e repercussões do trabalho voluntário no contexto do desenvolvimento de políticas públicas de desenvolvimento social no campo do esporte.

Dessa forma, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, sua participação neste estudo. Você receberá uma cópia deste termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

Objetivos do Estudo:

Compreender os significados atribuídos ao trabalho voluntário e como são percebidas as suas repercussões no contexto do desenvolvimento de políticas públicas de desenvolvimento social no campo do esporte.

Publicar os resultados da pesquisa em revistas e congressos relacionados com as áreas de conhecimento afins ao objeto de pesquisa.

Procedimentos

Participar de uma ou mais entrevistas, previamente agendada, a ser realizada num local combinado. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para a sua confirmação das informações coletadas.

Observar as práticas envolvidas no programa.

Riscos e Benefícios do Estudo:

A sua adesão como colaborador(a) com este estudo, não oferece nenhum risco à sua saúde, tão pouco a submeterá a situações constrangedoras.

Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes do texto ser transformado em fonte de pesquisa.

Este estudo poderá contribuir no entendimento científico dos problemas relacionados com o objetivo da pesquisa

Confidencialidade

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade do pesquisador, preservarão a identidade dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizadas.

Voluntariedade

A recusa do participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

Novas informações

A qualquer momento os participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com o pesquisador.

Contatos e informações

Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ESEF/UFRGS

Leandro Forell

E-mail: lforellpos@hotmail.com
Fone: (51) 35951587 – 92266766

Informante

Leandro Forell
(Mestrando do PPGCMH da ESEF/UFRGS)

10 .Anexos



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 9.608, DE 18 DE FEVEREIRO DE 1998

Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim.

Art. 2º O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de termo de adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício.

Art. 3º O prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias.

Parágrafo único. As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.

Art. 3º-A. Fica a União autorizada a conceder auxílio financeiro ao prestador de serviço voluntário com idade de dezesseis a vinte e quatro anos integrante de família com renda mensal per capita de até meio salário mínimo. ~~(Incluído pela Lei nº 10.748, de 22.10.2003) — (Regulamento) (Revogado pela Medida Provisória nº 411, de 2007). — (Revogado pela Lei nº 11.692, de 2008)~~

§ 1º O auxílio financeiro a que se refere o caput terá valor de até R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) e será custeado com recursos da União por um período máximo de seis meses, sendo destinado preferencialmente: ~~(Incluído pela Lei nº 10.748, de 22.10.2003) (Revogado pela Medida Provisória nº 411, de 2007). — (Revogado pela Lei nº 11.692, de 2008)~~

I — aos jovens egressos de unidades prisionais ou que estejam cumprindo medidas sócio-educativas; e ~~(Incluído pela Lei nº 10.748, de 22.10.2003) (Revogado pela Medida Provisória nº 411, de 2007). — (Revogado pela Lei nº 11.692, de 2008)~~

II — a grupos específicos de jovens trabalhadores submetidos a maiores taxas de desemprego. ~~(Incluído pela Lei nº 10.748, de 22.10.2003) (Revogado pela Medida Provisória nº 411, de 2007). — (Revogado pela Lei nº 11.692, de 2008)~~

§ 2º O auxílio financeiro será pago pelo órgão ou entidade pública ou instituição privada sem fins lucrativos previamente cadastrados no Ministério do Trabalho e Emprego, utilizando recursos da União, mediante convênio, ou com recursos próprios. ~~(Incluído pela Lei nº 10.748, de~~

~~[22.10.2003](#)~~ ~~(Revogado pela Medida Provisória nº 411, de 2007).~~ ~~(Revogado pela Lei nº 11.692, de 2008)~~

— § 3º É vedada a concessão do auxílio financeiro a que se refere este artigo ao voluntário que preste serviço a entidade pública ou instituição privada sem fins lucrativos, na qual trabalhe qualquer parente, ainda que por afinidade, até o terceiro grau, bem como ao beneficiado pelo Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego para os Jovens — PNPE. ~~(Incluído pela Lei nº 10.748, de 22.10.2003)~~ ~~(Revogado pela Medida Provisória nº 411, de 2007).~~ ~~(Revogado pela Lei nº 11.692, de 2008)~~

— § 2º O auxílio financeiro poderá ser pago por órgão ou entidade pública ou instituição privada sem fins lucrativos previamente cadastrados no Ministério do Trabalho e Emprego, utilizando recursos da União, mediante convênio, ou com recursos próprios. ~~(Redação dada pela Lei nº 10.940, de 2004)~~ ~~(Revogado pela Medida Provisória nº 411, de 2007).~~ ~~(Revogado pela Lei nº 11.692, de 2008)~~

— § 3º É vedada a concessão do auxílio financeiro a que se refere este artigo ao voluntário que preste serviço a entidade pública ou instituição privada sem fins lucrativos, na qual trabalhe qualquer parente, ainda que por afinidade, até o 2º (segundo) grau. ~~(Redação dada pela Lei nº 10.940, de 2004)~~ ~~(Revogado pela Medida Provisória nº 411, de 2007).~~ ~~(Revogado pela Lei nº 11.692, de 2008)~~

— § 4º Para efeitos do disposto neste artigo, considera-se família a unidade nuclear, eventualmente ampliada por outros indivíduos que com ela possuam laços de parentesco, que forme um grupo doméstico, vivendo sob o mesmo teto e mantendo sua economia pela contribuição de seus membros. ~~(Incluído pela Lei nº 10.748, de 22.10.2003)~~ ~~(Revogado pela Medida Provisória nº 411, de 2007).~~ ~~(Revogado pela Lei nº 11.692, de 2008)~~

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 18 de fevereiro de 1998; 177º da Independência e 110º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Paulo Paiva

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 19.2.1998



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 9.637, DE 15 DE MAIO DE 1998.

Conversão da MPv nº 1.648-7, de 1998

Dispõe sobre a qualificação de entidades como organizações sociais, a criação do Programa Nacional de Publicização, a extinção dos órgãos e entidades que menciona e a absorção de suas atividades por organizações sociais, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I
DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

Seção I
Da Qualificação

Art. 1º O Poder Executivo poderá qualificar como organizações sociais pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde, atendidos aos requisitos previstos nesta Lei.

Art. 2º São requisitos específicos para que as entidades privadas referidas no artigo anterior habilitem-se à qualificação como organização social:

I - comprovar o registro de seu ato constitutivo, dispondo sobre:

- a) natureza social de seus objetivos relativos à respectiva área de atuação;
- b) finalidade não-lucrativa, com a obrigatoriedade de investimento de seus excedentes financeiros no desenvolvimento das próprias atividades;
- c) previsão expressa de a entidade ter, como órgãos de deliberação superior e de direção, um conselho de administração e uma diretoria definidos nos termos do estatuto, asseguradas àquele composição e atribuições normativas e de controle básicas previstas nesta Lei;
- d) previsão de participação, no órgão colegiado de deliberação superior, de representantes do Poder Público e de membros da comunidade, de notória capacidade profissional e idoneidade moral;
- e) composição e atribuições da diretoria;

f) obrigatoriedade de publicação anual, no Diário Oficial da União, dos relatórios financeiros e do relatório de execução do contrato de gestão;

g) no caso de associação civil, a aceitação de novos associados, na forma do estatuto;

h) proibição de distribuição de bens ou de parcela do patrimônio líquido em qualquer hipótese, inclusive em razão de desligamento, retirada ou falecimento de associado ou membro da entidade;

i) previsão de incorporação integral do patrimônio, dos legados ou das doações que lhe foram destinados, bem como dos excedentes financeiros decorrentes de suas atividades, em caso de extinção ou desqualificação, ao patrimônio de outra organização social qualificada no âmbito da União, da mesma área de atuação, ou ao patrimônio da União, dos Estados, do Distrito Federal ou dos Municípios, na proporção dos recursos e bens por estes alocados;

II - haver aprovação, quanto à conveniência e oportunidade de sua qualificação como organização social, do Ministro ou titular de órgão supervisor ou regulador da área de atividade correspondente ao seu objeto social e do Ministro de Estado da Administração Federal e Reforma do Estado.

Seção II Do Conselho de Administração

Art. 3º O conselho de administração deve estar estruturado nos termos que dispuser o respectivo estatuto, observados, para os fins de atendimento dos requisitos de qualificação, os seguintes critérios básicos:

I - ser composto por:

a) 20 a 40% (vinte a quarenta por cento) de membros natos representantes do Poder Público, definidos pelo estatuto da entidade;

b) 20 a 30% (vinte a trinta por cento) de membros natos representantes de entidades da sociedade civil, definidos pelo estatuto;

c) até 10% (dez por cento), no caso de associação civil, de membros eleitos dentre os membros ou os associados;

d) 10 a 30% (dez a trinta por cento) de membros eleitos pelos demais integrantes do conselho, dentre pessoas de notória capacidade profissional e reconhecida idoneidade moral;

e) até 10% (dez por cento) de membros indicados ou eleitos na forma estabelecida pelo estatuto;

II - os membros eleitos ou indicados para compor o Conselho devem ter mandato de quatro anos, admitida uma recondução;

III - os representantes de entidades previstos nas alíneas "a" e "b" do inciso I devem corresponder a mais de 50% (cinquenta por cento) do Conselho;

IV - o primeiro mandato de metade dos membros eleitos ou indicados deve ser de dois anos, segundo critérios estabelecidos no estatuto;

V - o dirigente máximo da entidade deve participar das reuniões do conselho, sem direito a voto;

VI - o Conselho deve reunir-se ordinariamente, no mínimo, três vezes a cada ano e, extraordinariamente, a qualquer tempo;

VII - os conselheiros não devem receber remuneração pelos serviços que, nesta condição, prestarem à organização social, ressalvada a ajuda de custo por reunião da qual participem;

VIII - os conselheiros eleitos ou indicados para integrar a diretoria da entidade devem renunciar ao assumirem funções executivas.

Art. 4º Para os fins de atendimento dos requisitos de qualificação, devem ser atribuições privativas do Conselho de Administração, dentre outras:

I - fixar o âmbito de atuação da entidade, para consecução do seu objeto;

II - aprovar a proposta de contrato de gestão da entidade;

III - aprovar a proposta de orçamento da entidade e o programa de investimentos;

IV - designar e dispensar os membros da diretoria;

V - fixar a remuneração dos membros da diretoria;

VI - aprovar e dispor sobre a alteração dos estatutos e a extinção da entidade por maioria, no mínimo, de dois terços de seus membros;

VII - aprovar o regimento interno da entidade, que deve dispor, no mínimo, sobre a estrutura, forma de gerenciamento, os cargos e respectivas competências;

VIII - aprovar por maioria, no mínimo, de dois terços de seus membros, o regulamento próprio contendo os procedimentos que deve adotar para a contratação de obras, serviços, compras e alienações e o plano de cargos, salários e benefícios dos empregados da entidade;

IX - aprovar e encaminhar, ao órgão supervisor da execução do contrato de gestão, os relatórios gerenciais e de atividades da entidade, elaborados pela diretoria;

X - fiscalizar o cumprimento das diretrizes e metas definidas e aprovar os demonstrativos financeiros e contábeis e as contas anuais da entidade, com o auxílio de auditoria externa.

Seção III Do Contrato de Gestão

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, entende-se por contrato de gestão o instrumento firmado entre o Poder Público e a entidade qualificada como organização social, com vistas à formação de parceria entre as partes para fomento e execução de atividades relativas às áreas relacionadas no art. 1º.

Art. 6º O contrato de gestão, elaborado de comum acordo entre o órgão ou entidade supervisora e a organização social, discriminará as atribuições, responsabilidades e obrigações do Poder Público e da organização social.

Parágrafo único. O contrato de gestão deve ser submetido, após aprovação pelo Conselho de Administração da entidade, ao Ministro de Estado ou autoridade supervisora da área correspondente à atividade fomentada.

Art. 7º Na elaboração do contrato de gestão, devem ser observados os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e, também, os seguintes preceitos:

I - especificação do programa de trabalho proposto pela organização social, a estipulação das metas a serem atingidas e os respectivos prazos de execução, bem como previsão expressa dos critérios objetivos de avaliação de desempenho a serem utilizados, mediante indicadores de qualidade e produtividade;

II - a estipulação dos limites e critérios para despesa com remuneração e vantagens de qualquer natureza a serem percebidas pelos dirigentes e empregados das organizações sociais, no exercício de suas funções.

Parágrafo único. Os Ministros de Estado ou autoridades supervisoras da área de atuação da entidade devem definir as demais cláusulas dos contratos de gestão de que sejam signatários.

Seção IV Da Execução e Fiscalização do Contrato de Gestão

Art. 8º A execução do contrato de gestão celebrado por organização social será fiscalizada pelo órgão ou entidade supervisora da área de atuação correspondente à atividade fomentada.

§ 1º A entidade qualificada apresentará ao órgão ou entidade do Poder Público supervisora signatária do contrato, ao término de cada exercício ou a qualquer momento, conforme recomende o interesse público, relatório pertinente à execução do contrato de gestão, contendo comparativo específico das metas propostas com os resultados alcançados, acompanhado da prestação de contas correspondente ao exercício financeiro.

§ 2º Os resultados atingidos com a execução do contrato de gestão devem ser analisados, periodicamente, por comissão de avaliação, indicada pela autoridade supervisora da área correspondente, composta por especialistas de notória capacidade e adequada qualificação.

§ 3º A comissão deve encaminhar à autoridade supervisora relatório conclusivo sobre a avaliação procedida.

Art. 9º Os responsáveis pela fiscalização da execução do contrato de gestão, ao tomarem conhecimento de qualquer irregularidade ou ilegalidade na utilização de recursos ou bens de origem pública por organização social, dela darão ciência ao Tribunal de Contas da União, sob pena de responsabilidade solidária.

Art. 10. Sem prejuízo da medida a que se refere o artigo anterior, quando assim exigir a gravidade dos fatos ou o interesse público, havendo indícios fundados de malversação de bens ou recursos de origem pública, os responsáveis pela fiscalização representarão ao Ministério Público, à Advocacia-Geral da União ou à Procuradoria da entidade para que requeira ao juízo competente a decretação da indisponibilidade dos bens da entidade e o seqüestro dos bens dos seus dirigentes, bem como de agente público ou terceiro, que possam ter enriquecido ilicitamente ou causado dano ao patrimônio público.

§ 1º O pedido de seqüestro será processado de acordo com o disposto nos [arts. 822 e 825 do Código de Processo Civil](#).

§ 2º Quando for o caso, o pedido incluirá a investigação, o exame e o bloqueio de bens, contas bancárias e aplicações mantidas pelo demandado no País e no exterior, nos termos da lei e dos tratados internacionais.

§ 3º Até o término da ação, o Poder Público permanecerá como depositário e gestor dos bens e valores seqüestrados ou indisponíveis e velará pela continuidade das atividades sociais da entidade.

Seção V Do Fomento às Atividades Sociais

Art. 11. As entidades qualificadas como organizações sociais são declaradas como entidades de interesse social e utilidade pública, para todos os efeitos legais.

Art. 12. Às organizações sociais poderão ser destinados recursos orçamentários e bens públicos necessários ao cumprimento do contrato de gestão.

§ 1º São assegurados às organizações sociais os créditos previstos no orçamento e as respectivas liberações financeiras, de acordo com o cronograma de desembolso previsto no contrato de gestão.

§ 2º Poderá ser adicionada aos créditos orçamentários destinados ao custeio do contrato de gestão parcela de recursos para compensar desligamento de servidor cedido, desde que haja justificativa expressa da necessidade pela organização social.

§ 3º Os bens de que trata este artigo serão destinados às organizações sociais, dispensada licitação, mediante permissão de uso, consoante cláusula expressa do contrato de gestão.

Art. 13. Os bens móveis públicos permitidos para uso poderão ser permutados por outros de igual ou maior valor, condicionado a que os novos bens integrem o patrimônio da União.

Parágrafo único. A permuta de que trata este artigo dependerá de prévia avaliação do bem e expressa autorização do Poder Público.

Art. 14. É facultado ao Poder Executivo a cessão especial de servidor para as organizações sociais, com ônus para a origem.

§ 1º Não será incorporada aos vencimentos ou à remuneração de origem do servidor cedido qualquer vantagem pecuniária que vier a ser paga pela organização social.

§ 2º Não será permitido o pagamento de vantagem pecuniária permanente por organização social a servidor cedido com recursos provenientes do contrato de gestão, ressalvada a hipótese de adicional relativo ao exercício de função temporária de direção e assessoria.

§ 3º O servidor cedido perceberá as vantagens do cargo a que fizer juz no órgão de origem, quando ocupante de cargo de primeiro ou de segundo escalão na organização social.

Art. 15. São extensíveis, no âmbito da União, os efeitos dos arts. 11 e 12, § 3º, para as entidades qualificadas como organizações sociais pelos Estados, pelo Distrito Federal e pelos Municípios, quando houver reciprocidade e desde que a legislação local não contrarie os preceitos desta Lei e a legislação específica de âmbito federal.

Seção VI Da Desqualificação

Art. 16. O Poder Executivo poderá proceder à desqualificação da entidade como organização social, quando constatado o descumprimento das disposições contidas no contrato de gestão.

§ 1º A desqualificação será precedida de processo administrativo, assegurado o direito de ampla defesa, respondendo os dirigentes da organização social, individual e solidariamente, pelos danos ou prejuízos decorrentes de sua ação ou omissão.

§ 2º A desqualificação importará reversão dos bens permitidos e dos valores entregues à utilização da organização social, sem prejuízo de outras sanções cabíveis.

CAPÍTULO II DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 17. A organização social fará publicar, no prazo máximo de noventa dias contado da assinatura do contrato de gestão, regulamento próprio contendo os procedimentos que adotar para a contratação de obras e serviços, bem como para compras com emprego de recursos provenientes do Poder Público.

Art. 18. A organização social que absorver atividades de entidade federal extinta no âmbito da área de saúde deverá considerar no contrato de gestão, quanto ao atendimento da comunidade, os princípios do Sistema Único de Saúde, expressos no [art. 198 da Constituição Federal](#) e no [art. 7º da Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990](#).

Art. 19. As entidades que absorverem atividades de rádio e televisão educativa poderão receber recursos e veicular publicidade institucional de entidades de direito público ou privado, a título de apoio cultural, admitindo-se o patrocínio de programas, eventos e projetos, vedada a veiculação remunerada de anúncios e outras práticas que configurem comercialização de seus intervalos. ([Regulamento](#))

Art. 20. Será criado, mediante decreto do Poder Executivo, o Programa Nacional de Publicização - PNP, com o objetivo de estabelecer diretrizes e critérios para a qualificação de organizações sociais, a fim de assegurar a absorção de atividades desenvolvidas por entidades ou órgãos públicos da União, que atuem nas atividades referidas no art. 1º, por organizações sociais, qualificadas na forma desta Lei, observadas as seguintes diretrizes:

- I - ênfase no atendimento do cidadão-cliente;
- II - ênfase nos resultados, qualitativos e quantitativos nos prazos pactuados;
- III - controle social das ações de forma transparente.

Art. 21. São extintos o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, integrante da estrutura do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, e a Fundação Roquette Pinto, entidade vinculada à Presidência da República.

§ 1º Competirá ao Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado supervisionar o processo de inventário do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, a cargo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, cabendo-lhe realizá-lo para a Fundação Roquette Pinto.

§ 2º No curso do processo de inventário da Fundação Roquette Pinto e até a assinatura do contrato de gestão, a continuidade das atividades sociais ficará sob a supervisão da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.

§ 3º É o Poder Executivo autorizado a qualificar como organizações sociais, nos termos desta Lei, as pessoas jurídicas de direito privado indicadas no Anexo I, bem assim a permitir a absorção de atividades desempenhadas pelas entidades extintas por este artigo.

§ 4º Os processos judiciais em que a Fundação Roquette Pinto seja parte, ativa ou passivamente, serão transferidos para a União, na qualidade de sucessora, sendo representada pela Advocacia-Geral da União.

Art. 22. As extinções e a absorção de atividades e serviços por organizações sociais de que trata esta Lei observarão os seguintes preceitos:

I - os servidores integrantes dos quadros permanentes dos órgãos e das entidades extintos terão garantidos todos os direitos e vantagens decorrentes do respectivo cargo ou emprego e integrarão quadro em extinção nos órgãos ou nas entidades indicados no Anexo II, sendo facultada aos órgãos e entidades supervisoras, ao seu critério exclusivo, a cessão de servidor, irrecusável para este, com ônus para a origem, à organização social que vier a absorver as correspondentes atividades, observados os §§ 1º e 2º do art. 14;

II - a desativação das unidades extintas será realizada mediante inventário de seus bens imóveis e de seu acervo físico, documental e material, bem como dos contratos e convênios, com a adoção de providências dirigidas à manutenção e ao prosseguimento das atividades sociais a cargo dessas unidades, nos termos da legislação aplicável em cada caso;

III - os recursos e as receitas orçamentárias de qualquer natureza, destinados às unidades extintas, serão utilizados no processo de inventário e para a manutenção e o financiamento das atividades sociais até a assinatura do contrato de gestão;

IV - quando necessário, parcela dos recursos orçamentários poderá ser reprogramada, mediante crédito especial a ser enviado ao Congresso Nacional, para o órgão ou entidade supervisora dos contratos de gestão, para o fomento das atividades sociais, assegurada a liberação periódica do respectivo desembolso financeiro para a organização social;

V - encerrados os processos de inventário, os cargos efetivos vagos e os em comissão serão considerados extintos;

VI - a organização social que tiver absorvido as atribuições das unidades extintas poderá adotar os símbolos designativos destes, seguidos da identificação "OS".

§ 1º A absorção pelas organizações sociais das atividades das unidades extintas efetivar-se-á mediante a celebração de contrato de gestão, na forma dos arts. 6º e 7º.

§ 2º Poderá ser adicionada às dotações orçamentárias referidas no inciso IV parcela dos recursos decorrentes da economia de despesa incorrida pela União com os cargos e funções comissionados existentes nas unidades extintas.

Art. 23. É o Poder Executivo autorizado a ceder os bens e os servidores da Fundação Roquette Pinto no Estado do Maranhão ao Governo daquele Estado.

Art. 24. São convalidados os atos praticados com base na [Medida Provisória nº 1.648-7, de 23 de abril de 1998](#).

Art. 25. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 15 de maio de 1998; 177º da Independência e 110º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Pedro Malan
Paulo Paiva
José Israel Vargas

Luiz Carlos Bresser Pereira
Clovis de Barros Carvalho

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 18.5.1998

ANEXO I

(Lei nº 9.637, de 15 de maio de 1998)

ÓRGÃO E ENTIDADE EXTINTOS	ENTIDADE AUTORIZADA A SER QUALIFICADA	REGISTRO CARTORIAL
Laboratório Nacional de Luz Síncrotron	Associação Brasileira de Tecnologia de Luz Síncrotron - ABTLus	Primeiro Ofício de Registro de Títulos e Documentos da Cidade de Campinas - SP, nº de ordem 169367, averbado na inscrição nº 10.814, Livro A-36, Fls 01.
Fundação Roquette Pinto	Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto - ACERP	Registro Civil das Pessoas Jurídicas, Av. Pres. Roosevelt, 126, Rio de Janeiro - RJ, apontado sob o nº de ordem 624205 do protocolo do Livro A nº 54, registrado sob o nº de ordem 161374 do Livro A nº 39 do Registro Civil das Pessoas Jurídicas.

ANEXO II

(Lei nº 9.637, de 15 de maio de 1998)

ÓRGÃO E ENTIDADE EXTINTOS	QUADRO EM EXTINÇÃO
Laboratório Nacional de Luz Síncrotron	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq
Fundação Roquette Pinto	Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado



FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DINHEIRO DIRETO NA ESCOLA
PDDE/FEFS

Termo de Adesão e Compromisso

_____, _____,
_____, _____, _____,
Civil *Nome do(a) Voluntário(a)* *(Nacionalidade)* *(Estado*
residente e domiciliado(a) no(a) _____,
_____, _____,
(nº) *(Rua/Avenida)*
_____, _____, _____, _____ portador(a) do
CPF n.º _____,
(Complemento) *(Bairro)* *(Cidade)* *(UF)*
_____ carteira de identidade n.º _____,
_____/_____, _____,
(UF) *(Nº do CPF)* *(Órgão Expedidor)*

pele presente instrumento, formaliza adesão e compromisso em prestar, a contento, *serviço voluntário*, nos termos da Lei nº 9.608, 18 de janeiro de 1988, que tem por objeto a () **execução** () **organização** () **coordenação** () **supervisão** de atividades educativas e recreativas nos finais de semana em escolas públicas definidas em Resolução do Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, que dispõe, anualmente, sobre os processos de adesão e habilitação e as formas de execução e prestação de contas do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), cõncio de que fará jus ao ressarcimento das despesas com transporte e alimentação decorrentes da prestação do referenciado serviço e que tal serviço não será remunerado e não gerará vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

_____/_____, _____ de _____ de 20____.
(Local) *(UF)*

Assinatura do(a) Voluntário(a)